

ELVINE SIEMENS DÜCK

**WITMARSUM, UMA COMUNIDADE TRILÍNGÜE:
*PLAUDIETSCH, HOCHDEUTSCH E PORTUGUÊS***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Lingüísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras-Lingüística, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA

2005

AGRADECIMENTOS

- À professora e orientadora Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon, pela atenção, pelo aprendizado e pelo reconhecimento da proposta inicial deste trabalho.
- À comunidade da Colônia Witmarsum, em especial aos entrevistados, pelo acolhimento carinhoso e pela contribuição fundamental para a realização deste trabalho.
- Aos meus pais e familiares, pelo apoio e compreensão da minha ausência em vários encontros familiares.
- À minha irmã Margit, pelo importante auxílio nas transcrições e pela disposição em ajudar.
- À Virginia Sambaquy-Wallner, pela simpatia e por colocar tantos materiais à disposição.
- Aos professores Dr. José Luiz da Veiga Mercer e Dr. João Udo Siemens, pelas valiosas sugestões apresentadas na qualificação do projeto e incorporadas ao texto.
- À professora Carmen Schier, pelo incentivo e pelas recomendações iniciais.
- A todos amigos que estiveram presentes nas horas de conflito e que de alguma forma colaboraram profissional ou pessoalmente para a realização deste trabalho.
- Em especial ao meu marido Hugo, pela grande paciência, pelo constante apoio e incentivo, principalmente nas horas de conflito.

“Las lenguas no son ‘objetos’ a los que hay que ‘salvar’, sino procesos de interacción social que definen grupos particulares. Si un grupo no se salta por sí mismo los límites sociales significativos de la sociedad de la que forma parte, no hay esfuerzo posible que puedan hacer educadores y lingüistas por preservar su lengua, a menos que sea documentándola como un artefacto. Pero lo contrario también es verdad, porque una vez que un grupo social logra suficiente cohesión e independencia ...no hay forma de frenar la utilización de la lengua para sus propósitos de identidad.”

David Cristal (A morte das línguas: 2000, p.150)
Tradução para o espanhol, Pedro Tena, 2001.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE GRÁFICOS	ix
LISTA DE MAPAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	1
1 A COMUNIDADE LINGÜÍSTICA	4
1.1 PANORAMA HISTÓRICO DO POVO MENONITA.....	4
1.2 A COLÔNIA WITMARSUM	9
1.3 A ESPECIFICIDADE LINGÜÍSTICA EM WITMARSUM.....	15
1.3.1 O Plautdietsch.....	16
1.4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	18
1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA	19
1.5.1 Objetivo Geral	19
1.5.2 Objetivos Específicos	21
2 REVISÃO DA LITERATURA	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1 BILINGÜISMO	29
3.2 DIGLOSSIA	32
3.3 A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO (<i>CODE-SWITCHING</i>)	36
3.4 <i>PLAUTDIETSCH</i> – UMA LÍNGUA EM PERIGO DE EXTINÇÃO?	39
4 METODOLOGIA	43
4.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA	43
4.2 ESCOLHA DE INFORMANTES	44
4.2.1 Divisão por Faixa Etária	46
4.2.2 Divisão por Sexo	46
4.2.3 Divisão por Escolaridade.....	47
4.3 COLETA DE DADOS	50
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	52
5.1 ÂMBITO RELIGIOSO	52
5.1.1 Cultos e Pregações	53

5.1.2	Oração.....	56
5.1.3	Conversa com o Pastor	58
5.1.4	Atividades de Fé.....	59
5.1.5	Conversas após os Cultos.....	61
5.1.6	Conclusão da Análise sobre o Âmbito Religioso	63
5.2	ÂMBITO DA FAMÍLIA.....	67
5.2.1	Comunicação com Avós.....	68
5.2.2	Comunicação com Irmãos.....	69
5.2.3	Comunicação com o Cônjuge e Filhos.....	72
5.2.4	Conclusão da Análise do Âmbito Familiar.....	74
5.3	ÂMBITO DOS VIZINHOS	75
5.3.1	Comunicação com Vizinhos	76
5.3.2	Conclusão do Âmbito Vizinhança.....	77
5.4	ÂMBITO DA AMIZADE	77
5.4.1	Comunicação com os Amigos.....	78
5.4.2	Conclusão do Âmbito Amizade	79
5.5	ÂMBITO DO LAZER.....	80
5.6	ÂMBITO DO TRABALHO	81
5.7	ÂMBITO ADMINISTRATIVO (COOPERATIVA E ASSOCIAÇÃO)	81
5.8	ÂMBITO DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO.....	82
5.9	ÂMBITO ESCOLAR.....	83
5.10	USO GERAL DA LÍNGUA	84
5.10.1	Preferência em Falar uma Língua.....	84
5.10.2	Grau de Importância dada às Línguas	85
5.10.3	Interesse e Aperfeiçoamento de uma das Línguas.....	87
5.10.4	Diminuição do Uso das Línguas.....	89
5.10.5	Uso das Línguas em Momentos de Atrito e de Tensão	90
5.11	AMOSTRA DE CONTROLE (QUARTA FAIXA ETÁRIA)	91
5.11.1	Âmbito Religioso	92
5.11.2	Âmbito Familiar	92
5.11.3	Âmbito Vizinhança.....	93
5.11.4	Âmbito dos Amigos e Lazer	93
5.11.5	Âmbito Administrativo, Comercial e do Trabalho	93

5.11.6	Âmbito Escolar	94
5.11.7	Uso Geral da Língua	94
5.11.8	Comparação das Duas Amostras	95
5.12	AUTO-AVALIAÇÃO QUANTO ÀS LÍNGUAS	96
5.12.1	Competência na Produção Oral	97
5.12.2	Competência na Compreensão Oral	98
5.12.3	Competência na Compreensão Escrita.....	99
5.12.4	Competência na Escrita	99
5.12.5	Amostra de Controle (Quarta Faixa Etária)	100
5.12.6	Comparação entre as Duas Amostras	100
	CONCLUSÃO	103
	REFERÊNCIAS.....	111
	APÊNDICES	115
	APÊNDICE 1 - CLASSIFICAÇÃO DE INFORMANTES	116
	APÊNDICE 2 - PESQUISA DE CAMPO	117
	APÊNDICE 3 - PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	131
	APÊNDICE 4 - LISTA CRONOLÓGICA COMENTADA DOS TRABALHOS MAIS RELEVANTES QUE TRATAM DA LÍNGUA ALEMÃ NO SUL DO BRASIL	134
	ANEXOS	139
	ANEXO 1 - HINO DE WITMARSUM	140
	ANEXO 2 - MAPA DOS DIALETOS ALEMÃES	141

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - O TRILINGÜISMO EM WITMARSUM.....	35
TABELA 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES	47
TABELA 3 - CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA.....	49
TABELA 4 - CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR SEXO	49
TABELA 5 - CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR ESCOLARIDADE	49
TABELA 6 - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS QUANTO À PARTICIPAÇÃO E FORMALIDADE	63
TABELA 7 - TABELA DOS USOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNIDADE	104
TABELA 8 - PLANILHA DOS INFORMANTES	116
TABELA 9 - ÂMBITO RELIGIOSO: AMOSTRA REPRESENTATIVA.....	122
TABELA 10 - ÂMBITO FAMILIAR.....	123
TABELA 11 - ÂMBITO DA VIZINHANÇA E AMIGOS	124
TABELA 12 - ÂMBITO DO LAZER, TRABALHO E ADMINISTRATIVO	125
TABELA 13 - ÂMBITO ESCOLAR E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	126
TABELA 14 - ÂMBITO GERAL	127
TABELA 15 - DOMÍNIO FALAR - INFORMANTES DO <i>PLAUDIETSCH</i>	128
TABELA 16 - DOMÍNIO FALAR - INFORMANTES DO <i>HOCHDEUTSCH</i>	128
TABELA 17 - DOMÍNIO ENTENDER – INFORMANTES DO <i>PLAUDIETSCH</i> ...	128
TABELA 18 - DOMÍNIO ENTENDER – INFORMANTES DO <i>HOCHDEUTSCH</i> ...	129
TABELA 19 - DOMÍNIO LER – INFORMANTES DO <i>PLAUDIETSCH</i>	129
TABELA 20 - DOMÍNIO LER – INFORMANTES DO <i>HOCHDEUTSCH</i>	129
TABELA 21 - DOMÍNIO ESCREVER – INFORMANTES DO <i>PLAUDIETSCH</i> ...	130
TABELA 22 - DOMÍNIO ESCREVER – INFORMANTES DO <i>HOCHDEUTSCH</i> ...	130
TABELA 23 - SÍMBOLOS USADOS DURANTE O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO	131
TABELA 24 - CONSOANTES DO <i>PLAUDIETSCH</i>	132
TABELA 25 - DITONGOS DO <i>PLAUDIETSCH</i>	133
TABELA 26 - VOGAIS DO <i>PLAUDIETSCH</i>	133

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA	65
GRÁFICO 2 - ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR SEXO.....	66
GRÁFICO 3 - ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR ESCOLARIDADE.....	67
GRÁFICO 4 - ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA.....	70
GRÁFICO 5 - ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR SEXO.....	71
GRÁFICO 6 - ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR ESCOLARIDADE.....	71
GRÁFICO 7 - COMUNICAÇÃO COM AMIGOS – RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA	79
GRÁFICO 8 - USO GERAL DA LÍNGUA: RESULTADO DO GRUPO <i>PLAUTDIETSCH</i>	89
GRÁFICO 9 - USO GERAL DA LÍNGUA: RESULTADO DO GRUPO <i>HOCHDEUTSCH</i>	89

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE WITMARSUM	10
MAPA 2 - ALDEIAS DE WITMARSUM	12

RESUMO

WITMARSUM, UMA COMUNIDADE TRILÍNGÜE: *PLAUTDIETSCH, HOCHDEUTSCH E PORTUGUÊS*

O trilingüismo, *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português, faz parte do dia-a-dia da Colônia Witmarsum (localizada na parte oriental do segundo planalto paranaense), fundada por descendentes de imigrantes menonitas-alemães que vieram ao Brasil em 1930. Ao traçar o perfil histórico dessa comunidade, um grupo minoritário étnico-religioso, o presente estudo tem como objetivo principal analisar o uso e a alternância dessas línguas na Colônia Witmarsum. Para o desenvolvimento deste trabalho, com base num enfoque sociolingüístico, procuramos verificar a freqüência do uso das três línguas pelos membros da comunidade menonita, a partir das variáveis faixas etárias, sexo e escolaridade, em diversos âmbitos: religioso, familiar, vizinhança, escolar, lazer, trabalho, administrativo, prestação de serviços e o uso geral da língua. Para obter um resultado fidedigno da comunidade em análise, fez-se necessária a formação de um *corpus* representativo, para o qual foram selecionados 24 informantes; além disso, optamos por formar mais duas amostras de controle (com 11 informantes no total), a fim de comparar os resultados de ambas as amostras. A partir das hipóteses iniciais, constatamos diferentes graus de freqüência do uso do *Plautdietsch*, do *Hochdeutsch* e do português na comunidade. Desta forma, o presente estudo pretende averiguar em que proporção fatores sociais, religiosos ou econômicos podem influenciar a mudança de código, comum em ilhas lingüísticas como a de Witmarsum. Observou-se também a atitude dos informantes em relação às línguas, não só no momento presente, mas com uma projeção sobre o que aconteceu nas últimas três gerações de falantes, sobretudo no que diz respeito à sobrevivência do *Plautdietsch*.

Palavras-chave: sociolingüística, trilingüismo, alternância de código.

ABSTRACT

WITMARSUM, A TRILINGUAL COMUNITY: PORTUGUESE, *PLAUDIETSCH* AND *HOCHDEUTSCH*

Being trilingual, Portuguese, *Plautdietsch* and *Hochdeutsch* is part of everyday life of the Witmarsum colony, located at the east of the second plateau in the State of Paraná, founded by German Mennonite immigrants who came to Brazil in 1930. Tracing the historical profile of this community, an ethnic-religious minority, the present research intends to analyze the use and language shift in the Witmarsum colony. For the development of this socio-linguistic study, several aspects were selected, which were considered relevant for the understanding of this situation: age, gender and level of education. In order to obtain reliable results that represent the community we selected a main representative *corpus* of 24 informants; and two control samples (total of 11 informants). From initial hypotheses we could verify different rates in the use of *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* and Portuguese in the community. Thus, the present study attempts to verify in which spheres – religious, family, leisure, work etc. – of the community life, there is greater variation in the use of the languages, and to what extent social, religious, and economic factor influence the code switching, very common in linguistic islands as Witmarsum. Attention was also given to the attitude of the informants with respect to the languages, not only during the interviews, but also as a projection of what happened in the last three generation, especially with respect to the survival of the *Plautdietsch*.

Key-words: sociolinguistic, trilingualism, code switching.

INTRODUÇÃO

O Sul do Brasil é uma região caracterizada pela presença de diferentes comunidades étnicas, onde grupos de imigrantes se ilharam e demarcaram suas fronteiras culturais com sua maneira de viver e de comunicar-se. Muitos desses imigrantes ainda mantêm fortes traços lingüísticos e no seu dia-a-dia conservam hábitos e costumes com base nas tradições culturais. Na sua comunicação diária, esses imigrantes e seus descendentes utilizam fenômenos lingüísticos que são reflexos de uma comunidade bicultural como, por exemplo, as mudanças de código, os empréstimos e as interferências gramaticais. Tais características e valores sociais, culturais, étnicos ou lingüísticos são transmitidos de geração a geração.

O processo de interação de grupos étnicos numa outra cultura implica muitas vezes uma extensão de sua própria dinâmica de viver, ou seja, seus contatos lingüísticos e as suas redes sociais tendem a diversificar-se. Muitas comunidades lingüísticas encontram-se atualmente em fase avançada de assimilação cultural pela sociedade brasileira, pois estão limitadas a pequenos grupos, restrita muitas vezes apenas à rede familiar. Esta dinâmica pode chegar a despersonalizar o grupo, deixando as línguas maternas de ser motivo de conservação e preservação étnicas.

Como exemplo de um grupo étnico podemos citar os menonitas da Colônia Witmarsum. Esta comunidade com aproximadamente 1.600 moradores, localiza-se no planalto central do Paraná, a 23km da sede do Município de Palmeira, entre a cidade de Ponta Grossa (a 50km) e de Curitiba (a 70km). Os menonitas witmarsunenses pertencem ao grupo dos menonitas alemães-russos, que têm sua origem na Frísia, no norte da Holanda e Alemanha. Sua principal atividade econômica é a agropecuária.

A Colônia Witmarsum diferencia-se da maioria das outras comunidades étnicas no Brasil pela forte coesão social e o emprego de três línguas. O uso do *Plautdietsch* (alemão baixo), do *Hochdeutsch*¹ (alemão padrão) e do português, faz parte da comunicação diária dos integrantes desta comunidade. As línguas alemãs

¹ Por utilizarmos os termos em alemão, estaremos mantendo a inicial maiúscula (exigida pela grafia do alemão para substantivo) na denominação dessas duas línguas.

Plautdietsch e *Hochdeutsch* são consideradas como parte da identificação cultural do povo menonita.

A idéia de desenvolver uma pesquisa sociolingüística sobre a língua alemã na Colônia Witmarsum surgiu, em princípio, do interesse que temos pelo assunto, decorrência da nossa própria condição de menonita e professora de alemão, sendo trilingüe (falamos *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português) e onde passamos a infância e adolescência, e até hoje mantemos contato próximo por intermédio dos pais e outros familiares, moradores atuais na Colônia. Esta circunstância pode explicar a particular preocupação com o trilingüismo e o processo de mudança na utilização das línguas na comunidade menonita.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo principal estudar o trilingüismo falado na comunidade menonita de Witmarsum, e, para dar conta do objetivo proposto, este trabalho está estruturado em cinco capítulos, que passamos a apresentar.

No primeiro capítulo apresentamos uma visão geral sobre o contexto histórico-social dos menonitas desde o seu surgimento no século XVI. Com o objetivo de contextualizar a comunidade lingüística em estudo, expomos na segunda parte deste capítulo aspectos socioculturais, religiosos, educacionais e lingüísticos da Colônia Witmarsum, caracterizando inclusive o *Plautdietsch*, a língua falada pelos imigrantes menonitas que chegaram ao Brasil. Em seguida, na terceira parte do capítulo, apresentamos a justificativa para a realização do trabalho, a formulação de hipóteses para os possíveis fenômenos de uso de uma das línguas e os objetivos gerais e específicos a serem alcançados.

No segundo capítulo tratamos da revisão da literatura e de algumas das pesquisas relevantes sobre os dialetos alemães na Região Sul do Brasil. A revisão, estruturada de forma cronológica, pretende oferecer uma visão histórica dos avanços verificados nas pesquisas neste campo do saber.

No terceiro capítulo trazemos o referencial teórico utilizado como base para as pesquisas realizadas. Dessa forma, são descritos conceitos importantes para o recorte analítico que pretendemos empreender, como bilingüismo, *code-switching*, interferência, empréstimo e alternância de código.

Na seqüência, no quarto capítulo, fazemos uma descrição da metodologia da pesquisa. Após a apresentação da composição da amostra e dos critérios da

escolha dos informantes, estão demonstrados a forma como foi efetuada a coleta de dados e os instrumentos utilizados, bem como o procedimento da entrevista e a sua forma de transcrição.

No quinto e mais importante capítulo deste trabalho, expomos a análise dos dados coletados. Aqui será analisada a freqüência do uso do *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português em diversos âmbitos sob três aspectos: faixa etária, sexo e escolaridade. Em seguida há uma descrição da atitude dos informantes em relação às línguas, além da análise da mudança do uso das línguas na sucessão das gerações. Esta análise visa não só caracterizar o uso das línguas do momento presente, mas também descrever as mudanças que ocorreram durante as últimas três décadas na Colônia Witmarsum, principalmente com o *Plautdietsch*.

Em anexo, uma planilha dos informantes, o questionário utilizado para as entrevistas, as tabelas com os resultados quantitativos do questionário e diversos materiais/artigos sobre a comunidade em estudo, pretendem complementar as informações necessárias para a consecução da análise.

1 A COMUNIDADE LINGÜÍSTICA

1.1 PANORAMA HISTÓRICO DO POVO MENONITA

A questão “quem são os menonitas” já ensejou muitas reflexões em termos sociológicos e culturais. Tanto Minnich como Pilatti Balhana (*apud* Klassen, 1998: p.140) definem os menonitas do Brasil como um “grupo étnico minoritário”. Para Minnich, um menonita é uma pessoa nascida em uma família cuja herança sociocultural origina-se nas colônias menonitas da Rússia. Esta pessoa fala o *Plautdietsch* (também conhecido como um dialeto prussiano do oeste) e considera-se integrante do grupo social menonita. Tal pessoa não é necessariamente membro de uma igreja. Pilatti diz que “ser menonita” é antes uma circunstância de nascimento, da língua e da cultura do que um compromisso religioso.

Após pesquisas dentro da própria comunidade menonita a respeito dessa questão, um pioneiro da imigração menonita no Brasil sintetizou muitas definições e concluiu: “a palavra ‘menonita’ tem duplo significado: é um povo étnico, mas também um grupo religioso” (*apud* Klassen, 1998: p.141).

De acordo com Maske (1999: p.12), “a língua, a origem étnica e a religião foram e são fatores que estabelecem entre os menonitas, as bases de sua identidade social”. Desde o surgimento na Holanda, os menonitas têm uma herança sociocultural que pode ser identificada nos laços de família, na igreja, por meio da língua e na coesão social da comunidade.

Verificando o dicionário “Mennonite Low German Dictionary & Mennonitisch-Plattdeutsches Wörterbuch” de Thiessen (2003: p.502), a palavra masculina Mennonit é referida também como *manist, menist, monist, menenit, menonist*. O autor define “Menonita” como aquele que pertence a um grupo cuja religião é evangélica livre, pratica o batismo adulto, renuncia ao serviço de guerra e ao juramento. Um grupo com formação muito peculiar, como veremos a seguir.

O povo menonita surge em decorrência do movimento anabatista na Suíça em 1525. O Anabatismo foi um movimento cuja doutrina se baseava numa nova confissão de fé, representando assim o início de uma Igreja distinta do Catolicismo e do Protestantismo reformado ou luterano.

Essa Confissão de Fé tinha como principal objetivo dar uniformidade ao Anabatismo, e segundo Maske (1999: p.27-28), em especial quanto:

- a) à nova compreensão da forma de congregar os membros da Igreja;
- b) ao significado do Batismo e suas finalidades;
- c) à expulsão dos infiéis;
- d) às idéias concernentes à Eucaristia (negando o poder sacramental da Eucaristia);
- e) ao princípio de separação do mundo terrestre, cheio de trevas, incredulidade e abominação;
- f) à liderança na Igreja;
- g) ao relacionamento entre cristãos e o Estado (que inclui a recusa a participar em exércitos e portar armas);
- h) à prática de não prestar juramentos.

Como o Anabatismo foi duramente perseguido na Suíça, espalhou-se pela Alemanha e chegou aos Países Baixos. Um dos líderes do movimento anabatista foi Menno Simons, e aqueles que seguiam seus ensinamentos foram denominados pelos inimigos “menistas”, e mais tarde “menonitas”.

A parte mais difícil da liderança de Simons não foi a perseguição imposta pela Igreja Católica, nem a contenção dos fanáticos radicais dentro do próprio movimento. Os embates duros surgiram com os grupos que tinham mais em comum com os menonitas: os luteranos e os calvinistas. Com os principais pontos da reforma os menonitas estavam de acordo, em especial na justificação pela fé e na autoridade infalível da Bíblia. No entanto, para os menonitas a justificação pela fé significava que apenas indivíduos com idade suficiente para possuir uma fé convicta e tomar uma decisão por si mesmo poderiam ser batizados, e unicamente aqueles cuja vida mostrava os frutos da fé poderiam fazer parte da comunidade cristã (Maske, 1999: p.36).

Em função da perseguição os menonitas procuravam regiões pouco habitadas, para que assim pudessem formar suas colônias isoladas, auto-suficientes e com pouco contato em relação ao mundo exterior. Várias localidades da Europa acolheram refugiados menonitas, concedendo-lhes liberdade de religião,

permissão para assentamento em colônias fechadas e isenção da prestação do serviço militar.

Nos séculos XVI e XVII um grupo dos menonitas holandeses emigrou para a região do delta do rio Vístula, na Prússia, e Gdanski, atual Polônia. Nessa região os menonitas foram se dirigindo imediatamente para as comunidades rurais nos arredores das cidades maiores, onde as opressões impostas pelos líderes da Igreja Evangélica Luterana eram menores. O contato diário entre os membros do grupo menonita, na esfera privada, dava-se exclusivamente em *Plautdietsch* (um dialeto dos menonitas dos Países Baixos) e como língua pública do grupo foi abandonado lentamente o holandês, sua língua de origem, e adotado o *Hochdeutsch*, a língua oficial da Prússia (Reger & Plett, 2001: p.16).

A situação dos menonitas foi se complicando cada vez mais, especialmente após 1786, quando a Prússia iniciou os preparativos militares necessários devido às inquietações sociais que começavam a sacudir a Europa. Após quase 250 anos fixados na Prússia Ocidental, os menonitas mais uma vez procuraram uma nova pátria.

Seguindo o convite da imperatriz Catarina II, no final do século XVIII e início do século XIX, milhares desses menonitas deixaram o oeste da Prússia e foram para o sul da Rússia. Os novos moradores de origem holandesa providos com os privilégios como liberdade religiosa e previsão de aquisição de terras, tinham a missão de servir como agricultores-modelo para os vizinhos ucranianos. Após algumas décadas, os menonitas russos fundaram, em sua nova pátria, no rio *Dnjepr*, no sul da Rússia, duas grandes colônias-mães, que tinham aproximadamente 100 aldeias. A primeira, também chamada de *Alt-Kolonie* (Colônia Velha), é conhecida como Colonização *Chortiza*; a segunda, denominada *Neu-Kolonie* (Colônia Nova), situava-se ao lado do rio *Molotschna* e, por isso, chamada de Colonização *Molotschna*. Nessas colônias houve, em função da tradição de divisão de herança, um grande problema de falta de terras. Na segunda metade do século XIX surgiram então muitas “colônias filhas”, que se espalharam pelas grandes regiões russas.

Durante 150 anos os menonitas viveram na Rússia em comunidades isoladas, com autonomia civil, onde puderam desenvolver um sistema sociocultural baseado em sua fé, que, segundo Siemens (1984: p.16), “deu ao grupo

características definidas e distintas das dos demais menonitas e dos outros alemães”. Naquela época os menonitas viviam num contexto em que Igreja e sociedade praticamente se fundiam em uma mesma coisa, formando assim um grupo étnico.

Para os menonitas na Rússia os duros anos iniciais deram lugar a uma grande prosperidade. O desenvolvimento dos portos do Mar Negro, aliado ao fertilíssimo solo russo, fez que as colônias dos menonitas se tornassem fortes produtores de cereais, que eram exportados em quantidade substantiva para a Europa Ocidental. Também na área da educação houve grandes progressos: uma Associação para Educação Cristã foi fundada, tendo como objetivo melhor formação dos professores e o estabelecimento de um sistema educacional exemplar e homogêneo para todas as colônias de menonitas na Rússia. “Os menonitas também mantinham hospitais, asilos de deficientes mentais, orfanatos e asilos para idosos” (Siemens 1984: p.17).

Quando os menonitas estavam vivendo o ápice do progresso, o governo russo iniciava um ambicioso programa de nacionalização, o que iria atingi-los profundamente. Em 1891, por determinação imperial, toda a educação deveria ser dada exclusivamente em língua russa. Mais tarde, durante a Primeira Guerra, os menonitas seriam suspeitos de colaboração com a Alemanha, em função de serem considerados etnicamente alemães e falarem o alemão. Com a guerra civil entre os Exércitos Vermelho e Branco, suas propriedades foram devastadas. Logo depois, vieram grupos de salteadores armados, roubando tudo que podiam e matando e queimando o que restava.

Em 1923 um grande número de menonitas iniciou um fluxo migratório para o Canadá, auxiliado pelo grupo lá estabelecido a partir de 1874. O ano de 1928 marcou o início do fim das colônias menonitas da Rússia soviética, e a saída em massa de seus membros para o Canadá, Paraguai e Brasil.

Após Stalin baixar suas severas leis iniciaram-se as fugas rumo a Moscou, com o objetivo de aguardar o passaporte para deixar a União Soviética. Graças a pressões de outros países, dos 15.000 alemães que se encontravam naqueles dias em Moscou, 6.000 conseguiram o almejado passaporte. Entre estes havia 4.000 menonitas. Os outros foram deportados para o interior do país. Como o Canadá havia se tornado um grande centro menonita, o objetivo desses 4.000 era também a

sua transferência para esse país, porém o governo canadense começou a se mostrar mais restritivo e impôs uma série de quesitos: não iria aceitar doentes, inválidos e idosos. Diante disto, apenas 1.344 pessoas deste grupo foram selecionadas para emigrar para o Canadá.

A Alemanha, em 1930, em função da grave situação econômica em que se encontrava, também não tinha interesse em assumir a responsabilidade pelos milhares de descendentes de alemães, entre eles muitos menonitas. Após a permanência como refugiados em Mölln, na Alemanha, esse grupo étnico-religioso tinha a oferta de acolhida de dois países, o Paraguai e o Brasil.

O Paraguai oferecia todos os privilégios requisitados pelos menonitas: total liberdade de religião, isenção do serviço militar, administração independente das colônias e estabelecimento de sistema escolar próprio. Mas, por ser um país pouco desenvolvido, onde as terras oferecidas eram muito mal servidas de água potável, somente uma parte do grupo emigrou para esse país.

O Brasil, apesar de oferecer uma série de vantagens solicitadas pelos menonitas, não iria discutir a questão da isenção do serviço militar. Mesmo assim, 1.256 pessoas optaram em 1930 por emigrar para o Brasil. No interior de Santa Catarina receberam terras montanhosas, cobertas por um mato cerrado, o que assustou os camponeses menonitas habituados com as suaves estepes russas.

Em 1934 chegava ao Brasil mais um grupo de menonitas, formado por cerca de 180 pessoas, oriundos da Sibéria Oriental, que ficaram dois anos refugiados na cidade de Harbin, na China. Com mais esse grupo, o número de menonitas imigrados para o Brasil atingia 1.436 pessoas.

No Brasil, os menonitas foram alocados no vale do rio Krauel e no chapadão do “Stolzplateau”, interior do Estado de Santa Catarina. Esses foram os dois primeiros núcleos coloniais menonitas no Brasil. No vale do rio Krauel, a primeira colônia fundada pelos menonitas foi denominada “Witmarsum”, em homenagem ao líder anabatista do século XVI, Menno Simons, que nasceu na Holanda numa aldeia que tinha esse nome. Seguindo o vale do rio Krauel, foram ainda fundadas as aldeias menores “Waldheim” e “Gnadental”. No alto da serra do “Stolzplateau” a única aldeia fundada pelos menonitas foi “Auhagen”, em reconhecimento ao embaixador Otto Auhagen, um defensor constante dos menonitas.

Segundo Siemens (1984: p.18), “os primeiros anos de colonização foram cheios de dificuldades e com consideráveis sofrimentos”. A primeira colheita de milho, mandioca e batata doce foi um fracasso total. Apesar do empenho dos colonos em tentar garantir a próxima colheita com adubação, ela não foi muito melhor do que a primeira. No terceiro ano de insucesso, ficou claro que aquela terra não seria capaz de mantê-los ali. Em breve algumas famílias tinham perdido a esperança e decidiram procurar terras mais apropriadas para a agricultura.

Em 1934 uma grande parte do grupo já estava em Curitiba, outra parte fixou-se em Blumenau ou dirigiu-se a São Paulo. Em Curitiba, os menonitas estabeleceram-se nos bairros do Boqueirão, do Xaxim, da Vila Guaíra e da Água Verde. Nos primeiros anos, a comunidade vivia bastante isolada do centro da cidade e o contato com brasileiros restringia-se à venda do leite, seu principal meio de subsistência, e às instruções de trabalho aos empregados brasileiros. Nos últimos quarenta anos os menonitas de Curitiba deixaram cada vez mais as atividades relacionadas ao campo e assumiram as mais diversas profissões.

Em 1948 um grupo de 86 famílias menonitas moradoras em Santa Catarina dirigiu-se para o Rio Grande do Sul, fundando “Colônia Nova”, próxima à cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul.

Posteriormente, em 1951, 60 famílias menonitas que ainda permaneciam em Santa Catarina compraram uma área denominada Fazenda Cancela², atualmente a Colônia Witmarsum, localizada nos Campos Gerais do Paraná, no município de Palmeira (PR).

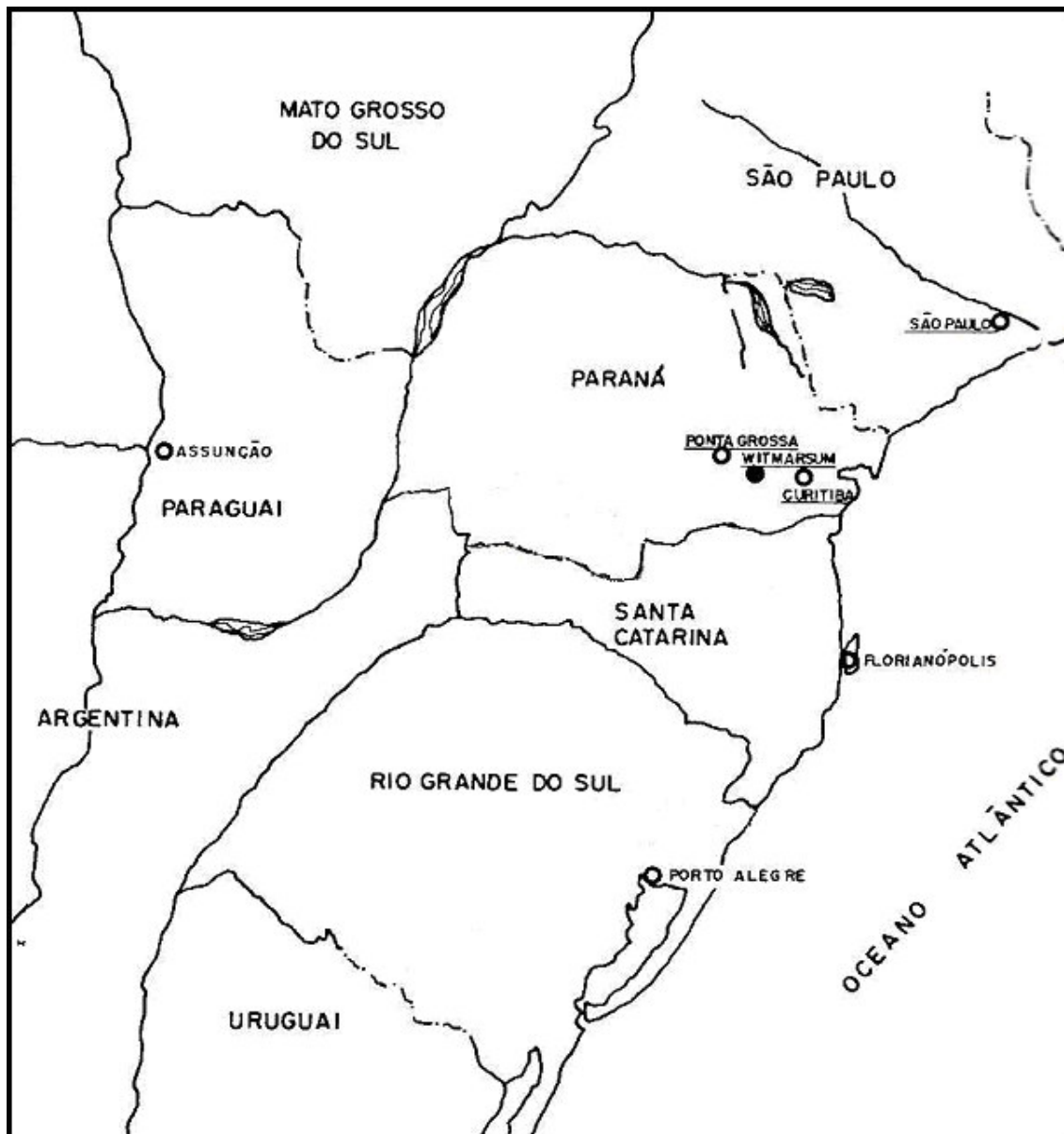
1.2 A COLÔNIA WITMARSUM

A região onde se localiza a Colônia Witmarsum constitui parte do grande planalto sul-brasileiro. Witmarsum encontra-se na parte oriental do segundo planalto paranaense, não muito distante da escarpa conhecida regionalmente pela denominação Serrinha, Serra do Purunã e Serra das Almas.

² As terras da antiga Fazenda Cancela originam-se das sesmarias concedidas em 1708 ao Capitão Manuel Gonçalves da Cruz, residente em Paranaguá.

A Colônia situa-se à margem esquerda da Rodovia do Café (BR376) e a BR277, à margem direita entre os km 50 e 60. Witmarsum pertence ao município de Palmeira (conforme mostra o mapa 1).

MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE WITMARSUM³



Como já mencionado, “Witmarsum” é o nome de uma pequena cidade da Frísia, norte da Holanda, onde nasceu Menno Simons, líder espiritual dos

³ Fonte: Die rußlanddeutschen Mennoniten in Brasilien (Klassen, 1998: p. 22).

anabatistas ou menonitas. 'Witmar' é um nome frísio que quer dizer 'o famoso das florestas'. 'Sum' é um sufixo que significa pomar ou chácara. 'Witmarsum', portanto, seria a 'Chácara do Witmar', 'a chácara do famoso das florestas" (*apud* Nikkel e Kliewer,1991: p.8).

O complexo de terras da Colônia Witmarsum abrange uma área de 7.800 hectares, inicialmente divididas em 128 chácaras de 50 e 100 hectares. Ninguém na época podia vender ou comprar uma chácara sem aprovação da cooperativa da Colônia. Esse pacto impediu por muito tempo a imigração de pessoas não-menonitas para a Colônia.

Primeiramente foram planejadas quatro aldeias⁴ na Colônia, as quais tinham um número e um nome. Os nomes Alegrete, Sono e Cancela não foram bem aceitos e apenas os números das aldeias permaneceram. Mais tarde foi fundada mais uma aldeia, de modo que atualmente existem cinco aldeias dispostas em torno de um centro administrativo comercial e social, situado na sede da antiga Fazenda Cancela.

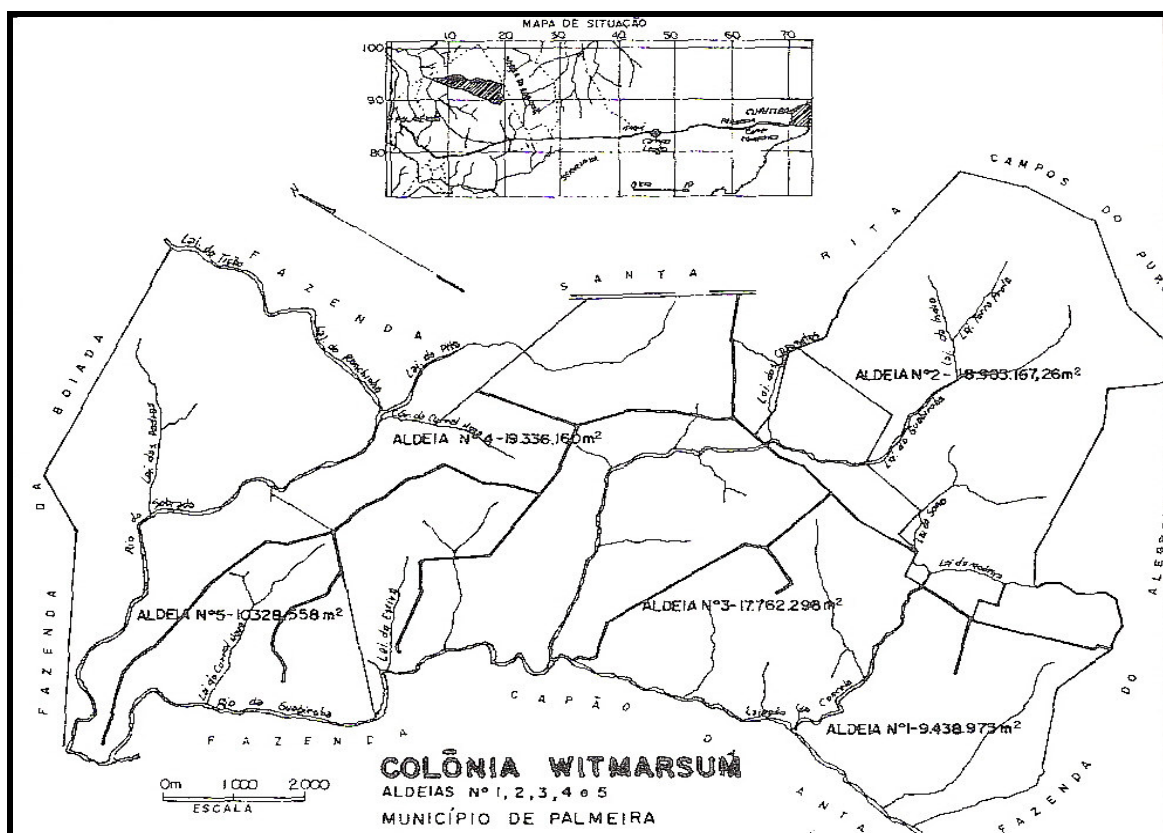
Em 1954 apenas 75 das 128 chácaras eram habitadas e isto era motivo de preocupação para os líderes da comunidade, pois a mantenedora (Cooperativa) era muito pequena para as necessidades de organizações administrativas, culturais e sociais. No início do planejamento da Colônia, havia grande interesse por parte da comunidade menonita de Curitiba imigrar para Witmarsum; porém, o trabalho árduo de pioneiro fez que muitos permanecessem na cidade. Mesmo assim, o número de habitantes foi crescendo lentamente.

Dados estatísticos oficiais sobre a população de Witmarsum nos primeiros anos após sua fundação não foram encontrados. Em 1965 foi feito um levantamento dos habitantes menonitas em Witmarsum pelo sociólogo Minnich (*apud* Klassen,1998: p.58), que contou 127 famílias, com um total de 691 pessoas. Em 1979 foram contadas 167 famílias menonitas, com um total de 769 pessoas. Nessa época havia 28 famílias moradoras em Witmarsum cuja ascendência não era menonita. Em 1995 o número dos moradores de descendência menonita em Witmarsum cresce para 1.086. Com o passar do tempo, o número de empregados e funcionários não-menonitas aumenta consideravelmente, como também os

⁴ Em alemão usa-se o termo "Dorf" para aldeia.

casamentos entre menonitas e não-menonitas. Em 1995 há 800 pessoas não-menonitas em Witmarsum. Segundo os dados fornecidos numa circular de 2001 da Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum, 1.599 pessoas vivem na colônia. Destas, 1.183 são de ascendência menonita e ainda falam o alemão-padrão *Hochdeutsch* e, ou, o dialeto *Plautdietsch*.

MAPA 2 – ALDEIAS DE WITMARSUM⁵



A base econômica de Witmarsum reside desde a sua fundação na agropecuária, desenvolvida sobretudo no setor da pecuária leiteira. O leite é comercializado para grandes centros como Curitiba, Ponta Grossa e para outras cidades próximas. Hoje a pecuária leiteira de Witmarsum é reconhecida nacionalmente mediante a participação dos animais em exposições de âmbito nacional e da comercialização com produtores de todas as regiões do país.

⁵ Fonte: Die rußlanddeutschen Mennoniten in Brasilien (Klassen, 1998: p. 56).

Tendo em vista o futuro dos jovens agricultores de Witmarsum, a cooperativa comprou em 1980 uma área de 494 hectares a 35km da Colônia, chamada de “Colônia Primavera”. Em 1990 outra área é adquirida a 32km de Witmarsum e denominada “Sinuelo”. Ambas as colônias são administradas economicamente pela cooperativa de Witmarsum.

Para atender ao interesse cultural e social da comunidade, foi fundada em 1988 a Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum. Os membros da cooperativa destinam 1% da sua produção mensal para o caixa da Associação. Com este fundo são mantidos, por exemplo, o ensino de pré-escola e o ensino fundamental e médio, o museu histórico, o atendimento médico-ambulatorial, hospitalar, farmacêutico e odontológico, a escola de música, atividades esportivas e outras modalidades de desenvolvimento cultural da comunidade. Em 2001 a associação contava com 263 associados. A separação das funções de trabalho da Associação e da Cooperativa é reconhecida pelos moradores de Witmarsum como a solução para uma coesão social da comunidade. Segundo Klassen (1998; p.61), a continuidade da coesão social dependerá do interesse por ser integrante de uma comunidade e da responsabilidade de cada membro desta comunidade.

Nesse sentido, desde a sua fundação, a comunidade de Witmarsum preocupou-se com a questão religiosa e a vida em comunidade, pois segundo Pauls Jun., ex-diretor e professor do colégio de Witmarsum, “uma comunidade que tenha interesse em permanecer junta, não deve basear-se apenas em interesses econômicos, objetivos culturais e manter relacionamentos sociais e étnicos, mas sobretudo deve ter uma fé em comum, uma comunhão religiosa” (*apud* Klassen 1998: p.142).

Ao longo do seu crescimento e desenvolvimento, a comunidade de Witmarsum vivenciou dificuldades econômicas, tensões e conflitos internos, que poderiam ter desfeito a própria colônia. Mas, segundo Pauls Jun., exatamente naqueles momentos difíceis, o que uniu a comunidade foi ter como fundamento uma fé em comum (*apud* Klassen 1998: p.142). Ele ainda complementa: “os três pilares que mantiveram e que ainda mantêm a existência da colônia são: a igreja, a cooperativa e a escola”.

Com efeito, uma das primeiras preocupações após a chegada dos menonitas a Witmarsum foi a fundação de uma escola. Graças ao trabalho árduo

dos pioneiros, foi fundado em 1952 o Colégio Fritz Kliwer. Desde a sua fundação, a escola desempenha um papel importante na manutenção do bilingüismo (*Hochdeutsch* e português). O colégio oferece desde seu primeiro ano de funcionamento aulas de alemão como língua materna. Essas aulas são mais dirigidas para alunos que já apresentam um prévio conhecimento na língua alemã, na maioria são filhos de famílias menonitas. Como o colégio também tem alunos unilíngües, estes recebem o ensino do alemão como língua estrangeira.

Tanto a educação infantil como o ensino médio são oferecidos em regime particular, o ensino de 1^a à 4^a série é municipal e o ensino de 5^a à 8^a série é oferecido pelo Estado.

O jardim de infância para alunos bilíngües funciona totalmente em língua alemã. Na pré-escola os alunos são alfabetizados nas duas línguas: em alemão (*Hochdeutsch*) e em português. A partir da primeira série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio os alunos têm quatro aulas semanais de alemão.

No ano de 2004 estudaram 456 alunos no colégio, destes 318 no período da manhã e 138 no período da tarde.

É também do interesse da comunidade a manutenção das tradições e cultivo dos valores por meio do colégio. Para isso as atividades diárias iniciam com uma oração e o ensino religioso está inserido no currículo.

Quanto à infra-estrutura, a Colônia Witmarsum possui atualmente uma série de instalações: um colégio, um museu, uma igreja evangélica menonita, uma igreja evangélica irmãos menonitas⁶, uma escola de música, um hotel, duas pousadas, café coloniais, um restaurante, um centro cultural social recreativo, um parque de exposição da Cooperativa, um hospital, farmácias, um posto policial, duas agências bancárias, uma agência de correio, um supermercado da cooperativa, vários mercados, uma padaria, um açougue, um posto de abastecimento de combustível, uma borracharia, várias oficinas, lojas comerciais, um posto para informações turísticas e um cemitério. Estas instalações atendem tanto a população de Witmarsum como as comunidades menores nos arredores da colônia.

⁶ Ainda na Rússia surgiu dentro da Igreja Menonita um cisma de inspiração pietista que deu origem à Igreja dos Irmãos Menonitas.

1.3 A ESPECIFICIDADE LINGÜÍSTICA EM WITMARSUM

O alemão na Colônia Witmarsum constitui, hoje, um fenômeno chamado de ilha lingüística, que representa, por um lado, o resultado de um processo de 74 anos de assimilação dos teuto-russo-brasileiros, e, por outro lado, a conservação das línguas trazidas pelos imigrantes.

Desde a sua fundação (em 1951) até os dias de hoje, o dialeto *Plautdietsch*, o alemão-padrão *Hochdeutsch* e o português fazem parte do dia-a-dia dos menonitas da Colônia. A grande maioria dos moradores de Witmarsum fala tanto o *Plautdietsch* como o *Hochdeutsch*, porém existem famílias que optaram em falar apenas o *Hochdeutsch*, principalmente quando a mãe não domina o *Plautdietsch* ou nos casos em que o *Hochdeutsch* é considerado uma língua de mais prestígio.

Mesmo havendo uma tendência conservadora em relação à cultura e língua alemã, há uma clara propensão à aculturação e transformação da língua alemã na Colônia. Muitas palavras do português penetraram tanto no *Plautdietsch* como no *Hochdeutsch*, sobretudo para designar coisas para as quais ainda não existiam denominações nessas duas línguas quando os imigrantes vieram em 1930 para o Brasil. Houve muitas alterações na área tecnológica, na infra-estrutura e nas instituições instaladas, na culinária, na vida em comunidade, nos equipamentos agrícolas e na área escolar e no lazer. Como muitas destas palavras novas surgiram após a vinda dos menonitas ao Brasil, elas foram adotadas do português e são aceitas sem resistência dentro da comunidade. Este fenômeno, que se originou a partir de uma necessidade e que é identificada como uma característica comum entre comunidades multilíngües, mostra uma certa dinâmica que há entre as línguas dentro de Witmarsum.

Dentro dos aspectos lingüísticos, também percebemos em Witmarsum uma interferência em nível gramatical envolvendo às vezes a inserção de um simples elemento, ou de um item parcial, ou até de uma frase inteira. Verificou-se que esta interferência é tanto lexical como sintática. Aliás, esse aspecto era, originalmente, o objetivo de análise neste trabalho, porém, após uma reavaliação, a pesquisa necessitou de uma nova delimitação do escopo. Sendo assim, as interferências não puderam ser investigadas neste momento e poderão ser objeto de estudo no futuro.

1.3.1 O Plautdietsch

Segundo Epp (1993: p.xi-xii), o *Plautdietsch* pertence a uma rica tradição de fala e cultura oral que está em rápido declínio nos últimos anos e tem poucos dados históricos para poder estabelecer sua real origem, suas conexões e importância.

O *Plautdietsch* também é denominado na língua inglesa “Mennonite Low German” (Wiens, 2001: p.7), a língua usada pelos russos menonitas. Os lingüistas caracterizam este dialeto como uma variedade da Prússia, que se formou no século XVI e XVII, no oeste da região prussiana então denominada *Danzig*. Após o assentamento no delta do rio Vístula (até então parte da Polônia que se tornou parte da Prússia Ocidental), os menonitas adaptaram o seu dialeto com a linguagem (lingüisticamente semelhante) da nova região, bem como enriqueceram-no com centenas de palavras originadas nos Países Baixos. Este novo dialeto é chamado de *Plautdietsch* dos menonitas holandeses na Prússia. As pessoas que já moravam no delta falavam o “Nether Saxon” (Saxão Baixo), um dialeto similar aos dialetos dos Países Baixos falados pelos menonitas.

No fim do século XVIII já havia na esfera religiosa uma mudança do holandês para o *Hochdeutsch* (alemão-padrão) e muitos emigrantes levaram para Rússia suas bíblias e livros com hinos alemães. Nos séculos seguintes o *Hochdeutsch* foi usado mais como uma língua religiosa e de ensino nas escolas; o *Plautdietsch* não permaneceu somente como a língua do dia-a-dia, mas também como um fator relevante de identidade cultural. Se, por um lado, essa língua em comum era um forte vínculo e uma marca de reconhecimento, por outro, distanciou o grupo de outros emigrantes alemães na Rússia.

Segundo Epp (1993: p.xi-xii), esta língua é parte do mundo privativo, interno do coração e do lar e não do domínio público, utilizado na igreja ou no comércio. Por esta razão, muitos menonitas se envergonhavam de falar *Plautdietsch* em público ou na presença de estranhos. Outros acreditavam que o *Plautdietsch* é muito mundano para ser utilizado na igreja, opinião negativa que persiste até nos dias de hoje. O *Plautdietsch* tem pouco a ver com a fé Menonita, mas está ligado intimamente com o forte senso de ser e de pertencer, que os Menonitas da Rússia e seus descendentes desenvolveram durante um longo período (Epp, 1993: p.xi-xii).

O *Plautdietsch* é aprendido nos seios e na cozinha da mãe, à mesa durante as refeições, brincando no pátio. Não se aprende na escola, e até recentemente não havia livros de gramática que o normatizasse, nem dicionários para verificar o real significado das palavras. Tradicionalmente escreve-se e lê-se muito pouco em *Plautdietsch*, no entanto sempre houve pessoas que escreveram na sua língua materna.

Apresentamos aqui a título de ilustração um trecho do *corpus* em *Plautdietsch* (retirado da gravação de P M 2 A 5)⁷, resultado de transcrições⁸ que realizamos com vistas na elaboração de trabalhos futuros.

Trecho do *corpus* em *Plautdietsch*:

Sinndach kon etj een besstje länja schlope (.) bott sau om holf säwen (.) Klock säwen dann go etj maltje (.) wenjs wie habe blaus veea Tjääj (.) en dann (.) no dot go etj to Tjoatj (.) opp Meddach tjij etj mie wot on (.) biem Meddach ete (.) en Nomeddach dau etj schlope (.) en dann ess wada maltje Nomeddach en sau wieda jet dot.

Tradução do texto para o *Hochdeutsch*, respeitando exatamente o que o informante produziu no *Plautdietsch*:

Sonntag kann ich ein bisschen länger schlafen (.) bis so um halb sieben (.) Uhr sieben dann geh ich melken (.) weil wir haben bloß vier Kühe (.) und dann (.) nach das geh ich zur Kirche (.) auf Mittag gucke ich mir was an (.) beim Mittagessen (.) und nachmittags tu ich schlafen (.) und dann ist wieder melken nachmittags und so wieder geht das.

Tradução literal para o português:

⁷ O código P M 2 A 5 (conforme mostra a tabela 2 p.50) deve ser entendido como um falante do *Plautdietsch* (P), masculino (M), segundo (2) da faixa etária até 18 anos (A), com escolaridade ensino médio incompleto (5).

⁸ As normas de transcrição gráfica para o *Hochdeutsch* e para o *Plautdietsch*, bem como os símbolos usados durante o processo de transcrição, estão no apêndice 3.

Domingo posso eu um pouco mais tempo dormir (.) até lá por seis e meia (.) horas sete daí vou eu tirar leite (.) porque nós temos apenas quatro vacas (.) e daí (.) depois disto vou eu para a igreja (.) no almoço assisto eu alguma coisa (.) na hora do almoço (.) e após o almoço faço eu dormir (.) e daí é novamente tirar leite a tarde e assim por em diante.

Para que possamos ter um quadro atual do *Plautdietsch*, devemos lembrar que é uma língua falada em vários países, principalmente no Canadá, nos EUA, no Paraguai e na Alemanha (apenas pelos imigrantes russos-menonitas). No Brasil o *Plautdietsch* é mais falado nas colônias menonitas do Paraná e do Rio Grande do Sul e entre a geração mais velha nas cidades de Curitiba e São Paulo. Dados oficiais sobre o número exato de falantes do *Plautdietsch* no mundo não existem, mas calcula-se aproximadamente em meio milhão de pessoas (Wiens, 2001: p.7). Podemos afirmar que os falantes ativos do *Plautdietsch* estão lentamente diminuindo, há atualmente um interesse gradativo na leitura e na escrita do *Plautdietsch*, praticamente inexistente até há pouco tempo. Enquanto a literatura do *Plautdietsch* aumenta, cresce também o número de pesquisas científicas referentes aos diversos aspectos do *Plautdietsch*, com o objetivo igualmente de documentar para o futuro uma língua que surgiu há 400 anos e que hoje está em perigo de extinção em vários países.

1.4 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Segundo Altenhofen (2003: p.146), “no sul do Brasil encontra-se talvez uma das áreas plurilíngües do mundo com maior diversidade de situações de bilingüismo e de línguas em contato, um verdadeiro laboratório para o estudo do uso e funcionamento da linguagem em suas mais diversas manifestações”. Diante deste quadro, verificamos que está crescendo o interesse pela pesquisa empírica no sul do país e muitos trabalhos desta região se concentram no estudo científico de uma variedade lingüística de uma comunidade específica.

O Paraná conta atualmente com três colônias menonitas: a Colônia Witmarsum (a maior delas), a Colônia Primavera, fundada em 1981 e situada ao lado da cidade de Palmeira, e o Núcleo Leiteiro, localizado nas proximidades da

cidade da Lapa e fundado em 1970. Nenhuma destas três colônias foi até hoje objeto de estudo sociolingüístico.

A distância de 25km que separa a Colônia Witmarsum de Palmeira, a sede do seu município, e de 70km da capital Curitiba, foi responsável por uma certa escassez de contatos com a língua portuguesa. A língua portuguesa iniciou o seu processo de infiltração, por exemplo, por intermédio dos empregados unilíngües português que trabalhavam nas fazendas, por meio do comércio, de funcionários da Cooperativa também unilíngües, desde o início da colonização.

Dessa forma, iniciou-se o processo de mudança na utilização das línguas por parte dos falantes em Witmarsum com o aumento do número de brasileiros unilíngües que vieram morar na Colônia. Por outro lado, os jovens menonitas se sentiram forçados a procurar uma educação escolar melhor que a dos seus pais, indo assim para cidades maiores, e com isso dominando a língua portuguesa melhor que seus pais. Assim, o contato entre o português e as línguas *Plautdietsch* e *Hochdeutsch* na comunidade de Witmarsum apresenta desde a sua fundação até os dias de hoje mudanças na freqüência de uso e na alternância das línguas entre si. Enquanto nos primeiros anos de colonização a comunicação entre os moradores de Witmarsum era basicamente somente em *Plautdietsch* e,ou, *Hochdeutsch*, hoje a freqüência do uso do português é muito maior e a alternância das três línguas reflete uma interação comunicativa dos moradores nos três códigos lingüísticos.

Tendo em vista essa particular situação do trilingüismo, esta pesquisa objetiva contribuir para esclarecer o uso e o funcionamento das línguas na comunidade de Witmarsum, colocando à disposição dados lingüísticos mais concretos da Colônia. O presente estudo também tem o propósito de colaborar para a revitalização de pesquisar-se a situação de línguas em contato no Brasil.

1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.5.1 Objetivo Geral

Mediante o contato com a comunidade, pôde-se observar que pessoas mais velhas tendem a utilizar um número menor de mudanças de código. Para este grupo o dialeto *Plautdietsch* e o *Hochdeutsch* fazem parte da sua identidade cultural. Por

outro lado, as pessoas mais jovens tendem a utilizar a mudança de código como símbolo para sua identificação com culturas diversas. O português é pouco falado entre as pessoas mais velhas da comunidade, porém para a maioria dos jovens essa língua é avaliada como positiva e representa uma vida moderna, pois todas as possibilidades de ascensão profissional estão ligadas diretamente à língua oficial, tanto fora como dentro de Witmarsum.

A meta desta pesquisa é analisar o trilingüismo (o *Plautdietsch*, o *Hochdeutsch* e o português) existente na comunidade da Colônia Witmarsum. Com a análise da atual situação sociolingüística na Colônia, a pesquisa pretende oferecer uma visão geral sobre a freqüência do uso das línguas e sobre as atitudes dos falantes em relação a elas.

Dentro do objetivo geral, a presente pesquisa visa comprovar as seguintes hipóteses:

a) Quanto às faixas etárias:

- quanto mais velha a pessoa, maior é o uso do *Plautdietsch* e/ou *Hochdeutsch* e menor o uso do português;
- quanto mais jovem a pessoa, maior o uso do português e menor o uso do *Plautdietsch* e *Hochdeutsch*;

b) Quanto ao sexo:

- o masculino tem preferência pelo uso do português, seguido pelo uso do *Plautdietsch* e menor uso do *Hochdeutsch*;
- o feminino tem maior uso do *Hochdeutsch*, seguido pelo uso do português e menor uso do *Plautdietsch*;

c) Quanto à escolaridade:

- com o aumento da escolaridade aumenta o uso do português, diminui o uso do *Hochdeutsch* e do *Plautdietsch*;

d) Quanto à formalidade do contexto:

- em contextos formais usa-se o *Hochdeutsch* e/ou português;
- em contextos informais usa-se *Plautdietsch* e/ou português;

e) Quanto ao uso ativo ou passivo das línguas:

- o *Hochdeutsch* tem maior uso passivo no âmbito religioso por ambos os grupos⁹ e mais ativo pelo grupo *Hochdeutsch*;
- o *Plautdietsch* tem maior uso ativo e passivo no grupo *Plautdietsch* e o português tem uso ativo e passivo em ambos os grupos.

1.5.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do presente trabalho são:

- a) analisar a frequência da mudança de código dentro da comunidade dos menonitas em Witmarsum, considerando a influência da idade, o fator sexo e a escolaridade dos informantes;
- b) analisar o uso das línguas em diversos âmbitos, como, por exemplo, na igreja, na família, na escola, no trabalho, no lazer etc.;
- c) descrever a mudança do uso das línguas na comunidade a partir das últimas três gerações de falantes;
- d) investigar a atitude dos informantes quanto às línguas sob quatro aspectos: em relação à produção oral e escrita e à compreensão oral e escrita.

⁹ Como será visto na metodologia, a amostra foi dividida em dois grupos: falantes do *Hochdeutsch* e falantes do *Plautdeutsch*.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Desde o século XIX a aculturação dos alemães no sul do Brasil foi objeto de estudos. Porém, o contato lingüístico alemão-português, durante muito tempo, foi tratado com irrelevância e, quando pesquisado, geralmente restrito ao estudo da interferência lexical¹⁰. Nesta revisão, estamos trazendo somente alguns trabalhos considerados importantes para o presente estudo.

Em 1998 Sambaquy-Wallner estudou aspectos lingüísticos e sociolingüísticos do dialeto falado na comunidade de São José do Hortêncio – RS, dando ênfase às interferências morfossintáticas e à troca de código. A autora conclui que os dois fatores analisados, a idade dos informantes e o fato de pertencer a uma rede social aberta ou fechada, influenciam tanto a competência lingüística como também o uso da língua dos bilíngües. Informantes mais idosos expressam-se com menor número de interferências e suas trocas de código são empregadas como estratégia de discurso ou quando as regras da comunidade permitem. Já os informantes mais jovens se expressam com maior número de interferências e utilizam com maior freqüência a troca de código, sem uma função clara, estando mais abertos para a cultura brasileira. Segundo a autora, todos os informantes que pertencem a uma rede social aberta utilizam, com freqüência, a interferência e a troca de código como forma de identificação de sua cultura mista. O trabalho de Sambaquy-Wallner é um dos mais relevantes estudos sobre os dialetos alemães no Rio Grande do Sul feitos até então, pois inclui tanto interferências lexicais como gramaticais do português.

Quanto aos estudos sobre a interferência do português no alemão padrão (*Hochdeutsch*) e/ou nos seus dialetos falados no Paraná existem pouquíssimos trabalhos científicos. Os trabalhos existentes tratam mais sobre estudos históricos e sociológicos sobre as comunidades bi- ou multilíngües.

Surge em 1980 o trabalho de Verburg que trata sobre o bilingüismo em Castrolanda, uma colônia holandesa situada a sete quilômetros da cidade de Castro

¹⁰ Apresentamos no apêndice 4 uma lista cronológica com breves comentários dos trabalhos mais relevantes que tratam da língua alemã no sul do Brasil.

e colonizada a partir de 1951. Verburg estuda o bilingüismo, verificando o papel que alguns aspectos sociais (como, por exemplo, o sexo, a idade, a escolaridade, a ocupação e o índice de contato) desempenham na aquisição da segunda língua. A autora, ao fazer uma análise da interferência do holandês no português, limitou o estudo ao fonema /R/, após constatar que o fonema /r/ apresentava nenhuma dificuldade para os falantes da comunidade. Para a formação do *corpus*, Verburg entrevistou 50 informantes e utilizou dois questionários como instrumentos para a definição sociológica dos informantes e da situação lingüística da comunidade. Para o estudo fônico coletou material mediante a descrição de uma gravura e de uma leitura. Verburg (1980: p. 112) conclui que as mulheres, comparadas aos homens, exibiram um índice inferior de competência lingüística; as pessoas mais jovens, já com uma escolarização em português, apresentam um índice menor de interferência do holandês e, quanto maior o número de anos de instrução, menor a interferência fonológica. Segundo a autora, o aspecto social mais importante na aquisição da competência fonológica é o contato.

O trabalho de Verburg serve de comparação para este estudo, pois as duas comunidades (Castrolanda e Witmarsum) apresentam um quadro com características bastante semelhantes: ambas foram fundadas por imigrantes europeus no mesmo período, têm a produção de leite como a base da sua economia, cultivam atividades agropecuárias, possuem aspectos socioculturais idênticos e vivem numa situação de bi- ou trilingüísmo.

Em 1984 surge o primeiro estudo sociolingüístico específico sobre os menonitas de Curitiba. Em sua dissertação Siemens analisa o grau de freqüência do uso do português, do alemão padrão (*Hochdeutsch*) e do dialeto alemão (*Plautdietsch*) entre os menonitas. Como se trata de uma pesquisa de campo, Siemens elaborou questionários para a formação do *corpus*, os quais foram preenchidos pelos informantes de Curitiba e, em seguida, analisados e interpretados pelo autor. Para o desenvolvimento do trabalho foram selecionados alguns aspectos considerados relevantes para a compreensão do fenômeno: sexo, idade, escolaridade, influência do contexto, variações no grau de freqüência do emprego das línguas e suas causas prováveis. Além de uma análise do uso em geral do português, do *Hochdeutsch* e do *Plautdietsch*, foram pesquisados três domínios específicos: a esfera da amizade e do lazer, a esfera familiar e a esfera religiosa.

Segundo Siemens, a pesquisa “mostra a continuação da diminuição do uso de Alemão-alto e Alemão-baixo pelo constante aumento do português num processo contínuo e irreversível, que, perdurando, levará inevitavelmente ao desaparecimento do Alemão-alto da vida pública para persistir em alguns contextos isolados” (Siemens, 1984: p.127). Siemens faz uma análise com enfoque mais sociológico da comunidade, deixando assim de pesquisar aspectos e,ou, variações lingüísticas da língua alemã.

Como o autor descreve o uso das três línguas em ambientes específicos, seu trabalho foi fundamental para o presente estudo e também serviu de comparação entre ambas as comunidades menonitas (Curitiba e Witmarsum). Por outro lado, as duas comunidades têm características internas bastante diferentes: enquanto em Curitiba a maioria das pessoas da comunidade menonita encontra-se apenas no domingo na momento do culto nas igrejas, em Witmarsum o convívio entre os menonitas é diário, caracterizando essa comunidade como um núcleo fechado e geograficamente limitado. Desta forma, pôde-se fazer um estudo mais detalhado sobre uma comunidade menonita específica.

Pela própria condição de menonita, moradora na comunidade menonita de Curitiba e professora no colégio da comunidade, observo que hoje, após vinte anos, o uso da língua alemã e, ou, dialeto na comunidade menonita de Curitiba que Siemens descreveu, diminui significativamente e é usado em contextos bem específicos e particulares, como, por exemplo, em alguns ambientes familiares e em determinados momentos na esfera religiosa. Na esfera da amizade e lazer também se pode observar que somente nas faixas etárias mais avançadas usa-se ainda o alemão e este, bastante misturado com o português.

Em 1999 Borstel estuda na sua tese de doutorado o contato lingüístico e a variação em duas comunidades bilíngües do Paraná: Marechal Cândido Rondon (MCR) e Entre Rios –Guarapuava (ER-G). Borstel descreveu etnograficamente o trabalho de campo nestas duas comunidades bilíngües, no domínio privado e público. Levantou dados sobre as considerações sócio-históricas e geográficas dos alemães e seus descendentes no Brasil, que retratam o movimento migratório externo/interno da colonização de MCR e ER-G, da imigração de suábios, vindos de Baden-Württemberg da Alemanha e dos Suábios do Danúbio da antiga Iugoslávia que, com seus descendentes, constituíram os informantes da sua pesquisa.

Borstel observou os estágios de bilingüismo de escolha lingüística destes falantes, com base nos dados levantados em cinco famílias de MCR e cinco de ER-G utilizando as variáveis idade, escolaridade e sexo. A autora constata que os falantes de primeira e segunda gerações de MCR e ER-G usam o alemão e dialetos em quase todas as situações comunicativas, isto é, nos ambientes familiares e sociais. Os informantes de MCR não fazem distinção no uso do alemão padrão e do *Brasildeutsch* nos vários ambientes. Já os de ER-G fazem esta distinção quanto ao uso da língua (A) e do dialeto (D). No ambiente familiar, utilizam, quase que exclusivamente, o *Donauschwäbisch*, porém com algumas alternâncias fonológicas e interferências gramaticais/lexicais do falar português. Já no ambiente profissional, no atendimento a clientes e a negociar com os empresários, usam o alemão padrão, bem como nas interações comunicativas com o padre. A autora concluiu que nas duas comunidades houve influência do português no falar suábio (tanto alternâncias fonológicas, como interferências gramaticais e lexicais).

Kaufmann (2003: p.41) descreve as diferenças no desenvolvimento de duas colônias menonitas: uma no Brasil (Colônia Nova - RS) e outra no Paraguai (Colônia Fernheim), fundadas por imigrantes vindos da União Soviética em 1930. Devido ao fato de os fundadores terem o mesmo perfil social, cultural e lingüístico, todas as diferenças detectáveis originam-se, segundo o autor, obrigatoriamente das experiências diferentes que tiveram durante os últimos setenta anos. Podemos verificar conseqüências lingüísticas de dois diferentes contextos sociais, culturais e políticos.

Após uma descrição da formação e história das duas colônias, Kaufmann faz uma comparação da freqüência na classificação de identidade entre os menonitas do Paraguai e do Brasil, dividido por faixa etária e sexo. Dos 47 informantes da Colônia Nova 49% declaram-se brasileiros, 28% como alemães e 17% como alemães brasileiros. Interessante é que somente um único informante se identificou como menonita e dois como menonitas brasileiros. A identificação como alemão, segundo Kaufmann, demonstra que após a diminuição da pressão de integração por parte do governo brasileiro nos anos setenta, a geração mais velha pode novamente declarar-se para a sua identidade mista, que permaneceu quieta, mas não esquecida.

Já na Colônia Fernheim 40% dos 38 informantes se identificaram como menonitas e 26% como paraguaios. A sua identificação como alemães é de 13% e de alemães-paraguaios também é de 13%.

Kaufmann também analisou nestas duas colônias a atitude dos informantes em relação à frequência do aparecimento das línguas sob três aspectos: a língua preferida, a língua mais importante e a língua que se gostaria de dominar melhor. Em Colônia Nova (RS), o *Plautdietsch* é a língua preferida, o *Hochdeutsch* a mais importante e o inglês é a língua que se gostaria de dominar melhor. Na Colônia Fernheim (Paraguai) o *Plautdietsch* também é a língua preferida, o espanhol a mais importante e tanto o inglês como o espanhol são línguas que os informantes gostariam de dominar melhor.

Em relação à competência das línguas, Kaufmann chega à seguinte conclusão: em Colônia Nova (RS) a maioria dos 47 informantes afirma que tem melhor competência no *Plautdietsch*, em segundo lugar no português e em terceiro lugar no *Hochdeutsch*. Nesta comunidade, o *Hochdeutsch* e o português são consideradas línguas de prestígio; o *Plautdietsch*, porém, é visto por eles como uma língua inferior ao alemão, mas afetivamente é a sua língua. O autor caracteriza este tipo de situação como uma situação trilingüe estável com papéis bem definidos: o *Plautdietsch* cobre a comunicação intra-étnica informal, o *Hochdeutsch* a comunicação intra-étnica formal (escola, igreja, ler e escrever) e o português a comunicação inter-étnica.

Na Colônia Fernheim (Paraguai) a maioria dos 38 informantes também afirma ter maior competência no *Plautdietsch*, depois no *Hochdeutsch* e por último a competência no espanhol.

Quanto às diferenças lingüísticas, Kaufmann analisou a formação etimológica do vocabulário no *Plautdietsch*. Ele utilizou 28 diferentes cartões com figuras, para que os informantes identificassem e falassem as figuras em *Plautdietsch*. Dentro deste modelo, dos 47 informantes da Colônia Nova 52% usaram as palavras em *Plautdietsch*, 24% em *Hochdeutsch* e 23% em português. Na Colônia Fernheim dos 38 informantes 57% usaram o *Plautdietsch*, 35% em *Hochdeutsch* e apenas 6% em espanhol. Percebe-se aqui uma atitude positiva dos informantes da Colônia Nova em relação à língua portuguesa e à sociedade brasileira, como também um contato mais intensivo com brasileiros.

Uma outra questão analisada por Kaufmann é o uso freqüente do auxiliar *tun*(fazer) + infinitivo nestas duas comunidades menonitas. Esta forma é típica entre dialetos alemães, mas mal vista no *Hochdeutsch*. Por exemplo: “*ich tu lesen*” ao invés de “*ich lese*” (eu leio). Na Colônia Nova a forma “*tun*” + infinitivo é três vezes mais usada do que na Colônia Fernheim; mas isto pode ser explicado, segundo Kaufmann, pelo contato mais intenso que os moradores do Paraguai tem com a Alemanha (como, por exemplo, por intermédio de professores da Alemanha na escola) em relação aos moradores da Colônia Nova no RS.

O último aspecto lingüístico analisado por Kaufmann foi a seqüência de dois elementos verbais nas orações subordinadas. Por exemplo: [...], *dass er der Mutter immer helfen will*; ou [...], *dass er der Mutter immer will helfen*; ou ainda [...], *dass er immer will der Mutter helfen*¹¹. Nas orações subordinadas do *Hochdeutsch* e do *Plautdietsch* o verbo passa para o final da respectiva oração. Também aqui a comunidade do RS se distancia mais do que três vezes da forma em relação aos informantes do Paraguai.

Kaufmann conclui o artigo dizendo que mesmo com as diferenças de desenvolvimento de cada uma destas comunidades (ainda) os menonitas do Paraguai e os menonitas da Colônia Nova (RS) não demonstram dificuldades de comunicação entre si, mas que no futuro as gerações mais novas destas comunidades somente terão condições de se comunicar entre si em *Plautdietsch*. Ainda segundo o autor, o menonita brasileiro deverá perder antes a variedade do *Hochdeutsch* e dominá-la somente como língua estrangeira.

¹¹ Tradução literal destas frases subordinadas: [...], *que ele sempre a mãe ajudar quer* ; [...], *que ele a mãe sempre quer ajudar* ; [...], *que ele sempre quer a mãe ajudar*.

As pesquisas apresentadas contribuíram não só para a identificação dos aspectos já estudados sobre o bilingüismo, mas também delineararam os caminhos que devem ser tomados como procedimento para a análise da especificidade lingüística aqui tratada: o trilingüismo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho trata sobre línguas em contato, o que deve ser interpretado como interdisciplinar, pois o contato entre línguas inclui, também um contato entre culturas. Por isso, analisaremos os termos 'bilingüismo, diglossia e alternância de código' que consideramos fundamentais para o estudo de línguas em contato, e igualmente levaremos em consideração estudos sobre o perigo de extinção de uma língua dentro de uma comunidade multilíngüe.

3.1 BILINGÜISMO

O termo bilingüismo é complexo e a falta de consenso entre pesquisadores da área verifica-se nas tentativas de conceituação e classificação. Existem diferentes tipos e conceitos de bilingüismo sugeridos por diferentes propostas teóricas e metodológicas, que muitas vezes têm a intenção de definir e classificar o bilingüismo como um fenômeno absoluto mediante uma definição de competência, domínio e função de uso das línguas.

No trabalho de Fthenakis et alii (1985) citado por Heye (2003: p.31), encontramos uma das primeiras tentativas de sistematização para definir o bilingüismo. Os autores identificam duas tendências na conceituação do bilingüismo: a sua competência e a sua função.

Dentro da perspectiva em que o bilingüismo é interpretado como uma função, Bloomfield (*apud* Kahmann 1987: p.22) considerou o bilingüismo como "o contato nativo de duas línguas". Haugen (1953), expandindo o conceito de Bloomfield, define como "bilíngüe o indivíduo capaz de produzir significados completos numa outra língua" (*apud* Heye 2003: p.32).

Na orientação pela qual o bilingüismo é interpretado principalmente como uma competência, Weinreich (*apud* Schaumloeffel 2003: p.34) definiu os conceitos bilingüismo e falante bilíngüe como "die Praxis, abwechselnd zwei Sprachen zu gebrauchen soll Zweisprachigkeit heißen, die an solcher Praxis beteiligten Personen

werden zweisprachig genannt”¹². Em 1962 Mackey (*apud* Kahman 1987: p.21) complementa esta idéia dizendo que “bilingüismo não é um fenômeno de língua; é a característica do seu uso. Não deve pertencer ao domínio da *langue*, mas da *parole*”; ou seja, a língua é a propriedade do grupo social e o bilingüismo é característica do indivíduo. Diante disso, a questão que emerge é como e com que objetivo a língua é utilizada.

Além dessas duas tendências, outros autores consideram o bilingüismo internamente ligado ao biculturalismo. Surge daí o entendimento de que o bilingüismo é definido como a capacidade de o indivíduo identificar-se com ambos os grupos lingüísticos em contato.

Nos estudos desenvolvidos sobre línguas em contato, Heye (2003: p.34) analisa o bilingüismo como um fenômeno relativo, tratando de um posicionamento claro quanto à situação lingüística do bilíngüe (particular e/ou situacional), identificada pelo contexto sociocultural, psicológico e histórico, pela forma de aquisição das duas línguas, bem como pela manutenção ou abandono das línguas em decorrência de fatores sociais e comportamentais, tais como família, grupo social, escolaridade e ocupações profissionais, situações formais ou informais e as idiosincrasias do próprio falante.

Em situações de línguas em contato, Heye propõe uma distinção entre bilingüismo e bilingüidade:

Por ‘bilingüismo’ entende-se a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas. Por ‘bilingüidade’ os diferentes estágios distintos de bilingüismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngüe, passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluídos e definem, de forma dinâmica a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida.(Heye, 2003: p.34).

De modo geral, o bilingüismo nesta perspectiva é vista como um fenômeno *societal*¹³ e (relativamente) estável, enquanto a bilingüidade é um fenômeno

¹² Weinreich (1965: p.15): “A prática de utilizar alternadamente duas línguas deve ser chamada de bilingüismo, os indivíduos, que fazem parte desta prática, de bilíngües”.

¹³ Conforme Heye 2003: p.36

individual, que reflete o dinamismo e que deve ser incorporado na trajetória do indivíduo.

Para o presente estudo lingüístico da Colônia Witmarsum, o trilingüismo será analisado sob a perspectiva de Heye, onde o português, o *Hochdeutsch* e o *Plautdietsch* coexistem em diferentes espaços sociais e o multilingüismo é considerado um fenômeno da comunidade. A “bi e/ou trilingüidade” neste contexto abrange o uso das línguas individualmente (por cada integrante da comunidade) dentro do ambiente familiar, social, escolar e profissional.

Dentro das dimensões da bilingüidade, Heye considera as seguintes situações que podem dar origem a condição de bilíngüe (2003: p.35):

- a) se uma língua é adquirida ao mesmo tempo que a outra, sendo ambas línguas consideradas L-1, teremos a situação de bilingüismo do tipo **Lab**;
- b) se uma língua é adquirida posteriormente à outra, antes de a primeira ter sido maturacionada, teremos a situação de bilingüismo do tipo **La + Lb**;
- c) se uma língua é adquirida posteriormente à outra, depois da primeira ter sido maturacionada, teremos a situação de bilingüismo do tipo **LM + LE** (língua materna + língua estrangeira).

Como na comunidade em estudo trata-se de trilingüismo, podemos acrescentar ao esquema de Heye uma quarta condição:

- d) se uma língua é adquirida ao mesmo tempo que outras duas, sendo as três consideradas L-1, teremos a situação de trilingüismo do tipo **Labc**.

Heye define a idade e a maturidade lingüística como elementos diferenciadores do contexto de aquisição de duas línguas. Neste sentido podemos caracterizar Witmarsum como uma comunidade plurilíngüe, cuja situação lingüística pode ser analisada da seguinte forma:

- a) do tipo **Lab**, pois a criança aprende o *Plautdietsch* paralelamente ao *Hochdeutsch*;
- b) do tipo **La + Lb** na qual a criança aprende o *Hochdeutsch* (ou *Plautdietsch*) e antes de esta ser maturizada, aprende o português;

- c) do tipo **LM + LE** na qual a criança aprende o português depois de o *Hochdeutsch* (ou o *Plautdietsch*) ter se firmado;
- d) do tipo **Labc**, pois a criança aprende o *Plautdietsch* e o *Hochdeutsch* paralelamente ao português.

Essas situações de bi- e/ou trilingüismo, no entanto, apresentam uma certa instabilidade no decorrer da vida dos moradores da comunidade de Witmarsum. Tais mudanças são reflexos da variabilidade das funções de uso de cada uma das línguas, por exemplo: durante a infância o uso do *Hochdeutsch* (ou *Plautdietsch*) é mais freqüente, pois o indivíduo encontra-se mais num ambiente familiar, no qual a língua alemã prevalece; já na fase jovem-adulta o uso do português é mais comum em relação à infância, em decorrência do ambiente escolar ou profissional.

Quanto à posição de igualdade ou de dominância de uma das línguas, Heye (2003: p.36) leva em conta o histórico de vida dos indivíduos bilíngües: pode haver uma forma equilibrada como também uma forma dominante/subordinada. No caso da forma equilibrada, as línguas se mantêm com uso paralelo e constante, sugerindo uma situação lingüística onde ambas as línguas são marcadas. Em Witmarsum esta situação pode ser verificada em várias famílias, nas quais se usa o *Plautdietsch* e o *Hochdeutsch* paralelamente, por exemplo: o casal fala entre si o *Plautdietsch* e com os filhos usam o *Hochdeutsch*.

Na forma subordinada uma das línguas tem um uso reduzido, em decorrência de situações funcionais, proporcionando assim um domínio lingüístico, isto é, uma língua dominante e outra subordinada. O português, por exemplo, poderia ser considerado na comunidade de Witmarsum uma língua subordinada, principalmente pela geração mais velha.

3.2 DIGLOSSIA

Nos estudos sobre línguas em contato, o fenômeno conhecido por 'diglossia' é muito discutido. Em 1959 Ferguson (1974: p. 99) usou o termo diglossia, para caracterizar a situação em que "as pessoas utilizam duas ou mais variantes de uma

mesma língua em diferentes condições”, ou seja, diglossia são variedades funcionalmente distintas de uma mesma língua. O que importa é o uso da variante e não a variante em si. Segundo Ferguson, uma definição de diglossia mais completa seria:

Diglossia é uma situação lingüística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo de literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade ligüística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual (Ferguson 1974: p. 111).

Conforme Ferguson, uma das características mais importantes da diglossia é a especialidade de função para a variedade alta (H) e a variedade baixa (L). Num conjunto de situações somente H é apropriada e num outro somente L, com os dois conjuntos se sobrepondo apenas muito ligeiramente.

O exemplo que Ferguson cita é a língua padrão (a variedade alta) e o dialeto regional (variedade baixa), como são usados no italiano ou no persa, em que muitas pessoas falam seu dialeto local em casa ou entre familiares e amigos da mesma área dialetal, mas usam a língua padrão quando em contato com pessoas de outros dialetos ou quando falam em público. Assim, cada variedade tem uma função definida e seus limites são rígidos; a variedade alta é considerada uma variante que transmite prestígio, ao contrário da variedade baixa.

Ferguson (1974: p.101) cita quatro principais comunidades em situação diglósica: países árabes (árabe clássico e o coloquial), Suíça (alemão e suíço), Haiti (francês e crioulo) e a Grécia (catarevusa e demótico). Em todas essas comunidades há uma coexistência de uma variedade alta da língua com uma variedade baixa. No entanto, o uso de cada variante depende do contexto em que o falante está inserido.

Segundo Borstel (1999: p.50), em pesquisas posteriores ao conceito de Ferguson, observou-se que a diglossia não existe apenas em línguas com parentesco próximo, mas também entre duas línguas sem parentesco próximo. Isto quer dizer que qualquer situação, por exemplo, tendo posto em presença uma

língua européia e uma língua africana, implica a diglossia. Kloss, em seus estudos de 1986, referiu-se a este aspecto com relação ao guarani e o espanhol no Paraguai. Este autor chama de *Binnendiglossie* (diglossia interna) a relação correspondente entre línguas com grau de parentesco próximo e de *Aussendiglossie* (diglossia externa) a relação entre línguas sem grau de parentesco próximo.

Para Kloss (1986), a definição de diglossia deveria, pelo menos, de acordo com a intenção original de Ferguson, e, depois por Fishman, não só expressar uma divisão de função entre duas línguas ou formas lingüísticas, mas, ao mesmo tempo, expressar um alto grau de íntima interdependência simbiótica de ambas as línguas quanto ao uso que faz uma determinada classe social ou um grupo étnico.

Ainda de acordo com Kloss (1986), a diglossia, como um sólida divisão de função entre os membros de um grupo, teoricamente, é apenas um caso especial de poliglossia, apesar de a triglossia e a quadriglossia ocorrerem raramente. O autor faz também a diferenciação entre diglossia interna e externa e, neste caso, a diglossia pode ser estudada em várias comunidades bilíngües.

Fishman (*apud* Calvet 2002: 61-62) relacionou bilingüismo e diglossia, criando quatro situações possíveis:

- a) bilingüismo e diglossia: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa (é o caso do Paraguai: espanhol e guarani);
- b) bilingüismo sem diglossia: há numerosos indivíduos bilíngües em uma sociedade, mas não se utilizam das formas lingüísticas para usos específicos. Esse seria o caso de situações instáveis, de situações em transição entre uma diglossia e uma outra organização da comunidade lingüística;
- c) diglossia sem bilingüismo: numa comunidade social há a divisão funcional de usos entre duas línguas, mas um grupo só fala a forma alta, enquanto o outro só fala a forma baixa;
- d) nem diglossia nem bilingüismo: há uma só língua. Só se pode imaginar essa situação em uma comunidade muito pequena.

Baseado na descrição acima, podemos caracterizar Witmarsum como uma comunidade trilingüe e diglósica, na qual vivem menonitas que são bilíngües

(*Hochdeutsch* e português) e/ou trilingües (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português). Desse modo, podemos apresentar a seguinte tabela:

TABELA 1 – O TRILINGÜISMO EM WITMARSUM

	Variedade alta	Variedade baixa
Falantes do Plautdietsch e Hochdeutsch	Hochdeutsch português	Plautdietsch português
Falantes do Hochdeutsch	Hochdeutsch português	Português

Os falantes do *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português representam a comunidade trilingüe e simultaneamente estão inseridos numa situação diglósica, na qual o *Hochdeutsch* é considerada a variedade alta, usada em contextos mais formais e escritos, como, por exemplo, nas igrejas menonitas alemães, informativos e circulares, na correspondência, nos discursos e na literatura reconhecida. Ela é a variedade que goza de um prestígio social e que é padronizada (por meio da gramática, dicionários etc.). O dialeto *Plautdietsch* já é considerado a variedade baixa, raramente escrita e pouco lida; usada em contextos apenas informais, como por exemplo nas conversações familiares e no encontro com pessoas mais próximas. O *Plautdietsch* é adquirido por estes falantes “naturalmente”, enquanto o *Hochdeutsch* é adquirido em contextos mais formais (na igreja, na escola). O português para a maioria deste grupo (principalmente para a geração mais jovem) também é considerado uma língua de prestígio, de ascensão profissional e que é fundamental para a “sobrevivência” na comunidade, pois é a língua nacional, a qual faz parte da aculturação.

Para os bilíngües da comunidade em estudo, o *Hochdeutsch* é considerado uma variedade alta, aprendida em casa, e é usado em contextos mais formais e escritos. O português para este grupo também representa uma língua de prestígio e que é essencial para a ascensão profissional. Sendo assim, temos na comunidade menonita de Witmarsum dois tipos de diglossia: aquele do grupo trilingüe (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português) e o do grupo bilíngüe (*Hochdeutsch* e português), que, apesar de encarar o português padrão como uma língua de prestígio, tem preconceitos em relação ao português falado pelos empregados, por exemplo. Isto pode ser reflexo da própria condição de diglossia do português no Brasil.

3.3 A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO (*CODE-SWITCHING*)

A alternância de código revela-se muito importante em situações de contato entre línguas e é um fenômeno bastante evidente em falantes que vivem em comunidades bilíngües; por um lado ela permite aos membros de uma comunidade bilíngüe fixar sua identidade social e cultural e, por outro, a alternância de código pode ser utilizada pelos bilíngües como uma estratégia comunicativa (Sambaquy-Wallner 1998: p.88).

Clyne (1975: p.30) distingue dois fatores que podem influenciar a alternância de código: os fatores externos ou sociais (não-lingüísticos) e fatores internos ou lingüísticos. Os fatores externos podem ser variantes sociolingüísticas e identificadas no falante, nos interlocutores, no contexto institucional (família, trabalho, escola), no tema da conversação, nos locais onde a conversação ocorre, no tipo de interação ou na relação entre papéis definidos (chefe/empregado, pai/filho). Os fatores internos que influenciam a alternância de código são interferências lexicais, nomes próprios ou palavras homófonas.

Segundo Borstel (1999: p.71), a alternância de código 'vem a ser o uso de dois sistemas gramaticais de línguas lado a lado, ou subsistemas gramaticais a um mesmo ato de fala de falantes bilíngües. Porém as regras gramaticais desses dois sistemas não podem ser prejudicadas.' Sendo assim, a alternância de código pode ser constatada em qualquer comunidade, entre todas as línguas possíveis, como também entre diferentes variações da língua. Borstel também afirma que há variações de indivíduo para indivíduo no uso da alternância de código, tanto nos aspectos externos como internos. Os fatores lingüísticos que motivam a alternância de código não são tão fáceis de identificar, visto que a alternância de código pode ser motivada por questões sociopragmáticas.

Atualmente existem vários modelos para a interpretação da alternância de código, concentrados em dois aspectos diferentes: um no plano lingüístico de regras gramaticais, denominados condicionamentos gramaticais e, o outro, no plano sociopragmático, pelo qual se entende a alternância de código como uma estratégia discursiva na interação comunicativa de falantes multilíngües (Borstel 1999: p.72).

Gumperz (*apud* Sambaquy-Wallner 1998: p.88), no seu estudo interacional

sobre a alternância de código, distingue entre uma *converstional code-switching* 'alternância de código retórica' e uma *situational code-switching* 'alternância de código situativa':

- a) a alternância de código *retórica* é uma troca das variantes de um repertório em uma conversação sem troca de oradores, tema, ou mudança de qualquer outro fator na interação. Ela é imprevisível e muitas vezes usada metaforicamente, com intenção de levar conotações de uma língua para outra, como também contém funções comunicativas importantes na língua e no discurso de um indivíduo;
- b) a alternância de código *situativa* significa uma troca entre línguas, em conseqüência de uma mudança de atividades ou situações sociais. Esta alternância normalmente é previsível e depende das normas de uma sociedade. Essas normas somente podem ser comprovadas empiricamente, porque o processo de decisão dos indivíduos de uma sociedade que se refere à escolha entre as línguas, pode depender dos mais diversos fatores.

Myers-Scotton para não restringir a alternância de código apenas a estas duas funções, amplia com sua "Teoria da Sinalização" a classificação de Gumperz, descrevendo a alternância de código como uma identificação do indivíduo com diversas culturas, sendo motivado em primeiro lugar, lingüisticamente. Isto é explicado através de uma comutação fluente entre as línguas e a freqüência de seu uso. A alternância de código como uma identificação com diversas culturas aparece, na maioria das outras vezes, intrafrasal.

Muitas teorias tentaram explicar a alternância de código por meio de regras gramaticais, mas nenhuma teve até hoje o direito à universalidade. Tanto o modelo da equivalência de Poplack (*apud* Sambaquy-Wallner 1998 p.91) como o modelo de Meyers-Scotton, na qual uma língua matriz (língua superior, dominante) e uma língua auxiliar (língua inferior, dominada) desenvolvem funções distintas em relação ao uso da alternância de código, concentram suas análises em alternância de código intrafrasal e rotulam todos os exemplos contrários como marcados social ou estilisticamente.

Este trabalho não pretende analisar a alternância de código sob a

perspectiva gramatical, mas sim concentrá-la no significado comunicativo e social. A *implicational scale* (escala implicacional) oferece uma alternativa válida para uma sistematização da escolha de código em uma comunidade, pois ela considera tanto o indivíduo quanto os diversos contextos sociais, ou seja, ela representa a escolha de código de cada indivíduo, bem como a escolha de código da sociedade. Os falantes não escolhem entre as variantes de seu repertório somente em dependência de normas sociais, mas também em dependência de suas opiniões pessoais, pois cada variante está ligada tanto à cultura como aos valores individuais de cada falante. Quando se conhecem as identidades dos informantes, assim como a de seus companheiros e as normas sociais de uma específica sociedade, pode-se, então, prever a escolha de código. Em Dittmar/Schlobinski (1988) uma análise implicativa significa:

... um ein statistisches Verfahren, das unter der Bedingung, dass wir ein bestimmtes, von einem Sprecher benutztes Merkmal kennen, voraussagt, welche weiteren Merkmale in der Varietät des Sprechers vorhanden sind bzw. fehlen. [...] Die Implikationsskala ist somit ein Merkmalsschema, aus dem ersichtlich ist, wie Merkmale andere Merkmale kontrollieren, die hierarchisch untergeordnet sind.¹⁴

Susan Gal (1979: p.2-3), estudando uma comunidade austríaca bilíngüe (Oberwart) situada entre a Áustria e Hungria, utilizou essa alternativa em sua análise sobre escolha de código. A autora mostra, por meio de uma escala implicacional¹⁵, quais variantes lingüísticas (alemão, húngaro ou ambas as línguas) os falantes bilíngües utilizam em conversas com companheiros, ou seja, ela procurou entender em quais situações os falantes preferiam uma língua em detrimento da outra (húngaro ou alemão). Esses contextos lingüísticos expostos em escalas, nos quais a escolha de código é determinada através da relação de um indivíduo com seu companheiro, o qual ocupa uma determinada função social, podem anunciar a

¹⁴ Tradução livre: Um processo estatístico que prevê, sob a condição de que se conheça a característica usada por um orador, quais outras características na variação do orador estão presentes ou faltam. [...] A escala implicativa é um esquema de características organizadas de uma forma hierárquica, no qual se reconhece como uma característica influencia uma outra.

¹⁵ Na escala implicacional Gal (1979) esquematizou a seleção de língua para homens e mulheres em Oberwart. Para determinar a seleção de uma língua, ela levou em conta, neste caso, a idade do informante e o seu interlocutor.

alternância de código, se ambas as variantes aparecerem em uma situação específica de conversação.

Segundo Schaumloeffel (2003: p.44), na análise das escalas implicacionais as diferentes variedades de língua dos falantes são ordenados ao longo da dimensão social e dos ambientes lingüísticos, como também sugerem ondas de variação, mostrando a interação existente entre as restrições sociais e as lingüísticas. Na comunidade austríaca (Oberwart), por exemplo, a variação de uma nova forma espalha-se para um novo contexto social e não para um novo contexto lingüístico, pois as relações implicacionais entre ambiente e falantes envolvem apenas fatores sociais (agricultores X assalariados).

No presente estudo o objetivo é transmitir uma visão geral com a *implicational scale*, sobre aqueles contextos lingüísticos e fatores que possam influenciar a escolha de código (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) na Colônia Witmarsum. Desta forma, também será possível estabelecer quais indivíduos e quais situações permitem a *situational code-switching* (alternância de código *situativa*).

3.4 PLAUTDIETSCH – UMA LÍNGUA EM PERIGO DE EXTINÇÃO?

Muitos são os estudos sobre línguas em contato, porém poucas são as pesquisas que tratam dos perigos de extinção de uma língua dentro de uma determinada comunidade. Percebe-se na Colônia Witmarsum, por exemplo, que muitos menonitas desta comunidade deixaram de falar o *Plautdietsch*, tradicionalmente a língua materna dos menonitas. Como a meta deste estudo é analisar o uso das três línguas na Colônia, preocupamo-nos também em verificar se o *Plautdietsch* corre o perigo de ser extinto no futuro, uma vez que o número de falantes está se reduzindo.

Segundo David Crystal (2001 p.25), uma língua encontra-se em perigo quando tem menos de 20.000 falantes. Em algumas partes da África ocidental, por exemplo, onde principalmente crioulos de base inglesa e francesa atraem um número grande de novos falantes, muitas das línguas locais, embora faladas normalmente por milhares de pessoas, parecem estar em perigo de extinção.

Há uma série de fatores que contribuem para a capacidade de sobrevivência de uma língua. O primeiro e o mais importante é o número de falantes de uma língua materna, ou seja, quanto maior é o número de falantes de uma língua aborígina ou língua original, melhores serão as possibilidades de sobrevivência (Crystal 2001: p.25).

A 13ª edição do catálogo *Ethnologue* (1996, *apud* Crystal 2001: p.16) relaciona 6.703 denominações de línguas. Nessa mesma obra, aparece a informação da “Fundação para as Línguas em Perigo” que afirma que nos próximos cem anos 50% das línguas desaparecerão, ou seja, 3.000 línguas deixarão de existir. Nessas perspectivas, línguas nessa situação deveriam se encaixar em um dos pontos da escala de Steven Wurm (*apud* Crystal 2001: p.34), que propõe vários níveis de perigo para a morte de uma língua:

- a) Nível 1 - língua potencialmente em perigo: falantes socialmente e economicamente desprivilegiados; pressão da língua dominante;
- b) Nível 2 - em perigo: poucas crianças falam a língua, jovens adultos são considerados bons falantes;
- c) Nível 3 - seriamente em perigo: bons falantes acima de 50 anos;
- d) Nível 4 - moribundo: os bons falantes são poucos e velhos;
- e) Nível 5 – extinto: sem falantes vivos.

Para Crystal (2001: p.83-106), o que leva uma língua a se encaixar a um dos níveis acima, é um conjunto de fatores para os quais ele apresenta uma escala:

- a) Fatores que representam um risco para a segurança física das pessoas: terremotos, secas, inundações, erupções vulcânicas, doenças, condições climáticas, economia desfavorável, pragas, conflitos civis ou outras catástrofes;
- b) Fatores que mudam a cultura de um povo: assimilação cultural, inundação demográfica, superioridade militar, consumo ocidental, urbanização, língua dominante (por meio da mídia, por exemplo) e globalização;
- c) O suicídio lingüístico: quando os próprios falantes consideram a sua língua como um atraso, como um obstáculo de ascensão de classe social, sentem vergonha e falta de confiança na própria língua. De onde

vem estes sentimentos? Da cultura dominante, cujos membros classificam os falantes dessa língua como estúpidas, e essa mesma língua de atrasada, deformada, inadequada;

- d) O assassinato lingüístico: pressão lingüística social, econômica até um ponto que os falantes abrem mão da língua, por exemplo a proibição do uso no Brasil das línguas do Terceiro Eixo (alemão, italiano e japonês) durante a Segunda Guerra Mundial.

Em comunidades multilíngües é freqüente se observar que uma das línguas é dominante e a outra é dominada (conforme referimos no subitem 3.2). Em vários livros¹⁶ que tratam sobre a história do povo menonita e da sua língua materna (o *Plautdietsch*), percebe-se que ela é considerada pelos próprios menonitas como uma variedade baixa, ou seja, uma língua com menos prestígio social. Baseando-se na descrição acima sobre os fatores que levam à morte de uma língua, o *Plautdietsch* de Witmarsum, sendo uma língua com uso decrescente, poderia estar em perigo de se extinguir, sendo influenciado pelo fator suicídio lingüístico. A própria comunidade rejeita o *Plautdietsch*, ou seja, a falta de prestígio é interna. Além disso, se levarmos em conta a escala de Wurm, podemos situar o *Plautdietsch* de Witmarsum entre os níveis dois e três, ou seja, poucos jovens falam o *Plautdietsch* e bons falantes são adultos acima de trinta anos.

A morte de línguas, e neste caso o perigo da morte do *Plautdietsch* na Colônia Witmarsum, é preocupante, visto que as línguas são expressões de identidade e, segundo Crystal (2001: p.53), “a perda de uma língua é a perda de um pensamento, de uma comunicação de todo um povo durante toda sua história.” Para que possamos compreender melhor um povo e a sua história é imprescindível conhecer a sua língua, pois “a língua é a memória da nossa história” (Crystal 2001: p.56).

Embora o *Plautdietsch* esteja em risco de desaparecimento em Witmarsum, ainda não se atingiu um estado irreversível, pois, ainda segundo Crystal (2001: p.156), uma língua em perigo pode ser resgatada se seus falantes aumentarem seu prestígio dentro da comunidade dominante, se seus falantes se dispuserem a

¹⁶ Reger & Plett (2001: p.78); Epp (1993: p.26)

escrevê-la com mais freqüência (pois a escrita desempenha um papel único na conservação de uma língua), como também se seus falantes utilizarem a língua via tecnologia eletrônica (internet). Nesse sentido, como o *Plautdietsch* manifesta-se sobretudo oralmente na comunidade e é pouco lida ou escrita pelos menonitas de Witmarsum, caberia aos líderes da comunidade incentivar os seus falantes a manter a língua através não só do uso cotidiano, mas também através da leitura de revistas, como, por exemplo, a *Plautdietsch Frind* (www.plautdietsch-freunde.de) ou da leitura da própria bíblia já existente no *Plautdietsch*.

4 METODOLOGIA

4.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

O objeto de análise desta pesquisa empírica é o trilingüísmo falado na Colônia de Witmarsum: o *Plautdietsch* (variedade dialetal), o *Hochdeutsch* (alemão-padrão) e o português. Para isso foi imprescindível compor um *corpus* a partir da coleta de dados junto a informantes, mediante entrevistas gravadas.

Para que se possa obter um resultado fidedigno da comunidade a ser analisada, faz-se necessário formar um *corpus* representativo, para o qual foram selecionados informantes a partir de critérios específicos para compor a amostra representativa da comunidade. Sendo assim, procurou-se constituir um *corpus* com informantes selecionados, de forma que este seja um extrato fiel e relevante do grupo em estudo.

Para a composição da amostra deste estudo houve a preocupação em dividir os informantes de tal modo que no material colhido seja possível identificar um retrato sociolingüístico da comunidade em estudo. Segundo Mollica (2003: P.11), estes critérios são chamados de “conjunto de variáveis externas à língua”, que dizem respeito a “fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)”. No entanto, para este estudo nem todas variáveis demonstraram ser necessárias ou aplicáveis para uma descrição real da comunidade de Witmarsum.

Como a comunidade de Witmarsum não é tão pequena a ponto de ser possível contactar todos os seus indivíduos como informantes, foram selecionados para este trabalho falantes que constituíram a amostra representativa. Para esta amostra, porém foram selecionados três informantes casados com unilíngües (português), que poderiam influenciar o uso das línguas nos diversos âmbitos. Optou-se, então, por fazer uma amostra de controle com outros três informantes casados com menonitas de fala alemã.

Levando em consideração que o número dos moradores de Witmarsum acima de 53 anos é em torno de um terço do total da população na comunidade,

formou-se uma segunda amostra de controle com oito pessoas menonitas, todas moradores de Witmarsum, com idade acima de 53 anos e falantes do *Plautdietsch*.

Desta forma o presente estudo apresenta resultados relativos a três amostras:

- a) uma amostra representativa
- b) duas amostras de controle

Mediante a comparação destas diferentes amostras será possível a generalização dos resultados obtidos.

A escolha de informantes para a composição destas amostras segue descrita abaixo.

4.2 ESCOLHA DE INFORMANTES

O número de informantes utilizado numa pesquisa deve oferecer uma base para que possamos obter resultados representativos. Sendo assim, para atingir 2% da população de Witmarsum¹⁷, foram selecionados 24 informantes para a amostra representativa com as seguintes características:

- a) todos moradores da Colônia;
- b) ascendência menonita;
- c) falantes do *Plautdietsch* e/ou *Hochdeutsch*;
- d) sempre viveram na Colônia;
- e) idade máxima de 53 anos de idade;
- f) sem formação superior.

O critério básico para a seleção de informantes das amostras foi o da amostragem “aleatória estratificada”, mencionada por Oliveira e Silva (2003: p.121), em que “divide-se a população em células compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada célula, a uma seleção aleatória”.

¹⁷ Foi levada em consideração a porcentagem usadas nas pesquisas eleitorais por instituições como o IBOPE.

Sendo assim, como se trata de uma comunidade relativamente homogênea, foram escolhidas como objeto de pesquisa doze informantes do grupo do *Plautdietsch* (cuja língua materna é o *Plautdietsch*) e doze informantes do grupo *Hochdeutsch* (cuja língua materna é o *Hochdeutsch*). É importante mencionar que todos os falantes do *Plautdietsch* também falam o *Hochdeutsch* (em função de a linguagem da igreja ser o *Hochdeutsch* e na escola também haver o ensino regular do alemão padrão), porém o contrário é mais raro. Entre os falantes do *Hochdeutsch* alguns falam/aprendem o *Plautdietsch*, devido ao convívio diário com pessoas que falam o *Plautdietsch*.

Como antiga moradora da comunidade, a entrevistadora tinha o conhecimento prévio de quais famílias falavam as duas (*Hochdeutsch* e português) ou as três línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português). Observou-se inclusive a maneira de entrar em contato com os informantes para marcar a “entrevista”, sendo este primeiro contato também em *Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*, conforme o caso.

Para que os principais estratos da comunidade estivessem contemplados, fizemos uma reflexão cuidadosa sobre a escolha das variáveis sociais. Optou-se em escolher faixas etárias (três divisões), sexo e escolaridade como as variáveis deste estudo.

No início do estudo teve-se a pretensão de verificar também a influência do contexto, ou seja, informantes que fazem parte da rede social mais aberta, por exemplo, pessoas que trabalham na administração da cooperativa, no comércio, no banco da Colônia etc. Porém, este critério foi eliminado, pois durante a seleção dos informantes constatou-se que a maior parte destes não fazem parte de uma rede social mais aberta, por trabalharem unicamente na sua própria fazenda ou na lavoura. Na faixa etária mais jovem (até 18 anos), por exemplo, a maioria faz parte de um grupo de rede social bastante restrita (família, vizinhos, amigos e escola) e não foi possível encontrar informantes desta faixa que trabalhassem fora de casa ou que participassem de uma rede mais aberta. Desta forma optou-se por não verificar a influência do contexto como uma variável.

Como ex-moradora de Witmarsum, que fala o *Plautdietsch* e o *Hochdeutsch* e é aceita como um membro da comunidade, pôde-se estabelecer uma comunicação relativamente natural entre a entrevistadora e o informante. As entrevistas ocorreram de uma maneira bastante tranqüila, não como forma de

entrevista, mas antes tiveram a característica de uma conversa livre e informal, capaz de diminuir o fenômeno que Labov (1975) chamou de “paradoxo do observador”, no qual o informante sabe que está sendo observado, modificando sua atitude e, com isso, também sua linguagem.

Na escolha dos informantes também teve-se a preocupação de não selecionar mais de um membro da mesma família para qualquer das faixas etárias, ou que tivessem parentesco direto (pai, mãe, irmão), a fim de que pudesse ser abrangido um maior número de famílias distintas e uma descrição da comunidade o mais real possível.

Em seguida, apresentamos as variáveis consideradas neste trabalho.

4.2.1 Divisão por Faixa Etária

A divisão por faixa etária é relevante neste estudo por ter como um dos seus objetivos verificar se há diferentes graus de uso das línguas nas diferentes gerações. Foram consideradas três faixas etárias, sendo que o primeiro grupo é formado por jovens até 18 anos (primeira faixa etária), o segundo compreende informantes entre 19 e 35 anos (segunda faixa etária) e o terceiro grupo abrange pessoas entre 36 e 53 anos de idade (terceira faixa etária).

O motivo que levou a decidirmos por três faixas etárias foi a própria idade da Colônia, que no ano 2004 completou 53 anos. Cada faixa etária compreende um período de 17 a 18 anos.

Para a composição da amostra representativa foram entrevistados somente aqueles indivíduos que nasceram em Witmarsum ou que vieram até os três anos de idade para a comunidade. Com isso evitou-se que a escolaridade do informante em uma outra comunidade, ou sua interação com falantes de outro centro até a fase da adolescência tenham reflexo sobre a marca sociolingüística do grupo em estudo.

Também observou-se que os informantes não tivessem a idade próxima ao limite dado por faixa, para que a descrição desta variável pudesse ser mais exata, sem que apresentasse as mesmas características da outra faixa etária.

4.2.2 Divisão por Sexo

16	14	M	EMI	PM1A5	14	15	M	EMI	HM1A5
21	17	M	EMI	PM2A5	10	17	M	EMI	HM2A5
07	17	F	EMI	PF1A5	19	14	F	EMI	HF1A5
04	17	F	EMI	PF2A5	20	17	F	EMI	HF2A5
03	34	M	EFC	PM1B4	22	23	M	EFI	HM1B3
18	24	M	EMC	PM2B6	01	22	M	EMC	HM2B6
09	21	F	EFC	PF1B4	17	25	F	EFI	HF1B3
08	25	F	EMC	PF2B6	23	30	F	EFC	HF2B4
06	53	M	EFI	PM1C3	13	45	M	EFI	HM1C3
12	44	M	EMC	PM2C6	15	41	M	EMC	HM2C6
02	39	F	EFC	PF1C4	24	42	F	EFI	HF1C3
05	42	F	EMC	PF2C6	11	40	F	EMC	HF2C6

* Número do entrevistado

Legenda

P = informantes do *Plautdietsch*
H = informantes do *Hochdeutsch*
M = Masculino
F = Feminino

A = informantes menores de 18 anos
B = informantes entre 19 e 35 anos
C = informantes entre 36 e 53 anos

1 = primeiro informante da faixa etária
2 = segundo informante da faixa etária

3 = E F I = Ensino fundamental incompleto (entre 5 e 7 anos de escolaridade)
4 = E F C = Ensino fundamental completo (com 8 anos de escolaridade)
5 = E M I = Ensino médio incompleto (9 ou 10 anos de escolaridade)
6 = E M C = Ensino médio completo (com 11 anos de escolaridade)

Nas tabelas abaixo podemos verificar uma distribuição uniforme nas variáveis “faixa etária” (tabela 3) e “sexo” (tabela 4), contempladas sempre com um informante. Desse modo há um informante *Plautdietsch* do sexo masculino da faixa etária C, um informante do *Hochdeutsch* do sexo masculino da faixa etária C, e assim por diante.

TABELA 3 - CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR FAIXA ETÁRIA

Faixa etária	Número de informantes
A = informantes nascidos a partir de 1986	04 Plautdietsch + 04 Hochdeutsch
B = informantes nascidos entre 1968 e 1985	04 Plautdietsch + 04 Hochdeutsch
C = informantes nascidos entre 1951 e 1967	04 Plautdietsch + 04 Hochdeutsch
Número total de informantes:	24

TABELA 4 - CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR SEXO

Sexo	Número de informantes
Masculino	06 Plautdietsch + 06 Hochdeutsch
Feminino	06 Plautdietsch + 06 Hochdeutsch
Número total de informantes:	12 Plautdietsch + 12 Hochdeutsch

TABELA 5 – CLASSIFICAÇÃO DOS INFORMANTES POR ESCOLARIDADE

Escolaridade	Faixa etária A	Faixa etária B	Faixa etária C
Ensino fundamental		02 Plautdietsch + 03 Hochdeutsch	02 Plautdietsch + 02 Hochdeutsch
Ensino médio	04 Plautdietsch + 04 Hochdeutsch	02 Plautdietsch + 01 Hochdeutsch	02 Plautdietsch + 02 Hochdeutsch
Total de informantes	08 informantes*	08 informantes	08 informantes

* Informantes que estão cursando o ensino médio

A distribuição uniforme por escolaridade (tabela 5) não foi possível na faixa etária A (tanto no *Plautdietsch* como no *Hochdeutsch*) e em um caso da faixa B (somente no *Hochdeutsch*). Esta distribuição não uniforme na escolaridade da faixa etária A justifica-se por não terem sido encontrado informantes com idade menor de 18 com ensino médio completo e sim, apenas com ensino fundamental completo e que estão cursando o ensino médio. Desta forma optou-se por informantes da faixa etária A que estão cursando o ensino médio. O outro caso justifica-se por não se

achar um informante feminino da faixa etária B (no *Hochdeutsch*) com ensino médio completo. Optou-se em selecionar alguém que tivesse também o ensino fundamental completo.

4.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados a entrevistadora entrava em contato com os informantes por telefone antes e marcava a entrevista. Pelo fato de a entrevistadora ser originária de Witmarsum e conhecer todos os informantes pessoalmente, ficou facilitada a tarefa de marcar a entrevista e a própria confiança destes. Em muitos os casos, os entrevistados sentiram-se lisonjeados por serem escolhidos para a entrevista. Durante todo o período de seleção dos informantes apenas uma única pessoa se negou em fazer a entrevista por motivos particulares; todos os outros informantes concordaram imediatamente em fazer a entrevista.

Durante a entrevista foram utilizados alguns instrumentos de coleta como veremos a seguir.

Na primeira parte da entrevista o entrevistador fazia algumas perguntas que tratavam do dia-a-dia da comunidade ou sobre informações pessoais do entrevistado, como por exemplo, a sua data de nascimento, seus afazeres durante a semana, informações sobre sua família etc. Essas perguntas serviam como auxílio, para que o entrevistado pudesse sentir-se mais a vontade e seguro possível, tornando assim o decorrer da entrevista mais natural.

Para fazer uma descrição da comunidade quanto ao uso das três línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português), aplicou-se um questionário¹⁸ que tratava do uso das línguas em diversos âmbitos. Primeiramente eram anotados os dados pessoais do informante, e depois o próprio informante, por meio de perguntas por parte da entrevistadora, avaliava o seu domínio no uso das línguas sob os três aspectos: em relação à fala, ao entendimento e à escrita. Essa pergunta visava a uma auto-avaliação sobre a competência na fala, na compreensão, na leitura e na escrita das línguas, por meio de uma escala com três valores: bom, médio e ruim.

¹⁸ O questionário que trata dos aspectos pessoais e sociais, como também das atitudes dos informantes quanto às línguas, está no Apêndice 2.

Em seguida, o informante era questionado em relação ao uso das línguas nos mais diversos ambientes, por exemplo: na igreja, na família, com os vizinhos, com os amigos, nos momentos de lazer, no trabalho, na cooperativa, com a associação, no hospital, na escola, no supermercado e na farmácia. Estes âmbitos oferecem uma visão geral sobre as situações nas quais os entrevistados se decidem por uma das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou Português).

Todos os informantes participaram sem maiores dificuldades das várias etapas da entrevista.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados deste estudo visava descrever inicialmente tanto o uso das três línguas nos diferentes âmbitos, como também as interferências gramaticais e lexicais do português na comunidade de Witmarsum. Ao longo do trabalho revelou-se que, porém, a necessidade de uma nova delimitação do objeto de análise. Optou-se então por fazer uma descrição mais detalhada do uso do trilingüísmo na comunidade.

Para tanto fizemos um levantamento por meio de questionário aplicado a 35 pessoas sobre o uso das línguas nos diversos âmbitos. Transferimos os resultados para diferentes tabelas, para então procedermos à análise e à descrição mais detalhada de cada âmbito e apontarmos as conclusões sobre o uso das três línguas em Witmarsum.

A análise dos dados também foi subsidiada pela comparação com os resultados obtidos por outros estudos sociolingüísticos feitos, por exemplo, por Kaufmann (2003), Sambaquy-Wallner (1998), Siemens (1983) e Gal (1979), nos quais também foram analisados o uso de duas ou mais línguas em diversos ambientes.

5.1 ÂMBITO RELIGIOSO

Para uma melhor compreensão deste âmbito deve-se levar em conta que, desde a época em que os menonitas moravam na Rússia, a língua usada na esfera religiosa é o *Hochdeutsch*: *Hochdeutsch war in Russland die Sprache in Schule und Kirche gewesen*¹⁹ (Klassen 1995: p.300). Em Witmarsum há duas igrejas menonitas, nas quais o culto aos domingos pela manhã é realizado na língua alemã: Igreja Evangélica Menonita e Igreja Evangélica Irmãos Menonitas²⁰. A Igreja Evangélica Menonita fundou mais tarde também em Witmarsum a Segunda Igreja Menonita,

¹⁹ Nossa tradução: “O *Hochdeutsch* era na Rússia a língua usada na escola e na igreja”.

²⁰ Não há diferença entre as duas igreja em questão de fé; como já citado anteriormente, houve ainda na Rússia dentro da Igreja menonita um cisma de inspiração pietista que deu origem à Igreja dos Irmãos Menonitas.

sendo o culto em português. Este culto também é realizado aos domingos pela manhã e freqüentado principalmente por empregados unilíngües das fazendas, funcionários unilíngües da cooperativa e menonitas casados com unilíngües portugueses.

Com pequenas variações, os cultos nas igrejas menonitas de fala alemã em Witmarsum são compostos pelas seguintes partes: boas-vindas dadas pelo pastor, breve meditação bíblica, oração, aula dominical (separados em grupos: crianças, jovens e adultos), três hinos do coral, avisos, o canto congregacional, levantamento da oferta em dinheiro e a pregação feita pelo pastor ou outro pregador. Durante a realização de um culto, o público tem participação ativa apenas no momento da escola dominical e no canto congregacional. Uma vez por mês é realizado no final do culto a “Santa Ceia”, em que é dada oportunidade para os membros testemunhar sobre sua “vivência com Deus” no dia-a-dia. Esses testemunhos também são proferidos na sua grande maioria em *Hochdeutsch*, tanto por pessoas mais de idade como por pessoas mais jovens.

A aula dominical para crianças na Igreja Evangélica Irmãos Menonitas é dada na língua alemã até 14 anos. Os jovens (entre 15 e ± 25 anos) tem a aula dominical em português. Após a escola dominical o culto é em conjunto (crianças, jovens e adultos), em *Hochdeutsch*. Na Igreja Evangélica Menonita não há escola dominical para adultos, apenas para as crianças até 12 anos em *Hochdeutsch* e para os adolescentes até 14 anos em português. A escola dominical nesta igreja funciona durante o culto, ou seja, enquanto os adultos ouvem a pregação, as crianças e adolescentes estão nas classes de escola dominical.

De acordo com as perguntas feitas no questionário social, segue a descrição sobre o uso das línguas nos diferentes aspectos deste âmbito.

5.1.1 Cultos e Pregações

Quanto à preferência de uso de uma das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) em cultos e pregações, por faixa etária, sexo e escolaridade, temos os seguintes resultados (ver tabela 9 questões 1 e 3, no apêndice 2):

- a preferência em geral pelo uso do *Hochdeutsch* nos cultos é superior e, em seguida, vem o português. O *Plautdietsch* não é mencionado por nenhum informante para essa situação;
- em relação à faixa etária, a preferência pelo *Hochdeutsch* no culto é na terceira faixa, seguida pela primeira e por último pela segunda faixa etária. Na segunda faixa etária a preferência pelo português é de 75% e na primeira faixa é de 38%;
- quanto ao sexo, 50% dos informantes masculinos preferem as pregações em *Hochdeutsch*, 42% em português e o restante gostaria que tivesse às vezes em *Hochdeutsch* e às vezes em português; dos femininos 58% preferem as pregações em *Hochdeutsch* e 42% em português;
- quanto à escolaridade, a preferência pelo uso do *Hochdeutsch* em pregações é daqueles que concluíram o ensino médio (57%), seguido por aqueles que concluíram o ensino fundamental (56%) e por último por aqueles que ainda estão cursando o ensino médio (50%).

Quanto à necessidade de haver cultos também em português nas igrejas menonitas alemães, temos os seguintes resultados:

- 50% dos informantes não sente necessidade de cultos em português;
- quanto à faixa etária, tanto na primeira como na terceira, 63% deles não sentem necessidade de cultos em português; no entanto, 75% da segunda faixa etária gostaria de ter cultos em português;
- 58% dos informantes do grupo masculino e 42% do feminino são a favor de cultos em português;
- os informantes que concluíram o ensino fundamental ou médio são mais a favor de cultos em português (44% e 57%, respectivamente); 38% dos que estão cursando o ensino médio são a favor do culto em português.

Analisando os resultados acima, conclui-se que:

- a) a maioria tem preferência pelas pregações em *Hochdeutsch*, mas, ao mesmo tempo, a metade sente necessidade de cultos em português;

- b) a segunda faixa etária tem maior preferência por pregações e cultos em português, seguida pela primeira e, por último, pela terceira faixa etária;
- c) tanto o grupo masculino como o feminino têm preferência por ouvir a pregação em *Hochdeutsch*, no entanto os homens estão mais a favor de cultos em português;
- d) os informantes com maior escolaridade têm preferência pelo *Hochdeutsch* nas pregações, no entanto, ao mesmo tempo sentem também maior necessidade de cultos em português.

Conforme os resultados do aspecto “culto e pregações”, podemos concluir que ocorre um alto grau de passividade dos participantes e um contexto fortemente formal; líderes e pastores fazem uso muito maior da palavra durante o culto, enquanto a maioria dos participantes apenas assiste ao transcorrer do programa. Neste contexto de alto grau de formalidade e grande passividade dos participantes, há uma preferência pelo *Hochdeutsch* e uma menor porcentagem pelo português. No entanto, sente-se necessidade de cultos em português. O *Plautdietsch* não é considerado como uma opção de “língua do formalismo religioso” durante o culto.

Deve ser levado em consideração que na segunda faixa etária há três informantes que estão casados com unilíngües português e que esta situação poderia influenciar o uso das línguas. Como já referido no capítulo anterior (metodologia), optamos por fazer uma amostra de controle, composta por três informantes da segunda faixa etária com os mesmos critérios de escolha da primeira amostra, porém casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*.

Comparando o uso das línguas com a segunda amostra (casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*), observa-se o seguinte:

- a) a preferência pelo *Hochdeutsch* nas pregações sobe de 54% para 58% e de cultos em português desce de 50% para 46%;
- b) na segunda faixa etária, a preferência pelo português tanto nas pregações como a necessidade de cultos em português passa de 75% para 63%; as outras faixas etárias permanecem iguais à amostra anterior;

- c) quanto ao sexo, os homens e as mulheres têm maior preferência por pregações em *Hochdeutsch*, e apenas 50% dos homens e 25% das mulheres gostariam de ter cultos em português;
- d) quanto à escolaridade, continua a preferência pelo *Hochdeutsch* nas pregações por aqueles que têm maior escolaridade, e ao mesmo tempo a preferência de cultos em português por este mesmo grupo.

5.1.2 Oração

A oração faz parte da vida do menonita, tanto no ambiente público (igreja e encontros de estudo bíblico em grupo) como na vida particular (em casa, num culto de família, na devocional individual). Ela é ensinada à criança desde o berço, geralmente pela mãe, e em *Hochdeutsch*.

Durante a oração a pessoa tem uma participação verbal ativa, mas ao mesmo tempo é um momento com alto grau de formalidade, pois ela está se dirigindo à autoridade suprema, que é Deus; o orador usa uma linguagem mais culta, e muitas vezes empregam-se expressões fixas aprendidas dos mais velhos. Nos cultos tanto o orador como a congregação freqüentemente ficam em pé no momento da oração.

Quanto à preferência de uso de uma das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) nas orações, por faixa etária, sexo e escolaridade temos os seguintes resultados (ver tabela 9 questão 8, no apêndice 2):

- o uso do *Hochdeutsch* nas orações é de 58% e o de português é de 42%;
- quanto à faixa etária, há um predomínio do *Hochdeutsch* na terceira faixa (88%), seguido pela primeira faixa com 63% e por último a segunda faixa etária, no qual o *Hochdeutsch* é usado apenas por 25% dos informantes;
- a preferência pelo uso do *Hochdeutsch* nas orações no grupo masculino é de 67%, enquanto no feminino é de 50%;
- os informantes com escolaridade mais alta têm predominância no uso do *Hochdeutsch* (71%), seguido por aqueles que estão cursando o ensino médio (63%) e por último os que concluíram o ensino fundamental (44%).

Analisando os aspectos acima, conclui-se que:

- a) o uso do *Hochdeutsch* nas orações é predominante e o do português tende a aumentar; já o do *Plautdietsch* é nulo;
- b) o grupo masculino tem preferência pelo uso do *Hochdeutsch* e o feminino divide-se meio a meio;
- c) a primeira e terceira faixa etária usam mais o *Hochdeutsch*, tida como a língua mais formal e ao mesmo tempo a mais próxima (maior intimidade) de Deus, tanto em público como individualmente; este fenômeno pode ser explicado pelo fato de o *Hochdeutsch* ser a linguagem de afeto, que a mãe usou com o(a) filho(a) no momento de contar histórias bíblicas e orar, o que para a primeira faixa etária ainda é algo recente. As próprias escolas dominicais são ministradas em *Hochdeutsch* e, conseqüentemente, os jovens talvez se sintam intimamente mais ligados a Deus quando oram em *Hochdeutsch*;
- d) quanto maior a escolaridade, maior a preferência pelo *Hochdeutsch* nas orações.

Comparando a preferência do uso das línguas nas orações com a segunda amostra (casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*), temos os seguintes resultados:

- a) o uso geral do *Hochdeutsch* nas orações sobe de 58% para 67%;
- b) o grupo masculino aumenta a preferência pelo *Hochdeutsch* (83%) e o feminino permanece igual à amostra anterior;
- c) na segunda faixa etária, o uso do português passa de 75% para 50%; as outras faixas etárias permanecem iguais à amostra anterior;
- d) quanto maior a escolaridade maior a preferência pelo *Hochdeutsch* nas orações.

É de costume os menonitas fazerem uma oração antes de cada refeição. Em geral, são orações fixas, e em *Hochdeutsch*, aprendidas também desde o berço. Como não se perguntou a respeito desta oração específica (antes da refeição), não há como apresentar neste estudo um resultado em porcentagem; no entanto, como membro da comunidade e observações feitas pela própria pesquisadora em diversas famílias da comunidade, constatamos que o hábito de fazer uma oração

antes de uma refeição em *Hochdeutsch* é um costume ainda praticado pela maioria das famílias menonitas na comunidade.

5.1.3 Conversa com o Pastor

Sobre a preferência pelo uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) na conversa com o pastor, podemos verificar os seguintes resultados (ver tabela 9 questão 7, no apêndice 2):

- usa-se preferencialmente o português, seguido do *Hochdeutsch*; apenas um informante relata que fala em *Plautdietsch* com o pastor. É relevante mencionar que a opção por uma língua no momento de falar com o pastor também depende da própria condição do pastor: se ele é bi- ou trilingüe desde a sua infância. Neste caso, ambos os pastores das duas igrejas falam desde a sua infância o *Hochdeutsch* e o português; o *Plautdietsch* foi aprendido por eles no convívio com a comunidade;
- tanto a terceira (63%) como a primeira faixa etária (50%) usam preferencialmente o *Hochdeutsch*; na segunda faixa etária, 88% dos informantes preferem falar em português;
- enquanto 58% do grupo feminino usa o *Hochdeutsch*, 67% do grupo masculino usa o português;
- o português é falado por 67% que concluíram o ensino fundamental, 43% dos que cursaram o ensino médio e 38% dos que estão cursando o ensino médio.

Durante a conversa com o pastor há uma participação verbal ativa do informante num contexto relativamente formal, pois o pastor representa uma autoridade religiosa.

Analisando os resultados acima, podemos concluir que:

- a) a preferência é pelo português e *Hochdeutsch*; o *Plautdietsch* é muito pouco usado;
- b) a segunda faixa etária tem preferência pelo uso do português, enquanto nas outras duas faixas etárias prevalece o *Hochdeutsch*;
- c) o grupo feminino supera o masculino em 33% no uso do *Hochdeutsch*;

- d) os que termiram o ensino fundamental têm maior uso do português, seguido por aqueles que concluíram o ensino médio e por último os que estão cursando o ensino médio.

Comparando a preferência do uso das línguas nas conversas com o pastor com a segunda amostra (casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*), temos os seguintes resultados:

- a) o uso do português passa de 50% para 46%;
- b) na segunda faixa etária, 75% dos informantes usam o português, enquanto na amostra anterior isso correspondia a 88%; as outras faixas etárias permanecem iguais à amostra anterior;
- c) o grupo masculino emprega o português 9% a menos em relação à amostra anterior e o feminino continua nos 33%;
- d) a escolaridade permanece igual à amostra anterior.

5.1.4 Atividades de Fé

No âmbito religioso o menonita tem participação verbal ativa nas reuniões de estudos bíblicos (realizados nas casas e nas dependências da igreja) e nas classes de escola dominical. Como a questão da escola dominical já foi descrito anteriormente (pág. 58), seguem os resultados mais específicos das reuniões de estudo e da leitura bíblica (ver tabela 9 questão 6 e 9, no apêndice 2):

- nas reuniões de estudo e na leitura bíblica o português predomina; apenas 29% lê a bíblia em *Hochdeutsch*;
- todos da primeira e da segunda faixa etária que participam de reuniões bíblicas usam durante o estudo apenas o português, já na terceira faixa 80% dos que participam de estudos bíblicos falam em *Hochdeutsch*; a leitura bíblica pessoal é feita em português por 88% da primeira faixa etária, 100% da segunda faixa etária e em *Hochdeutsch* por 75% da terceira faixa etária;
- nas reuniões de estudos bíblicos, 88% do grupo masculino e 63% do grupo feminino (que participam) usam o português; a leitura bíblica

pessoal é feita por 83% dos homens e por 58% das mulheres em português;

- quanto à escolaridade, aqueles que estão cursando o ensino médio e que participam em estudos bíblicos usam unicamente o português e 88% destes lêem a bíblia em português; dos que já concluíram o ensino médio 75% participam de reuniões bíblicas em *Hochdeutsch*; no entanto, 57% destes lêem a bíblia em português; os que têm concluído até o ensino fundamental, 80% participam de reuniões bíblicas em português e destes 67% lêem a bíblia em português;

Analisando os resultados acima, podemos concluir que:

- a) o português predomina nas reuniões de estudo bíblico e nas leituras bíblicas pessoais; o *Plautdietsch* neste contexto praticamente não é usado, no entanto, é comum fazê-lo após o término da reunião nas conversas mais informais;
- b) ambos os sexos participam mais de estudos bíblicos dados em português e preferem ler a bíblia em português; no entanto, nos estudos bíblicos e na leitura bíblica, os homens predominam no uso do português, em relação às mulheres;
- c) todos os que participam de estudos bíblicos da primeira e segunda faixa empregam unicamente o português durante o estudo; no momento da leitura bíblica pessoal, todos da segunda faixa etária e 88% da primeira usam o português; na terceira faixa etária a maioria usa o *Hochdeutsch* nos estudos bíblicos e nas leituras bíblicas;
- d) aqueles que estão cursando o ensino médio e que concluíram o ensino fundamental utilizam preferencialmente o português nas reuniões de estudo bíblico, como também preferem fazer a leitura bíblica em português; o grupo que concluiu o ensino médio tem maior uso do *Hochdeutsch* em estudos bíblicos, como também lê a bíblia mais em *Hochdeutsch*, em relação aos outros dois grupos.

Comparando a preferência do uso das línguas nas questões de fé com a segunda amostra (casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*), temos os seguintes resultados:

- a) o português também é empregado com predomínio nos estudos bíblicos e a leitura bíblica pessoal em *Hochdeutsch* sobe de 29% para 34%;
- b) quanto ao sexo, o masculino permanece igual no uso do português nos estudos bíblicos, aumentando o uso do *Hochdeutsch* na leitura bíblica para 25%; o feminino diminui o uso do português apenas nos estudos bíblicos em relação à amostra anterior (de 63% para 57%);
- c) na segunda faixa etária, todos que participam dos estudos bíblicos empregam o português e 88% faz a leitura bíblica também nesta língua; as outras faixas etárias permanecem iguais a amostra anterior;
- d) quanto à escolaridade, os resultados são idênticos aos da amostra anterior.

5.1.5 Conversas após os Cultos

Após o término de um culto, é comum as pessoas ainda conversarem com amigos e conhecidos da comunidade no pátio da igreja. Por meio do questionário e também pela própria observação feita da pesquisadora durante a pesquisa, foram obtidos os seguintes resultados (ver tabela 9 questão 5, no apêndice 2):

- as conversas após o culto são predominantemente em português (50%), seguido pelo *Plautdietsch* (25%) e *Hochdeutsch* (21%); um informante informou que fala tanto o português como o *Plautdietsch*;
- a terceira faixa etária usa tanto o *Plautdietsch* como o *Hochdeutsch* (75%); a segunda faixa etária tem 63% preferência pelo português, seguido pelo *Plautdietsch* (25%); a primeira faixa etária tem 75% preferência pelo português;
- o grupo masculino emprega português com preferência (58%), seguido pelo *Plautdietsch* com 33%; o *Hochdeutsch* não apareceu dentro do grupo masculino; o grupo feminino usa tanto o *Hochdeutsch* (42%) como o português (42%) e poucas vezes usa o *Plautdietsch*;

- o grupo com menor escolaridade prefere o uso do português (44%), seguido do *Plautdietsch* (33%); o grupo que já concluiu o ensino médio emprega igualmente o *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e o português (29%); aqueles que ainda estão cursando o ensino médio superam as outras faixas etárias no uso do português (75%) e usam muito pouco o *Hochdeutsch* ou o *Plautdietsch*.

Após o culto ocorre uma participação verbal ativa num contexto bem informal, que poderia sofrer uma influência do próprio culto realizado em *Hochdeutsch*. Analisando os resultados acima, podemos concluir que:

- a) o português predomina nas conversas e em seguida vem o *Plautdietsch*;
- b) o grupo masculino supera o feminino no uso do português e *Plautdietsch* e é superado pelo feminino no *Hochdeutsch*;
- c) com a diminuição da idade aumenta o emprego do português;
- d) o grupo com menor escolaridade emprega mais o *Plautdietsch* em relação aos outros grupos; os que estão cursando o ensino médio usam mais o português e os que concluíram o ensino médio o *Hochdeutsch*.

Comparando a preferência do uso das línguas nas conversas após os cultos com a segunda amostra (casados com menonitas falantes do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*), temos os seguintes resultados:

- a) o emprego do português cai de 50% para 46%;
- b) na segunda faixa etária o emprego do uso do português diminui de 63% para 50%; as outras faixas etárias permanecem iguais à amostra anterior;
- c) no grupo masculino o uso do português permanece igual, apenas no grupo feminino o uso do português diminui por 9% em relação à amostra anterior;
- d) aumenta o uso do *Plautdietsch* em 10% e diminui o uso do português (de 44% para 29%) para aqueles que concluíram o ensino fundamental; para aqueles que estão cursando o ensino médio permanece o resultado da amostra anterior e para os que concluíram o ensino médio há um aumento no uso do português de 4%;

5.1.6 Conclusão da Análise sobre o Âmbito Religioso

No âmbito religioso verifica-se que os menonitas de Witmarsum empregam preferencialmente duas línguas: o *Hochdeutsch* e o português. O *Plautdietsch* não faz parte da formalidade religiosa, ou seja, não é usada durante os cultos, na leitura bíblica, na oração e na pregação. No entanto, em um contexto mais informal, quando se fala a respeito da vida religiosa, o *Plautdietsch* é empregado (por ex.: comentários após o culto sobre a pregação).

Nesse âmbito percebe-se que há uma variação do emprego das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português) tendo influência de dois fatores: a (in)formalidade do contexto e a participação/passividade verbal do falante. Levando em consideração as diferentes situações deste âmbito, podemos ter a seguinte classificação (Tabela 6):

TABELA 6 – CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS QUANTO À PARTICIPAÇÃO E FORMALIDADE

	Contexto formal	Contexto informal
--	------------------------	--------------------------

Passividade verbal do falante	Culto	leitura bíblica
	Pregação	
Participação verbal do falante	Oração	conversa após o culto
	escola dominical	reunião de estudo bíblico
	conversa com pastor	

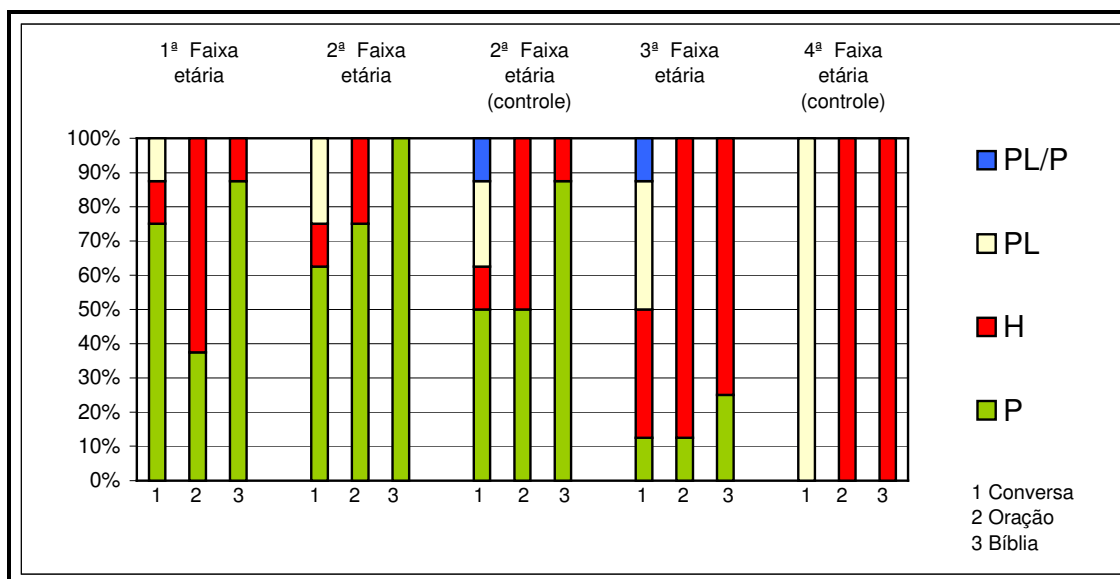
Analisando os resultados de cada situação deste âmbito, podemos fazer as seguintes conclusões:

- a) Contexto formal e passividade verbal do falante:
 - No culto e na pregação uso praticamente exclusivo do *Hochdeutsch*, pouquíssimo uso do português e uso nulo do *Plautdietsch*;
- b) Contexto formal e participação verbal do falante:
 - Nas orações e nas escolas dominicais predomina o *Hochdeutsch*, seguido do português;
 - Na conversa com o pastor predomina o português, seguido pelo *Hochdeutsch* e por último pelo *Plautdietsch*;
- c) Contexto informal e passividade verbal do falante:
 - Na leitura bíblica o português predomina;
- d) Contexto informal e participação verbal do falante:
 - Nas conversas após o culto o português predomina, seguido pelo *Plautdietsch* e por último o *Hochdeutsch*;
 - As reuniões de estudo bíblico durante a semana são feitas predominantemente em português.

Comparando os aspectos “oração, leitura bíblica e conversas após o culto” em relação às faixas etárias da amostra representativa com as amostras de controle, obtemos os resultados apresentados no gráfico 1²¹.

²¹ A análise da 4ª faixa etária da amostra de controle é descrita no item 5.11 e foi acrescentada neste gráfico para uma melhor visualização do uso das línguas em todas as faixas etárias.

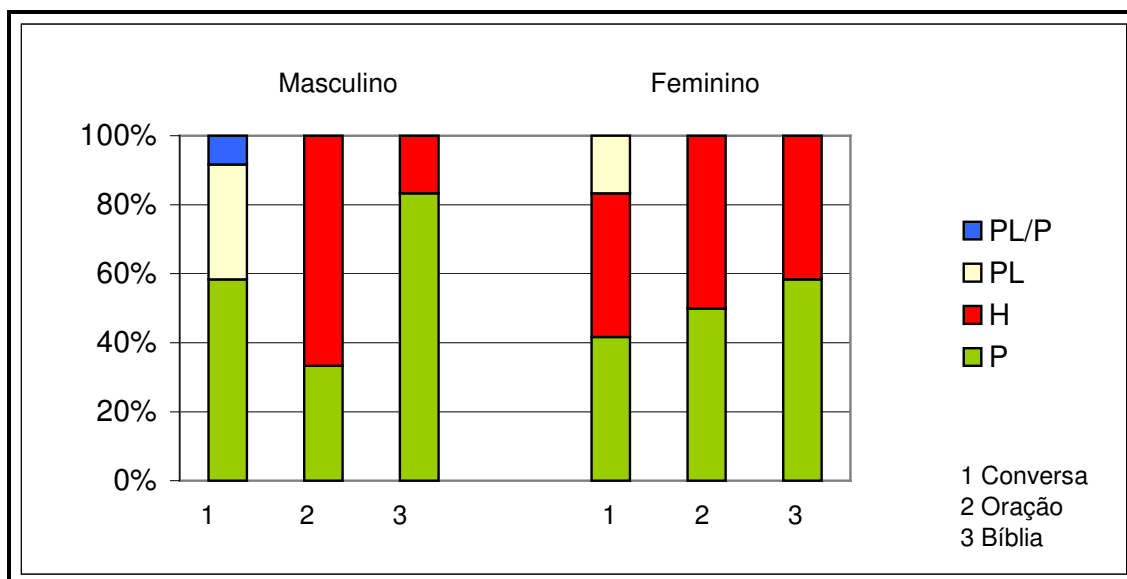
GRÁFICO 1 – ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA



Podemos observar que nos aspectos acima citados, o *Hochdeutsch* aparece em todas as faixas etárias, no entanto, com graus diferentes de frequência: enquanto na terceira e quarta faixa etária a oração e a leitura bíblica são feitas na sua grande maioria em *Hochdeutsch*, na primeira e segunda faixa etária o uso do português predomina. Nas conversas após o culto, a primeira e a segunda faixa etária da amostra representativa têm preferência pelo uso do português, a segunda faixa etária da amostra de controle usa as três línguas, mas também tende a usar mais o português. Na terceira faixa etária o uso do *Hochdeutsch* e *Plautdietsch* é bem maior que o português. A quarta faixa etária usa exclusivamente o *Plautdietsch*.

Comparando os aspectos “oração, leitura bíblica e conversas após o culto” em relação ao sexo, obtemos os resultados apresentados no gráfico 2.

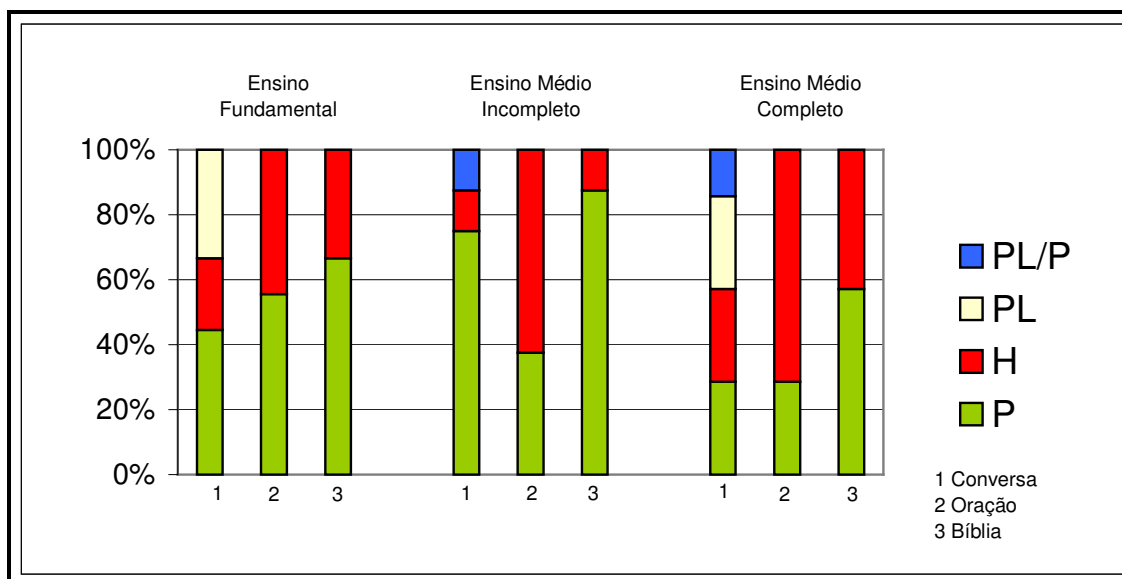
GRÁFICO 2 – ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR SEXO



Verificando o gráfico da amostra representativa, observa-se que, em geral, o grupo feminino faz maior uso do *Hochdeutsch* em relação ao masculino. Nas conversas após o culto o grupo masculino usa mais o português, seguido do *Plautdietsch*, mas não usa o *Hochdeutsch*; já o feminino, nesse momento, usa tanto o português como o *Hochdeutsch* e muito pouco o *Plautdietsch*. Na oração, o grupo masculino tende a usar mais o *Hochdeutsch* que o feminino e na leitura bíblica o grupo feminino prefere o uso do *Hochdeutsch*.

Comparando os aspectos “oração, leitura bíblica e conversas após o culto” em relação à escolaridade, teremos os resultados demonstrados no gráfico 3.

GRÁFICO 3 – ÂMBITO RELIGIOSO: RESULTADO POR ESCOLARIDADE



Observando o gráfico acima da amostra representativa, verifica-se que o grupo com maior escolaridade tem menor uso do português e maior emprego do *Hochdeutsch* em relação aos outros grupos; o grupo com menor escolaridade tem maior uso do *Plautdietsch* nas conversas após o culto e o grupo que ainda está cursando o ensino médio tem predomínio do português nas conversas e nas leituras bíblicas.

Concluindo, pode-se afirmar que as igrejas menonitas alemãs desempenham um papel fundamental na continuidade e preservação do *Hochdeutsch* em Witmarsum, pois em muitas famílias um dos principais motivos de ensinar-se o *Hochdeutsch* aos filhos é em função da igreja.

5.2 ÂMBITO DA FAMÍLIA

Devido à amostra representativa ter sido dividida em dois grupos com igual número de informantes (*Plautdietsch* e *Hochdeutsch*), a análise deste âmbito será feita separadamente dos dois grupos.

O critério usado para saber a qual grupo o informante pertencia levou em consideração a língua materna, ou seja, a língua que o informante aprendeu desde

o berço. Todos os informantes do *Plautdietsch* aprenderam o *Plautdietsch* e todos os informantes do *Hochdeutsch* aprenderam o *Hochdeutsch* com seus pais.

É importante mencionar que para a primeira faixa etária foi difícil encontrar informantes que falassem o *Plautdietsch*, em função de que a maioria dos pais, cuja língua materna é o *Plautdietsch*, tende a ensinar somente o *Hochdeutsch* para os seus filhos.

Em seguida será feita uma análise do âmbito familiar levando em consideração o uso das línguas com os avós, com os irmãos, entre os cônjuges e com os filhos (ver tabela 10 questões 3, 5, 9 e 10, no apêndice 2).

5.2.1 Comunicação com Avós

No grupo dos informantes do *Plautdietsch* 83,3% falam(vam)²² com seus avós maternos e paternos o *Plautdietsch*, 8,3% falam(vam) *Plautdietsch* com avós paternos e *Hochdeutsch* com avós maternos e 8,3% dos informantes não conheceram os avós. E no grupo dos informantes do *Hochdeutsch* 92% falam(vam) com seus avós em *Hochdeutsch* e 8% dos informantes não conheceram os avós.

Verifica-se que todos os informantes falam/falavam com os seus avós o *Plautdietsch* ou o *Hochdeutsch*. Deve-se observar que os avós do grupo *Plautdietsch* sempre falaram com seus filhos em *Plautdietsch*, mas com os netos a grande maioria fala em *Hochdeutsch*, pois estes já não falam mais o *Plautdietsch*. Nos encontros familiares com avós, pais e netos, por exemplo, há uma “festa” de alternância de códigos: os pais conversam com os avós em *Plautdietsch*, os avós com os netos em *Hochdeutsch* e os netos falam entre si preferencialmente o português, como também gostam de “misturar” as línguas (*Hochdeutsch* e português).

²² Falam ou falavam (no caso de falecimento dos avós).

5.2.2 Comunicação com Irmãos

Passamos a analisar o uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) na “comunicação com irmãos” por grupo, faixa etária, sexo e escolaridade.

a) Informantes do *Plautdietsch*

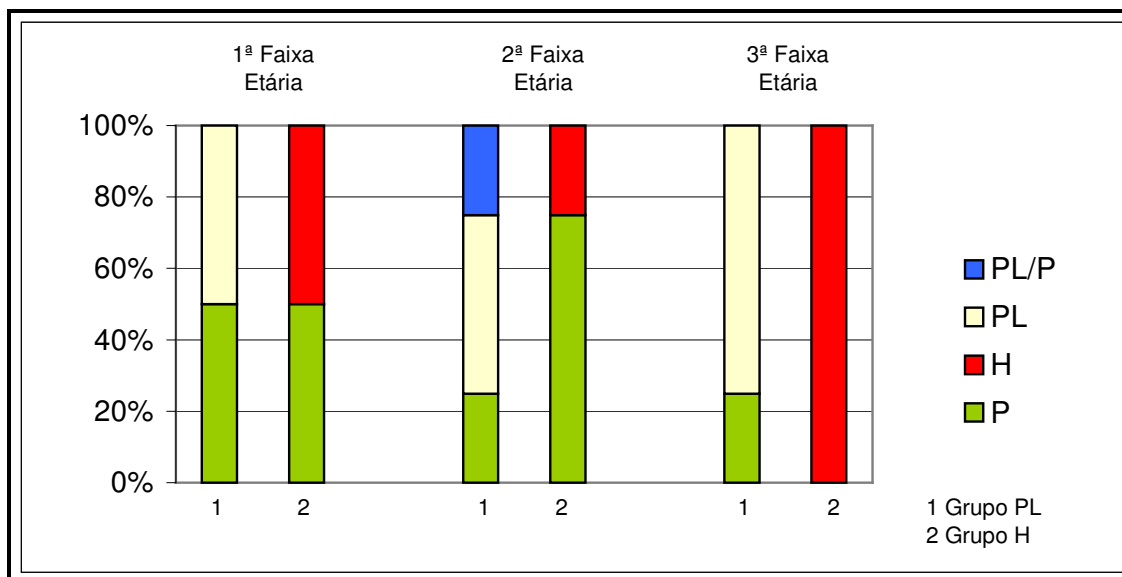
Neste grupo, 58% falam com os seus irmãos em *Plautdietsch*, 34% em português e 8% em *Plautdietsch*/português. Nas faixas etárias temos a seguinte distribuição: na primeira faixa etária 50% falam com irmãos em *Plautdietsch* e os outros 50% em português; na segunda faixa etária 50% falam em *Plautdietsch*, 25% em português e 25% em *Plautdietsch*/português e na terceira faixa etária 75% falam em *Plautdietsch* e 25% em português. Quanto ao sexo, 67% dos homens falam em *Plautdietsch* e 33% em português; das mulheres, 50% falam em *Plautdietsch*, 33% em português e 17% em *Plautdietsch*/português. Quanto à escolaridade, os informantes que concluíram o ensino fundamental têm predominância no uso do *Plautdietsch* (75%) e aqueles que concluíram ou que ainda estão cursando o ensino médio tanto empregam o *Plautdietsch* (50%) como o português (50%).

b) Informantes do *Hochdeutsch*

Neste grupo, 58% falam em *Hochdeutsch* e 42% em português. As faixas etárias apresentam os seguintes resultados: na primeira faixa etária 50% falam em *Hochdeutsch* e 50% em português; na segunda faixa etária 25% falam em *Hochdeutsch* e 75% em português e na terceira faixa etária todos falam em *Hochdeutsch*. Quanto ao sexo, 50% dos homens falam em *Hochdeutsch* e os outros 50% em português; 67% das mulheres falam em *Hochdeutsch* e 33% em português. Quanto à escolaridade, os informantes que concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio têm predominância no uso do *Hochdeutsch* (60% e 67% respectivamente) e aqueles que ainda estão cursando o ensino médio tanto empregam o *Hochdeutsch* (50%) como o português (50%).

Os resultados da “comunicação com irmãos” em relação às faixas etárias podem ser visualizados no gráfico 4:

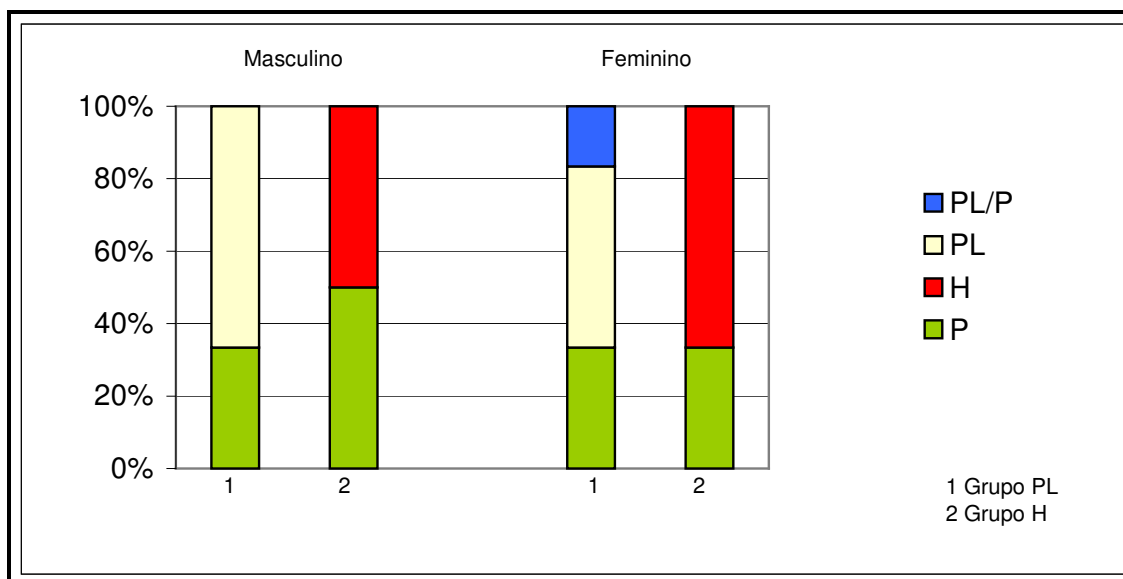
GRÁFICO 4 – ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA



Podemos verificar no gráfico acima, que na primeira faixa etária o uso do português em ambos os grupos é 50% e que a língua materna ainda está bastante presente na comunicação entre irmãos. Na segunda faixa etária, o grupo *Hochdeutsch* tem um uso crescente do português, enquanto no grupo *Plautdietsch* o uso do português diminui. Percebe-se que no grupo *Plautdietsch* à medida que diminui a idade, aumenta o uso do português; já no grupo *Hochdeutsch*, a segunda faixa etária é o grupo que menos utiliza o alemão. Na terceira faixa etária o uso da língua materna entre irmãos (*Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*) predomina.

Os resultados da “comunicação com irmãos” em relação ao sexo, estão demonstrados no gráfico 5.

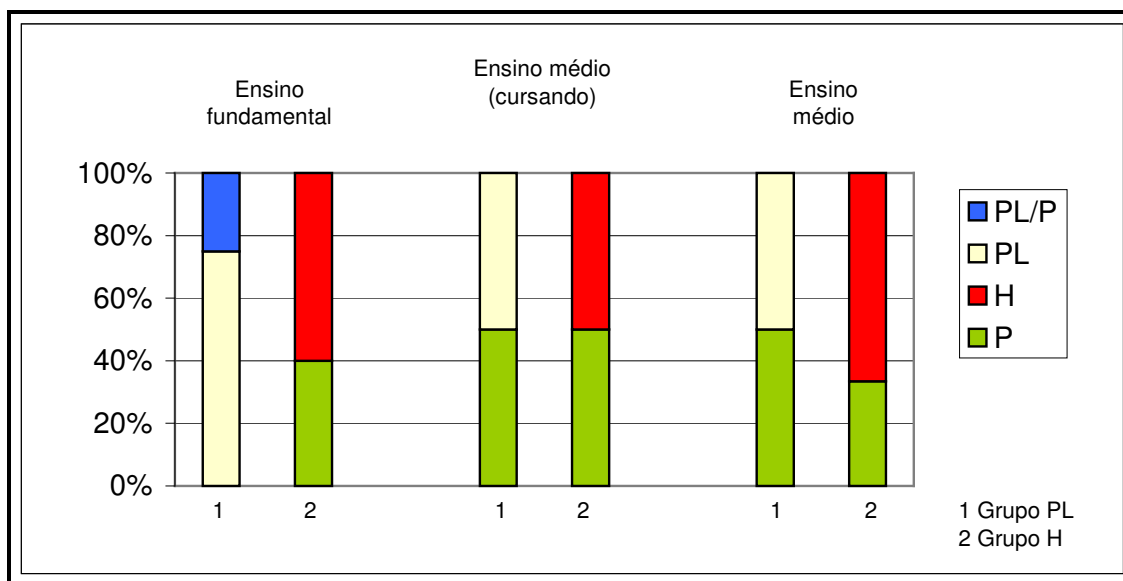
GRÁFICO 5 – ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR SEXO



Observando o gráfico acima, percebe-se que o português é marcado mais positivamente pelo grupo masculino do *Hochdeutsch* e pelo grupo feminino do *Plautdietsch* na comunicação entre irmãos.

Os resultados da “comunicação com irmãos” em relação à escolaridade, estão demonstrados no gráfico 6.

GRÁFICO 6 – ÂMBITO FAMILIAR: RESULTADO POR ESCOLARIDADE



Podemos observar no gráfico acima, que no grupo *Plautdietsch* os informantes com menor escolaridade empregam mais a língua materna na comunicação com os irmãos. Já no grupo *Hochdeutsch*, a língua materna entre os irmãos é empregada pelos informantes com maior escolaridade.

5.2.3 Comunicação com o Cônjuge e Filhos

Como inicialmente o objetivo deste estudo era uma caracterização mais generalizada do uso das línguas na comunidade, não se observou o critério do estado civil durante a escolha dos informantes. Sendo assim, não há uma divisão uniforme entre solteiros e casados (com ou sem filhos) nas diferentes faixas etárias. No entanto, como este aspecto é um fator fundamental para a descrição do âmbito familiar, optamos por analisar a amostra representativa com os dados obtidos, bem como levar em consideração as observações feitas pela própria pesquisadora em inúmeras famílias, entrando inclusive em contato com vários outros pais.

Segue abaixo uma descrição separada de ambos os grupos de informantes:

a) Informantes do *Plautdietsch*

A língua que predomina entre os cônjuges é o *Plautdietsch*, a não ser quando um dos cônjuges é unilíngüe português; neste caso o português é a língua entre o casal. Com os filhos a grande maioria das famílias (principalmente nas últimas duas décadas) usa o *Hochdeutsch*, inclusive entre vários cônjuges, a mãe é falante do *Hochdeutsch* e, ou, *Plautdietsch* e o pai unilíngüe. Apenas em alguns casos isolados o *Plautdietsch* ainda é ensinado aos filhos. Mediante a observação da própria pesquisadora e conversas com esses pais a respeito da preferência pelo *Hochdeutsch*, conclui-se que o *Plautdietsch* não é considerado por eles uma língua de prestígio, pois não é usada na igreja, nem ensinada na escola. É visto como uma língua menos moderna, sem futuro, praticamente não usada para leituras e raramente escrita. Segundo muitos pais, o *Plautdietsch* não ajuda no futuro profissional dos filhos.

O *Hochdeutsch*, sendo considerado pelos menonitas da comunidade uma língua de prestígio e reconhecida mundialmente, é ensinado por muitos pais para que os filhos acompanhem melhor as aulas do ensino da língua alemã padrão na

escola, como também nas classes de escola dominical. Desta forma os filhos se sentem parte do grupo e não correm o risco de serem ridicularizados pelos próprios colegas quando falam em *Plautdietsch*. Além disso, infelizmente há pouco incentivo por parte de pessoas com uma formação mais acadêmica (por ex.: professores e pessoas de influência da comunidade) em preservar o *Plautdietsch*.

Vários livros que tratam sobre o *Plautdietsch* afirmam que a tendência da desvalorização do ensino do *Plautdietsch* entre pessoas mais intelectuais já vem sendo identificada há mais de um século. Em 1924 Ziesemer, autor do livro *Ostpreußischen Mundarten*²³, constata:

In wide circles the attitude still prevails, even among the educated, that the language (dialect) of the people is of a lower rank, it is only the sunken language of the 'ordinary' people, from which one must keep one's distance.²⁴ (Epp, 1993: p.26)

Em 1843, Johann Cornies, um reconhecido organizador das atividades educacionais nas colônias menonitas da Rússia, resolveu reformular o antigo e tradicional sistema escolar dos menonitas, reprimindo entre outras coisas também o *Plautdietsch*, a pintura e outros tipos de artes, que professores menonitas antigos haviam desenvolvido (Reger & Plett, 2001: p.78). Isto foi considerado mais tarde como uma grande perda para a comunidade menonita na Rússia.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

Nas famílias, cuja língua materna é o *Hochdeutsch*, os cônjuges falam entre si predominantemente *Hochdeutsch*, a não ser que um dos cônjuges seja unilíngüe português. Com os filhos os pais falam *Hochdeutsch* e em alguns casos *Hochdeutsch* e português, principalmente quando se trata de casamentos mistos (entre menonitas-alemães e unilíngües português).

A preservação do *Hochdeutsch* para este grupo é importante, pois ele faz parte da cultura e tradição menonita: é um valor que deve ser passado aos mais

²³ Dialeto/Variantes do leste da Prússia

²⁴ Minha tradução: "Em círculos amplos, mesmo entre pessoas instruídas, prevalece a atitude de que a língua do povo (dialeto) tem "ranking" (nível) inferior; é simplesmente uma linguagem decadente de pessoas comuns, das quais devemos manter distância".

jovens e é visto também como um investimento para o futuro profissional dos mais jovens.

5.2.4 Conclusão da Análise do Âmbito Familiar

Analisando os resultados acima, conclui-se que a família menonita de Witmarsum mantém a língua do berço (*Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*, dependendo do grupo) nas comunicações com pais e avós.

Na seqüência, apresenta-se a conclusão de acordo com as variantes faixa etária, sexo e escolaridade.

Conclusão por faixa etária:

- a) na primeira faixa etária o uso do *Hochdeutsch* com os pais e avós é predominante²⁵, apenas em algumas famílias o *Plautdietsch* é usado com pais e avós; entre os irmãos observa-se uma tendência de migração para o português;
- b) na segunda faixa etária, onde há muitos casais com filhos, emprega-se mais o *Plautdietsch* entre os cônjuges (para informantes deste grupo), *Hochdeutsch* entre os cônjuges do grupo *Hochdeutsch*, e com os filhos a grande maioria de ambos os grupos usa o *Hochdeutsch*. Entre os irmãos tanto o *Plautdietsch* como o *Hochdeutsch* são usados (de acordo com o grupo), porém o português já é predominante, principalmente no grupo *Hochdeutsch*;
- c) na terceira faixa etária o uso do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch* (de acordo com o grupo) é constante entre os cônjuges, como também entre irmãos; no entanto, com os filhos ambos os grupos empregam mais o *Hochdeutsch*.

Conclusão por sexo:

Com os pais e avós ambos os sexos empregam mais o *Hochdeutsch* e, ou, *Plautdietsch* (de acordo ao grupo que pertence); no grupo *Plautdietsch* durante as

²⁵ Como exemplo pessoal posso citar os meus irmãos casados, que têm o *Plautdietsch* como sua língua materna, mas aos filhos (pertencentes à primeira faixa etária) ensinaram somente o *Hochdeutsch*.

conversas com irmãos, conforme referimos anteriormente no gráfico 5, o grupo masculino tem preferência pelo emprego do *Plautdietsch* e o feminino (deste grupo) tem uso crescente do português; no grupo *Hochdeutsch*, os homens falam tanto o *Hochdeutsch* (50%) como o português (50%), mas as mulheres deste grupo preferem falar o *Hochdeutsch* (67%) entre os irmãos.

Conclusão por escolaridade:

Conforme referimos anteriormente no gráfico 6, os informantes com menor escolaridade do grupo *Plautdietsch* empregam mais a língua materna na comunicação com os irmãos; no grupo *Hochdeutsch* a língua materna na comunicação com irmãos é empregada pelos informantes com maior escolaridade.

Concluindo, podemos constatar que o português está penetrando cada vez mais forte no convívio familiar, principalmente entre irmãos na primeira faixa etária, pela segunda faixa etária do grupo *Hochdeutsch* e por meio de casamentos entre menonitas alemães e unilíngües portugueses.

O *Hochdeutsch* é considerado uma língua de prestígio pela comunidade em geral; ele representa principalmente para os jovens-adultos uma possibilidade a mais de ascensão profissional, pois muitos deles não permanecem na colônia e procuram uma atividade profissional nas cidades, onde língua alemã é um diferencial.

O *Plautdietsch* é usado mais pela terceira faixa etária, seguida pela segunda e muito pouco falado pela primeira faixa etária, pois não é mais ensinado pela maioria dos pais.

5.3 ÂMBITO DOS VIZINHOS

A maioria dos moradores em Witmarsum tem um vizinho menonita falante do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*. No entanto, deve se levar em consideração, que no centro de Witmarsum há muitos moradores unilíngües portugueses que são funcionários da cooperativa, do hospital, da escola etc. Sendo assim, dependendo onde o informante mora, o seu vizinho pode ou não ser menonita falante do alemão. No caso de o vizinho ser um unilíngüe português, a pesquisadora perguntava ao

informante em que língua conversa com o vizinho mais próximo falante da língua alemã.

5.3.1 Comunicação com Vizinhos

Apresentamos a seguir o resultado do uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) nas comunicações com vizinhos por grupo, faixa etária, sexo e escolaridade (ver tabela 11 questão 1, no apêndice 2).

a) Informantes do *Plautdietsch*

Neste grupo o *Plautdietsch* é usado por 59% dos informantes, 25% usam o português, 8% empregam o *Plautdietsch*/português e 8% o *Hochdeutsch*/português.

Na primeira faixa etária, 75% usam o português e 25% o *Plautdietsch*; na segunda e terceira faixa etária 75% usam o *Plautdietsch* e 25% o *Hochdeutsch*/português e *Plautdietsch*/português, respectivamente.

Quanto ao sexo, 66% dos homens usam o *Plautdietsch*, 17% o português e 17% *Plautdietsch*/português; as mulheres usam 50% o *Plautdietsch*, 33% o português e 17% o *Hochdeutsch*/português.

Quanto à escolaridade, 75% de todos os níveis empregam unicamente o *Plautdietsch* e 25% o *Plautdietsch*/português, o *Hochdeutsch*/português ou apenas o português.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

O *Hochdeutsch* é usado por 50% dos informantes e os outros 50% usam o português.

Na primeira faixa etária 50% usam o *Hochdeutsch* e 50% o português; na segunda faixa etária 75% usam o português e 25% o *Hochdeutsch*; na terceira faixa etária 75% falam o *Hochdeutsch* e 25%, o português.

Quanto ao sexo, a metade dos informantes tanto masculino como feminino empregam o *Hochdeutsch* (50%) e o português (50%).

Quanto à escolaridade, apenas 40% dos informantes que concluíram o ensino fundamental usam o *Hochdeutsch* e 60% o português; aqueles que

concluíram o ensino médio 67% usam o *Hochdeutsch* e 33% o português; os informantes que estão cursando o ensino médio usam tanto o *Hochdeutsch* (50%) como o português (50%).

5.3.2 Conclusão do Âmbito Vizinhaça

Entre o grupo do *Plautdietsch* a língua mais usada com vizinhos é o *Plautdietsch*, principalmente pela segunda e terceira faixa etária; a primeira faixa têm preferência pelo português. Quanto ao sexo, os homens tendem a usar mais o *Plautdietsch*, seguido do português. As mulheres usam em primeiro lugar o *Plautdietsch*, seguido pelo português e o *Hochdeutsch*. Quanto à escolaridade, todos os níveis têm preferência pelo *Plautdietsch*, seguido pelo português.

Entre o grupo do *Hochdeutsch*, tanto o *Hochdeutsch* como o português são empregados igualmente. Quanto à faixa etária, tanto a terceira como a primeira usa mais o *Hochdeutsch*; a segunda faixa etária emprega mais o português. Em relação ao sexo, ambos usam igualmente o *Hochdeutsch* e o português. Quanto à escolaridade, apenas aqueles que concluíram o ensino médio têm preferência pelo *Hochdeutsch*, seguido pelo grupo que está cursando o ensino médio; aqueles que tem menor grau de escolaridade têm preferência pelo português.

Percebemos que em geral neste âmbito o *Plautdietsch* é a língua mais usada, primeiro porque os informantes do grupo *Hochdeutsch* tendem a falar também o português e, segundo, porque há na colônia um número considerável de moradores de meia idade (acima de 53 anos de idade) que prefere falar o *Plautdietsch* com os vizinhos.

5.4 ÂMBITO DA AMIZADE

Para a análise deste âmbito levou-se em consideração a língua que é usada para a comunicação com os amigos mais próximos.

5.4.1 Comunicação com os Amigos

Segue abaixo o resultado do uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) na comunicação com os amigos mais próximos por grupo, faixa etária e sexo (ver tabela 11 questão 1, no apêndice 2).

a) Informantes do *Plautdietsch*

O português é língua preferida pela maioria (58%), seguida pelo *Plautdietsch* (25%); outros usam tanto o *Hochdeutsch* como o português (8%). Na primeira faixa etária todos usam unicamente o português; na segunda faixa etária 75% empregam o português e 25% o *Plautdietsch* e na terceira faixa etária 50% usam o *Plautdietsch*, 25% o *Hochdeutsch*/português e 25% *Plautdietsch*/português.

Quanto ao sexo, 50% dos homens empregam o português, 33% o *Plautdietsch* e 17% usam o *Plautdietsch*/português; entre as mulheres 66% empregam o português, 17% o *Plautdietsch* e 17% o *Hochdeutsch*/português.

Quanto à escolaridade, 75% que concluíram o ensino fundamental tem preferência pelo *Plautdietsch*, seguido pelo português (25%); entre aqueles que concluíram o ensino médio, 50% tem preferência pelo português e 25% emprega tanto o *Hochdeutsch*/português como o *Plautdietsch*/português. Os informantes que estão cursando o ensino médio empregam unicamente o português.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

O português é língua preferida pela maioria (58%), seguida pelo *Hochdeutsch* (17%); outros usam tanto o *Hochdeutsch* como o português (17%) e 8% usa o *Plautdietsch* (que aprenderam fora do ambiente familiar). Na primeira faixa etária, 50% dos informantes usam o português e 50% o português/*Hochdeutsch*; na segunda faixa etária todos empregam apenas o português; na terceira faixa etária, 50% usam o *Hochdeutsch*, 25% o português e 25% o *Plautdietsch*.

Quanto ao sexo, 83% dos homens empregam o português e 17% o *Plautdietsch*; entre as mulheres, o *Hochdeutsch*, o português e o *Hochdeutsch* /português são empregados com igual frequência, 33%.

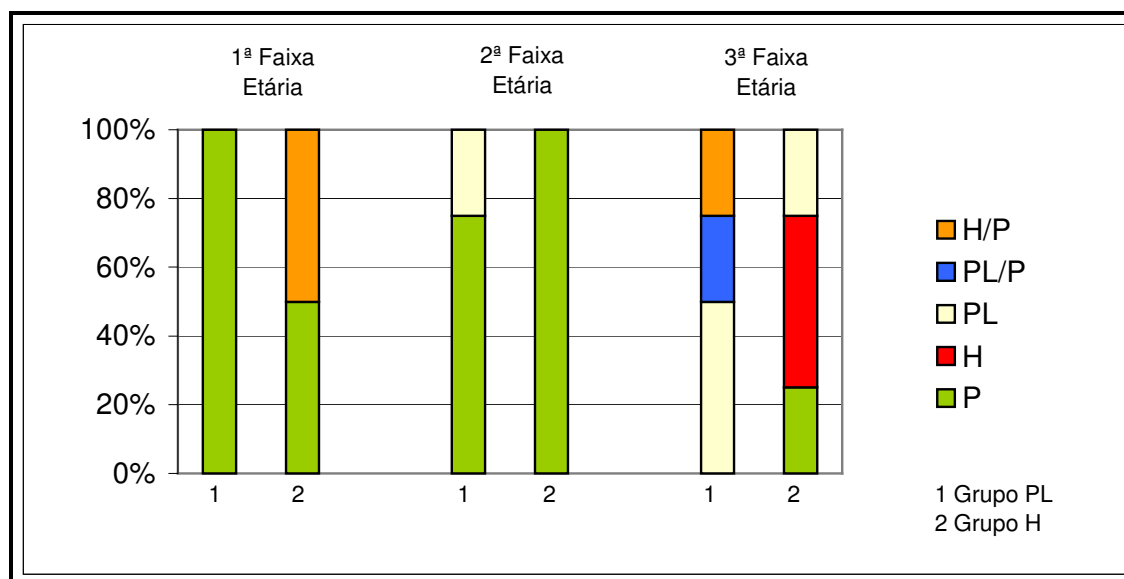
Quanto à escolaridade, 80% dos informantes que concluíram o ensino fundamental usam o português e 20% o *Hochdeutsch*; aqueles que concluíram o

ensino médio, usam igualmente o português, o *Hochdeutsch* como também o *Plautdietsch* (33%); e os informantes que estão cursando o ensino médio usam tanto o português como o *Hochdeutsch*/português (50%).

5.4.2 Conclusão do Âmbito Amizade

Os resultados do âmbito comunicação com amigos por faixa etária, estão demonstrados no gráfico 7:

GRÁFICO 7 - COMUNICAÇÃO COM AMIGOS – RESULTADO POR FAIXA ETÁRIA



Verificamos que neste âmbito o português é a língua mais usada na comunidade, seguido pelo *Plautdietsch* e por último pelo *Hochdeutsch*. Conforme o gráfico 6, percebemos que na primeira e segunda faixa etária em ambos os grupos o português predomina. O *Hochdeutsch* é pouco usado e o *Plautdietsch* mais raramente ainda nestas duas faixas. Já na terceira faixa etária o *Plautdietsch* ou o *Hochdeutsch* são empregados pela metade dos informantes, conforme o grupo a que eles pertençam. Quanto ao sexo, no grupo *Plautdietsch*, as mulheres superam os homens no uso do português, enquanto os homens superam as mulheres no uso do *Plautdietsch*. Neste grupo (*Plautdietsch*), os informantes com menor grau de escolaridade tem maior uso do *Plautdietsch*, seguido pelo português.

No grupo *Hochdeutsch*, os homens superam as mulheres no uso do português e as mulheres superam os homens no *Hochdeutsch*. Neste grupo os informantes com menor grau de escolaridade tem maior uso do português.

5.5 ÂMBITO DO LAZER

Neste item tratamos do uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) no momento do lazer por faixa etária, sexo e escolaridade (ver tabela 12 questões 1, 3 e 4, no apêndice 2).

Quando da prática do esporte (jogo de futebol ou voleibol), 86% do total de informantes empregam o português e 14% o *Plautdietsch*. O *Hochdeutsch* não é usado neste âmbito. O português é a língua preferida nos dois grupos de informantes, em todas as faixas etárias e por ambos os sexos. Quanto à escolaridade, apenas no grupo *Plautdietsch* 50% dos informantes que concluíram o ensino fundamental tem preferência pelo *Plautdietsch*. Os informantes com escolaridade maior empregam unicamente o português no momento do esporte.

Ao serem questionados em que língua ouvem as músicas de CDs ou fita cassetes, temos o seguinte resultado: 75% do total de informantes responderam que ouvem músicas alemãs por meio de CDs ou fita cassetes. Destes 25% são da primeira faixa etária, 17% da segunda e 33% da terceira faixa etária. Quanto ao sexo, 42% são feminino e 33% são masculinos. Quanto à escolaridade, 29% concluíram o ensino fundamental, 21% o ensino médio e 25% estão cursando o ensino médio.

Observamos que ouvir música em alemão (*Hochdeutsch*) ainda é um costume bastante praticado pela comunidade e que dos informantes que assim procedem, a maioria faz parte da terceira e da primeira faixa etária, sendo que o sexo feminino ouve mais que o masculino e quanto menor o grau de escolaridade, maior é o uso da língua alemã em CDs e, ou fitas cassetes.

Quanto à leitura de livros/jornais ou revistas em alemão (*Hochdeutsch*), temos o seguinte resultado: 63% dos informantes têm o hábito de ler semanalmente em alemão; destes 25% são da primeira faixa etária, 13% da segunda e 25% são da

terceira faixa etária. Quanto ao sexo, 29% são do grupo masculino e 34% são do grupo feminino. Quanto à escolaridade, 25% concluíram o ensino fundamental, 30% o ensino médio e 20% ainda estão cursando o ensino médio.

A partir desse resultado, podemos concluir que na primeira e terceira faixa etária é comum a leitura em alemão, já na segunda isto ocorre com bem menos freqüência. Um fator que pode explicar esse resultado na primeira faixa etária é a existência da disciplina Alemão na escola, o que deve obrigar os informantes a lerem em alemão. Comparando ambos os sexos, verifica-se que as mulheres lêem mais em alemão do que os homens, como também os informantes com maior grau de escolaridade.

5.6 ÂMBITO DO TRABALHO

Apresentamos agora a análise do uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) no âmbito do trabalho (ver tabela 12 questões 1 e 2, no apêndice 2).

Neste âmbito a primeira faixa etária não será analisada, pois todos são menores de idade e não têm um trabalho oficial, apenas ajudam os pais em casa/nas chácaras. Dos outros 18 informantes, 67% trabalham nas suas próprias chácaras e 33% fora de casa, ou seja, na cooperativa, no hospital, no comércio etc.

A língua usada pela maioria no seu lugar de trabalho é o português. Ocorre que os empregados da maioria das chácaras são unilíngües português e os informantes que trabalham em outras atividades (na cooperativa, no hospital etc) também usam com mais freqüência o português com os colegas de trabalho.

5.7 ÂMBITO ADMINISTRATIVO (COOPERATIVA E ASSOCIAÇÃO)

Verificamos a seguir o uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) quando os informantes tratam dos assuntos administrativos com autoridades da Colônia por faixa etária, sexo e por escolaridade (ver tabela 12 questões 1 e 2, no apêndice 2).

Quando as pessoas querem tratar um assunto com o presidente da cooperativa, o português é a língua preferida nos dois grupos de informantes, em todas as faixas etárias, em ambos os sexos e em todos os graus de escolaridade.

Ao falarem com o presidente da associação, 63% dos informantes o fazem em português, 21% em *Hochdeutsch* e 17% em *Plautdietsch*. Em relação à faixa etária, a primeira usa o *Hochdeutsch* (50%) e o português (50%); a segunda faixa etária usa 88% o português e apenas 12% o *Plautdietsch* e a terceira faixa etária usa 50% português, 38% *Plautdietsch* e 12% *Hochdeutsch*. Quanto ao sexo, 58% dos homens falam com o presidente da associação em português, 25% em *Plautdietsch* e 17% em *Hochdeutsch*. Entre as mulheres 67% usam o português, 25% o *Hochdeutsch* e apenas 8% o *Plautdietsch*. Quanto à escolaridade, 56% dos informantes que concluíram o ensino fundamental empregam o português, 33% o *Plautdietsch* e apenas 11% o *Hochdeutsch*. Entre aqueles que concluíram o ensino médio, 86% empregam o português e 14% o *Plautdietsch*. Entre os informantes que estão cursando o ensino médio 50% usam o português e 50% o *Hochdeutsch*.

Essa diferença entre uso das línguas no momento de falar com o presidente da cooperativa e com o presidente da associação pode estar vinculada com a idade dos presidentes, ou seja, quanto mais avançada for a idade da autoridade, maior o uso do *Plautdietsch* e *Hochdeutsch* por parte dos moradores.

5.8 ÂMBITO DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

Na seqüência, mostramos o uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) para a comunicação no ato da prestação de serviço da Colônia (ver tabela 13 questões 1, 2 e 3, no apêndice 2).

No supermercado, na farmácia e no correio o uso do português tem preferência na primeira e segunda faixa etária e nos dois grupos de informantes. No entanto, deve-se observar que muitas vezes os funcionários desses estabelecimentos são unilíngües, forçando assim o uso do português. A terceira

faixa etária, quando atendida por um menonita de fala alemã, tem preferência pelo uso do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch*, conforme o atendente.

5.9 ÂMBITO ESCOLAR

Temos a seguir a análise do uso das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) no âmbito escolar por faixa etária, sexo e escolaridade (ver tabela 13 questões 1, 3, 4 e 5, no apêndice 2).

Todos os informantes de todas as faixas etárias responderam que ao começarem a freqüentar a escola dominavam apenas o *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch* (conforme o grupo) e que aprenderam o português na escola (aos 5 / 6 anos). Na escola, todas as matérias, exceto as aulas de alemão e de inglês, são ofertadas em português. A disciplina Alemão (ministrada somente em *Hochdeutsch*) sempre foi uma matéria obrigatória para os alunos da comunidade menonita. Todos os informantes de todas as faixas etárias tiveram a disciplina alemão durante a sua escolaridade; mas com a maioria dos professores todos os informantes falam/falavam em português.

Nos recreios da escola os informantes comunicam-se(vam-se) com os colegas, considerando a faixa etária e o sexo nas seguintes línguas: a primeira faixa etária, 88% dos informantes usam apenas o português e 12% o português/*Hochdeutsch*; na segunda faixa etária, 88% usavam apenas o português e 12% o *Plautdietsch*; na terceira faixa etária 38% empregavam o *Plautdietsch*, 25% o *Hochdeutsch*, 25% o *Hochdeutsch*/português e 12% usavam o português. Quanto ao sexo, entre os homens 67% usava o português, 25% o *Plautdietsch* e apenas 8% o *Hochdeutsch*; já entre as mulheres 59% usavam o português, 25% o *Hochdeutsch*/português, 8% o *Hochdeutsch* e 8% o *Plautdietsch*. Quanto à escolaridade, 45% que concluíram o ensino fundamental empregavam o português, seguido do *Plautdietsch* (33%); 57% que concluíram o ensino médio usavam o português, seguido do *Hochdeutsch*/português e 88% que ainda estão cursando o ensino médio usam o português.

Analisando os resultados acima, podemos concluir que na primeira e segunda faixa etária o português é/foi a língua mais usada durante os recreios com

os colegas. Já na terceira faixa etária o *Plautdietsch* era predominante, seguido pelo *Hochdeutsch* e o português era menos usado. Quanto ao sexo, percebemos que os homens superam as mulheres no uso do português e *Plautdietsch*, enquanto as mulheres superam os homens no uso do *Hochdeutsch*. Quanto à escolaridade, percebemos que quanto maior o grau de escolaridade maior é o emprego do português e que aqueles que ainda estão freqüentando o ensino médio também tem preferência pelo português na hora do recreio.

5.10 USO GERAL DA LÍNGUA

5.10.1 Preferência em Falar uma Língua

Discutiremos a seguir a preferência em falar uma das línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) por grupo, faixa etária, sexo e escolaridade (ver tabela 14 questão 2, no apêndice 2).

a) Informantes do *Plautdietsch*

Quanto à preferência de falar uma das línguas, 67% optam pelo *Plautdietsch* e 33% pelo português. Na primeira e segunda faixa etária, 50% dos informantes preferem falar o *Plautdietsch* e 50% o português; na terceira faixa etária 100% preferem falar o *Plautdietsch*. Quanto ao sexo, tanto os homens como as mulheres têm preferência pelo *Plautdietsch* (67%) e pelo português (33%). Quanto à escolaridade, 75% dos informantes que concluíram o ensino fundamental ou médio têm preferência pelo *Plautdietsch* e aqueles que ainda estão cursando o ensino médio 50% preferem falar o *Plautdietsch* e 50% o português.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

Quanto à preferência de falar uma das línguas, 50% optam pelo português, 33% pelo *Hochdeutsch* e 17% pelo *Hochdeutsch*/português. Na primeira faixa etária 50% preferem falar o *Hochdeutsch*, 25% o português e 25% o *Hochdeutsch*/português; na segunda faixa etária, todos preferem falar o português; na terceira faixa etária 50% preferem falar o *Hochdeutsch*, 25% o português e 25%

o *Hochdeutsch*/português. Quanto ao sexo, os homens têm preferência pelo português (67%) e pelo *Hochdeutsch* (33%); os femininos tem 33% preferência pelo português e pelo *Hochdeutsch* (66%). Quanto à escolaridade, 60% dos informantes que concluíram o ensino fundamental e 67% que concluíram o ensino médio têm preferência pelo uso do português. Entre os informantes que estão cursando o ensino médio, 50% têm preferência pelo *Hochdeutsch*.

Analisando os resultados acima, quanto à preferência de falar uma das línguas, no grupo *Plautdietsch* a língua materna (*Plautdietsch*) predomina, enquanto no grupo *Hochdeutsch* a metade já prefere falar em português.

Quanto às faixas etárias, no grupo *Plautdietsch*, a metade dos informantes da primeira e segunda faixa etária tem preferência pelo *Plautdietsch*; no grupo *Hochdeutsch*, a metade da primeira faixa etária tem preferência pelo *Hochdeutsch*, porém na segunda faixa etária todos preferem falar o português. No grupo *Plautdietsch*, todos da terceira faixa etária preferem falar o *Plautdietsch*, porém no grupo *Hochdeutsch* apenas 50% preferem falar o *Hochdeutsch*, 25% o português e 25% *Hochdeutsch*/português.

Quanto ao sexo, a grande maioria dos homens e das mulheres do grupo *Plautdietsch* prefere falar sua língua materna (o *Plautdietsch*); já a maior parte dos homens do grupo *Hochdeutsch* prefere falar o português, enquanto as mulheres desse grupo preferem o *Hochdeutsch*.

Quanto à escolaridade, no grupo *Plautdietsch*, os informantes que não estão mais freqüentando a escola (concluíram o ensino fundamental ou médio) preferem falar o *Plautdietsch*; no grupo *Hochdeutsch*, os informantes com maior grau de escolaridade preferem falar o português.

5.10.2 Grau de Importância dada às Línguas

O grau de importância dado às línguas (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português) por grupo, faixa etária, sexo e escolaridade é mostrado abaixo (ver tabela 14 questão 4, no apêndice 2).

a) Informantes do *Plautdietsch*

Quanto à importância das línguas, 42% dos informantes optam pelo *Hochdeutsch*, 25% pelo *Hochdeutsch/português*, 25% pelo *Plautdietsch* e 8% pelo português. Na primeira faixa etária, 50% acham o *Hochdeutsch* mais importante, 25% o *Hochdeutsch* e o português e 25% o *Plautdietsch*. Na segunda faixa etária, 50% entendem o *Plautdietsch* como mais importante, 25% o *Hochdeutsch* e 25% o *Hochdeutsch* e o português. Na terceira faixa etária, também 50% acham o *Plautdietsch* mais importante, 25% o *Hochdeutsch* e o português e 25% o português. Quanto ao sexo, entre os homens, 50% acham o *Hochdeutsch* mais importante e os outros 50% se dividem igualmente entre o *Plautdietsch*, o *Hochdeutsch/português* e o português. Entre as mulheres, 33% acham igualmente o *Plautdietsch*, o *Hochdeutsch* e o *Hochdeutsch/português* mais importantes. Quanto à escolaridade, 50% dos informantes que concluíram ou que ainda estão cursando o ensino médio acham o *Hochdeutsch* mais importante; 50% dos informantes que concluíram o ensino fundamental consideram tanto o *Hochdeutsch* como o português mais importantes.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

Quanto à importância das línguas, 41,5% optam igualmente pelo *Hochdeutsch* e pelo *Hochdeutsch/português* e 17% optam pelo português. Na primeira e segunda faixa etária, 50% consideram o *Hochdeutsch* mais importante e 25%, o português e o *Hochdeutsch/português* mais importantes. Na terceira faixa etária apenas 25% acham o *Hochdeutsch* mais importante e 75% acham tanto o *Hochdeutsch* como o português mais importantes. Quanto ao sexo, 50% dos homens acham o *Hochdeutsch* e o português mais importantes, 33% o português e 17% o *Hochdeutsch*. Entre as mulheres, 67% consideram o *Hochdeutsch* mais importante e 33% tanto o *Hochdeutsch* como o português mais importantes. Quanto à escolaridade, 67% dos informantes que concluíram o ensino médio acham tanto o *Hochdeutsch* como o português como as línguas mais importantes; entre aqueles que concluíram o ensino fundamental ou que estão cursando o ensino médio 40% e 50% consideram respectivamente o *Hochdeutsch* a língua mais importante.

Analisando os resultados pertinentes à importância das línguas, percebemos que o grupo *Plautdietsch* opta preferencialmente pelo *Hochdeutsch*, enquanto o grupo *Hochdeutsch* está dividido entre o *Hochdeutsch* e o português. Chama atenção o fato de apenas 25% do grupo total do *Plautdietsch* considerar a sua língua materna (*Plautdietsch*) a língua mais importante.

Quanto às faixas etárias, em ambos os grupos a maioria da primeira faixa etária acha o *Hochdeutsch* o mais importante, na segunda faixa etária do grupo *Plautdietsch* a metade opta pelo *Plautdietsch*, a outra metade pelo *Hochdeutsch*/português, e a terceira faixa etária desse grupo opta pelo *Hochdeutsch*; no grupo *Hochdeutsch* a segunda faixa etária prefere o *Hochdeutsch* e na terceira faixa etária tanto o *Hochdeutsch* como o português são considerados mais importantes.

Quanto ao sexo, os homens do grupo *Plautdietsch* consideram o *Hochdeutsch* a língua mais importante e no grupo *Hochdeutsch* os homens consideram tanto o *Hochdeutsch* como o português as línguas mais importantes; as mulheres do grupo *Plautdietsch* consideram as três línguas como importantes, enquanto os do grupo *Hochdeutsch* consideram o *Hochdeutsch* mais importante.

Quanto à escolaridade, observamos que em ambos os grupos e em todos os graus de escolaridade o *Hochdeutsch* é considerado a língua mais importante.

5.10.3 Interesse e Aperfeiçoamento de uma das Línguas

Na seqüência, será apresentado a análise relativa à língua que o informante escolhera para aperfeiçoar (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português), por grupo, faixa etária, sexo e escolaridade (ver tabela 14 questão 5, no apêndice 2).

a) Informantes do *Plautdietsch*

Dos informantes, 75% gostariam de saber melhor o *Hochdeutsch*, 17% o português e 8% o *Plautdietsch*. Em todas as faixas etárias, 75% dos informantes gostariam de melhorar o seu *Hochdeutsch*. Quanto ao sexo, 67% dos homens e 83% das mulheres querem melhorar o *Hochdeutsch*. Quanto à escolaridade, 100% dos informantes que concluíram o ensino médio, 75% que estão cursando o ensino

médio e 50% que concluíram o ensino fundamental gostariam de melhorar o *Hochdeutsch*.

b) Informantes do *Hochdeutsch*

Do total dos informantes, 58% deles gostariam de saber melhor o *Hochdeutsch* e 42% o português. Na primeira faixa etária, 50% gostaria de melhorar o *Hochdeutsch* e 50% o português. Na segunda faixa etária, todos gostariam de saber melhor o *Hochdeutsch* e na terceira faixa etária 75% gostariam de melhorar o português. Quanto ao sexo, 67% dos homens e 50% das mulheres gostariam de aperfeiçoar o *Hochdeutsch*. Quanto à escolaridade, 80% dos informantes que concluíram o ensino fundamental e 50% que estão cursando o ensino médio gostariam de saber melhor o *Hochdeutsch*; 67% dos informantes que concluíram o ensino médio preferem aperfeiçoar o português.

Analisando os resultados obtidos, verificamos que ambos os grupos têm preferência em melhorar em primeiro lugar o *Hochdeutsch*.

Quanto às faixas etárias do grupo *Plautdietsch*, todas gostariam de melhorar o *Hochdeutsch*. No grupo *Hochdeutsch*, tanto a primeira como a segunda têm preferência pelo *Hochdeutsch*, mas na terceira faixa etária a maioria gostaria de aperfeiçoar o português.

Quanto ao sexo, em ambos os grupos 67% dos homens gostariam de melhorar o *Hochdeutsch* e entre as mulheres o grupo *Plautdietsch* aspira melhorar o *Hochdeutsch*. As mulheres do grupo *Hochdeutsch* têm igualmente a vontade de aperfeiçoar tanto o *Hochdeutsch* como o português.

Quanto à escolaridade, no grupo *Plautdietsch* a maioria gostaria de aperfeiçoar o *Hochdeutsch*; já no grupo *Hochdeutsch* o grupo está dividido entre o *Hochdeutsch* e o português.

Os resultados do âmbito geral por faixa etária e por grupo, incluindo a preferência para falar uma das línguas, a importância das línguas e a língua que gostariam de aperfeiçoar, encontram-se nos gráficos 8 e 9.

GRÁFICO 8 - USO GERAL DA LÍNGUA: RESULTADO DO GRUPO

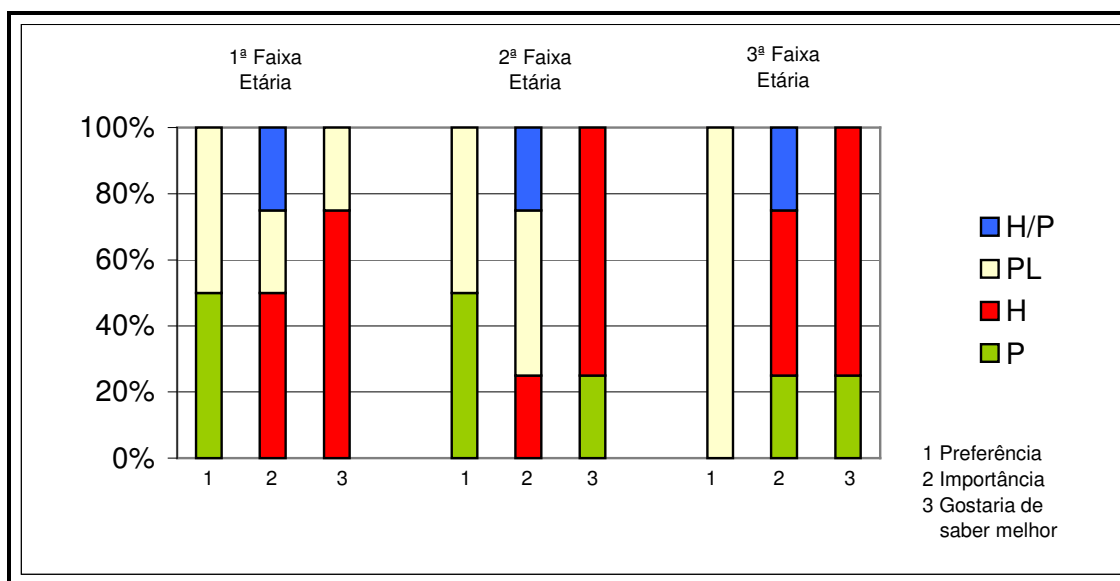
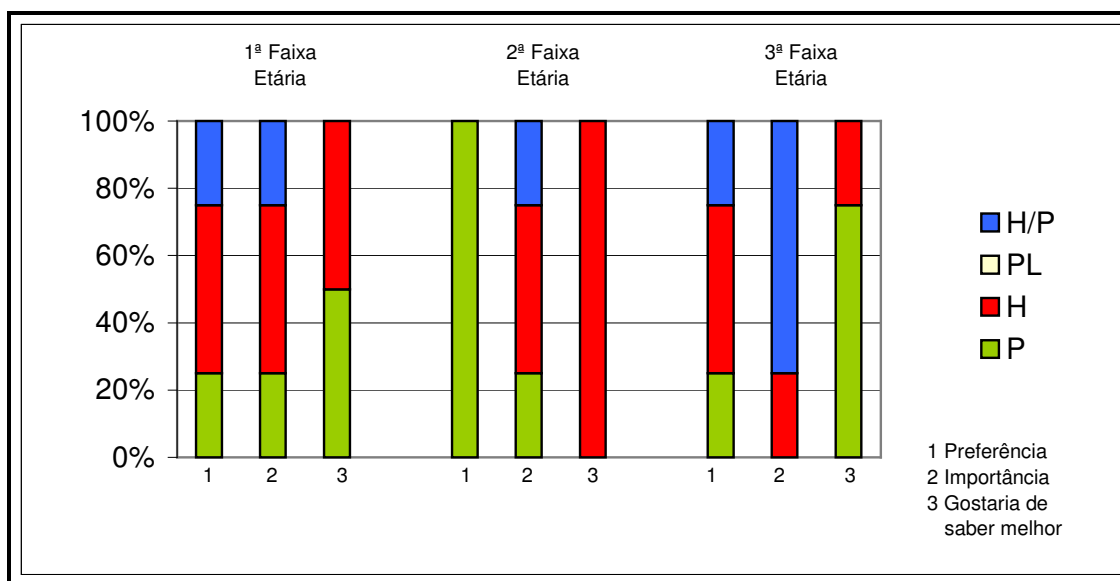
PLAUTDIETSCH

GRÁFICO 9 - USO GERAL DA LÍNGUA: RESULTADO DO GRUPO

HOCHDEUTSCH

5.10.4 Diminuição do Uso das Línguas

Tratamos aqui da percepção dos informantes a respeito da diminuição de uso de umas das línguas na comunidade (*Plautdietsch*, *Hochdeutsch* ou português - ver tabela 14 questão 9, no apêndice 2).

É interessante observar que 92% dos informantes de ambos os grupos estão conscientes da diminuição do uso do *Hochdeutsch* e *Plautdietsch* em Witmarsum, e isto é considerado pelos próprios moradores um fator negativo para a comunidade. Segundo os informantes, com a diminuição de uso de ambas as línguas, está se perdendo grande parte da cultura e tradição menonitas. Surge aqui uma contradição que é relevante ser mencionada: ao mesmo tempo em que a grande maioria das famílias do grupo *Plautdietsch* abandona o *Plautdietsch* para ensinar o *Hochdeutsch* aos seus filhos, lamenta que o uso do *Plautdietsch* esteja diminuindo e que com isto possa se perder um grande valor da cultura menonita. Percebemos que há consciência de uma perda cultural na comunidade, porém simultaneamente prefere-se ensinar o *Hochdeutsch* aos filhos, pois é considerada uma língua de maior prestígio e com a qual os jovens terão melhores oportunidades profissionais.

5.10.5 Uso das Línguas em Momentos de Atrito e de Tensão

Por meio desse questionamento podemos perceber com mais clareza a língua materna dos informantes, pois esta ressalta nos momentos de atrito e de tensão.

A grande maioria de ambos os grupos tem o hábito de manifestar sua insatisfação em *Plautdietsch* ou em *Hochdeutsch* (conforme o grupo a que pertença o informante), no entanto, em muitos os casos também aparece o português.

Informantes da primeira faixa etária, por exemplo, relatam que na escola reclamam mais em português, mas quando estão em casa o fazem mais em *Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*. Esta mudança de uso das línguas pode ter influência do ambiente no qual a pessoa está inserida. Num ambiente mais formal (escola, reunião de jovens) o uso do português é mais comum; já em casa, cujo ambiente é informal, é mais comum reclamar em *Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*.

Na segunda faixa etária, também percebemos uma certa instabilidade em relação ao uso das línguas no momento de irritação. Tanto o *Plautdietsch*, o *Hochdeutsch* como o português são usados, no entanto, segundo os informantes, isto também depende do ambiente, conforme descrito anteriormente.

Na terceira faixa etária a maioria dos informantes costuma expressar o seu sentimento de insatisfação no dia-a-dia em *Plautdietsch* ou *Hochdeutsch* (de acordo com o grupo).

Podemos ainda observar um processo de mudança nos costumes lingüísticos, fazendo uma comparação dos resultados obtidos das três faixas etárias da amostra representativa com a quarta faixa etária da amostra de controle.

5.11 AMOSTRA DE CONTROLE (QUARTA FAIXA ETÁRIA)

Segue primeiramente uma descrição sobre o uso das línguas nos diversos âmbitos da amostra de controle. Em seguida há uma comparação entre as duas amostras.

Para a composição desta amostra os informantes selecionados apresentavam as seguintes características:

- a) idade mínima de 54 anos (nascidos entre 1930 e 1949);
- b) moradores menonitas da comunidade (a maioria desde a fundação de Witmarsum – 1951);
- c) menonitas falantes do *Plautdietsch* e *Hochdeutsch*;
- d) quatro informantes do sexo masculino e quatro do sexo feminino;
- e) escolaridade até no máximo 4^asérie do ensino fundamental;
- f) todos são avós.

5.11.1 Âmbito Religioso

Todos os informantes deste grupo freqüentam os cultos nas igrejas menonitas alemães. Ao serem questionados se deveria haver um culto (ou uma parte) em português nestas igrejas, todos são unânimes na resposta: por enquanto não há necessidade, pois quem quer assistir a um culto em português tem a opção de freqüentar a Segunda Igreja Menonita, cujos cultos são realizados em português.

As reuniões de estudo bíblico durante a semana são realizadas em *Hochdeutsch*, ou melhor, a leitura do texto bíblico, as discussões a respeito, bem como as orações são feitas em *Hochdeutsch*, tanto em público como individualmente. No entanto, assim que a “reunião oficial” termina, a conversa (“bate papo”) continua em *Plautdietsch*. O mesmo acontece com o culto aos domingos; quando este termina, as conversas, segundo estes informantes, continuam em *Plautdietsch*.

5.11.2 Âmbito Familiar

Quanto à família, todos os informantes relatam que sempre falaram apenas *Plautdietsch* com os seus pais e avós; com o seu cônjuge também falam *Plautdietsch* desde que o conheceram, assim como com os sogros. Aos filhos, ensinaram somente *Plautdietsch*.

Quanto aos genros ou noras, sete informantes responderam que falam *Plautdietsch* (pois todos os filhos/filhas estão casados com descendentes

menonitas-alemães) ou *Hochdeutsch* (quando não falam o *Plautdietsch*). Apenas um informante falou que com uma das suas noras fala o português, pois esta é unilíngüe português. Todos os outros filhos/filhas deste informante casaram com menonitas-alemães.

Quanto aos sobrinhos/sobrinhas, todos os informantes conversam em *Plautdietsch*, a não ser quando este(a) está casado(a) com quem não fala *Plautdietsch* (apenas dois informantes relataram que neste caso falam o *Hochdeutsch*).

Já com os netos, sete informantes declararam que falam *Hochdeutsch*, pois os netos aprenderam apenas o *Hochdeutsch* em casa. Em um caso, o informante relatou que com dois dos seus netos conversa em *Plautdietsch*, pois moram na mesma chácara; com os outros, no entanto, fala somente em *Hochdeutsch*.

5.11.3 Âmbito Vizinhança

Quanto aos vizinhos, a comunicação ocorre predominantemente em *Plautdietsch*, a não ser que o vizinho fale somente o *Hochdeutsch*, além do português, ou ele seja unilíngüe português.

5.11.4 Âmbito dos Amigos e Lazer

No encontro com amigos mais próximos o *Plautdietsch* é a língua mais usada, e isso desde a sua juventude/mocidade.

5.11.5 Âmbito Administrativo, Comercial e do Trabalho

Dos oito informantes, sete relatam que antes de se aposentarem, trabalhavam apenas na própria chácara e quando tinham um empregado, este era unilíngüe português e, portanto, falavam português com ele. Um informante trabalhou na cooperativa da Colônia, onde geralmente usava com os colegas de trabalho o português, pois a maioria era unilíngüe português.

No momento de tratar pessoalmente um assunto com o presidente da cooperativa ou com o presidente da associação, todos os informantes usam o *Plautdietsch*.

No mercado da cooperativa, na farmácia, no hospital ou no correio, os informantes usam com predominância o *Plautdietsch*; apenas nos casos em que o atendente não fala *Plautdietsch* ou é unilíngüe, os informantes usam o *Hochdeutsch* ou português, respectivamente.

5.11.6 Âmbito Escolar

Quanto à escolaridade, todos os informantes tiveram apenas dois a quatro anos de estudos. Muitos, porém, não tiveram aulas de alemão na escola, em função da política restritiva de Getúlio Vargas, no contexto da Segunda Guerra Mundial (Wiese e Vandersen, p.128-129 em Palavra nº11 de Heye & Savedra 2003). Vários dos informantes relataram que foram alfabetizados no *Hochdeutsch* enquanto tinham aulas de religião com um professor da comunidade, depois que já não freqüentavam mais a escola.

No caminho à escola e durante os recreios a língua mais usada era o *Plautdietsch*. Porém, com os professores, na época da Guerra, os alunos eram obrigados a falar em português (os professores da comunidade inclusive não podiam mais dar aulas, pois falavam alemão).

5.11.7 Uso Geral da Língua

Todos os falantes deste grupo têm o *Plautdietsch* como língua materna, ou seja, identificam-na como a língua mais próxima de si mesmo, do seu “coração”, a mais prática, preferida e fácil de falar.

O *Plautdietsch* é considerado por este grupo a língua mais importante e na qual se sentem mais a vontade. As piadas também são preferidas em *Plautdietsch* e quando os informantes estão irritados, queixam-se em *Plautdietsch*.

Ao serem questionados pela língua que gostariam de saber/aprender melhor, cinco respondem “português” e três o *Hochdeutsch* (um masculino e dois femininos).

Todos os informantes percebem que o uso do *Plautdietsch* está diminuindo em Witmarsum e que isto, segundo os informantes, não é bom para a comunidade, pois além de perde-se uma língua - a língua materna do povo menonita - estariam em risco a tradição e a cultura.

5.11.8 Comparação das Duas Amostras

Comparando as duas amostras (a representativa e de controle), podemos chegar às seguintes conclusões:

No âmbito religioso a principal diferença no uso das línguas entre as duas amostras é verificada nas reuniões de estudo bíblico e na leitura bíblica: a faixa etária acima de 53 anos de idade usa exclusivamente o *Hochdeutsch*, enquanto nas outras faixas etárias predomina o uso do português. Nas conversas após o culto também percebe-se que a quarta faixa faz uso praticamente só do *Plautdietsch*, seguido do *Hochdeutsch*; nas outras faixas etárias o português tem maior preferência, seguido pelo *Plautdietsch*.

No âmbito familiar o *Plautdietsch* é usado pela quarta faixa com o cônjuge, com os irmãos e com os filhos; com os netos o uso do *Hochdeutsch* predomina. Nas outras faixas etárias, o uso do *Plautdietsch* predomina apenas entre os cônjuges; com os filhos fala-se *Hochdeutsch* e entre os irmãos o português vem crescendo, principalmente na primeira faixa etária.

No âmbito vizinhança há uma maior igualdade entre o uso das línguas: as duas amostras usam mais o *Plautdietsch*; o grupo *Hochdeutsch* neste caso usa tanto o *Hochdeutsch* como o português.

No âmbito da amizade e do lazer verifica-se novamente uma diferença entre o uso das línguas: enquanto a quarta faixa etária usa o *Plautdietsch* com grande predomínio, a terceira usa tanto o *Plautdietsch* como o português, e nas outras faixas etárias o português predomina.

Na comunicação durante o trabalho, a relação administrativa e a prestação de serviços, a quarta faixa etária tem preferência em falar o *Plautdietsch*, a não ser que o atendente seja unilíngüe português. Nas outras faixas etárias há maior uso do português.

No âmbito escolar, ou melhor, no momento do recreio o uso do *Plautdietsch* era predominante na quarta faixa etária; na terceira faixa etária o *Plautdietsch* também era usado, porém com bem menos intensidade, e nas outras duas faixas etárias o uso do português predomina.

No âmbito geral, quanto à preferência em falar uma das línguas, tanto a quarta como a terceira faixa etária (do grupo *Plautdietsch*) optam pelo *Plautdietsch*. Nas outras faixas etárias a preferência é maior pelo português, seguido pelo *Plautdietsch* e por último pelo *Hochdeutsch*.

Quanto ao grau de importância de uma das línguas, na quarta faixa etária a escolha é pelo *Plautdietsch* e nas outras faixas etárias tanto o *Hochdeutsch* como o português são considerados as línguas mais importantes.

A língua que a maioria da quarta faixa etária gostaria de aperfeiçoar é o português, seguido do *Hochdeutsch*; nas outras faixas etárias há maior predomínio em querer aprender melhor o *Hochdeutsch*.

Analisando os resultados acima, podemos perceber um processo de mudança nos costumes lingüísticos da comunidade, principalmente no que diz em respeito ao *Plautdietsch*. Há uma diminuição bastante notável quanto ao uso do *Plautdietsch* e um aumento crescente do uso do português. Enquanto a faixa etária mais velha (acima de 53 anos) usa quase exclusivamente o *Plautdietsch* no dia-a-dia, a grande maioria dos jovens, não sabendo mais falar esta língua, prefere falar o português do que o *Hochdeutsch*. Conseqüentemente, o *Plautdietsch* está correndo um grande perigo de desaparecimento na comunidade de Witmarsum.

5.12 AUTO-AVALIAÇÃO QUANTO ÀS LÍNGUAS

Um outro aspecto importante na entrevista era a investigar a atitude dos moradores da Colônia Witmarsum em relação às línguas *Plautdietsch*, *Hochdeutsch* e português, visando a uma análise na produção oral e escrita, como também na

compreensão oral e escrita das línguas, por meio de uma escala com três valores: bom, médio e ruim.

5.12.1 Competência na Produção Oral

Analisando o domínio falar (compare as tabelas 15 e 16, no apêndice 2), verificamos que 58% dos informantes do *Plautdietsch* acham que dominam bem o *Plautdietsch* e 42% classificam o seu falar em *Plautdietsch* como médio. Essa avaliação, em geral muito modesta, reflete antes uma atitude de insegurança no momento de se auto-avaliarem e, como o *Plautdietsch* não é considerado uma língua de prestígio pelos próprios menonitas, muitos podem não querer admitir o seu bom domínio.

Ao serem questionados sobre como falam o *Hochdeutsch*, apenas 33% dos informantes do *Plautdietsch* acham que falam bem e 50% avaliam sua prática como média.

Quanto à língua portuguesa, 83% dos informantes do *Plautdietsch* acham que falam bem o português.

Dos informantes do *Hochdeutsch*, apenas 8% afirmam que sabem falar bem o *Plautdietsch*, o que corresponde à realidade, pois estes informantes aprenderam na sua infância apenas o *Hochdeutsch*. Somente 33% deste grupo classificam o falar em *Hochdeutsch* como bom e 67%, como médio. Já quanto ao português, 75% deles acham que falam bem. Também aqui se verifica uma atitude de insegurança em relação ao *Hochdeutsch*, pois muitos moradores da comunidade têm consciência de que o *Hochdeutsch* de Witmarsum apresenta empréstimos do português.

Comparando os dois grupos de informantes, constatamos que ambos consideram o português a língua que melhor dominam no momento da fala. Este comportamento é confirmado principalmente pela segunda faixa etária, seguida pela primeira e por último pela terceira faixa etária.

Quanto ao sexo, no grupo *Plautdietsch*, 67% das mulheres acham que sabem falar bem o *Plautdietsch*, enquanto entre os homens apenas 50% classificam seu *Plautdietsch* como bom. Ao avaliar o falar em *Hochdeutsch*, 50% das mulheres e apenas 17% dos homens deste grupo classificam-no como bom. Na língua

portuguesa as mulheres avaliam o seu falar como 100% bom e os homens apenas 67%. No grupo *Hochdeutsch* apenas 33% de ambos os sexos acham que falam bem o *Hochdeutsch*; já o português 100% dos homens e apenas 50% das mulheres acham que falam bem.

Concluindo, percebe-se que quanto à competência na fala, o português é avaliado como a língua de melhor domínio, principalmente na primeira faixa etária; em relação ao sexo, as mulheres do grupo *Plautdietsch* e os homens do grupo *Hochdeutsch* apontam melhor domínio no português.

5.12.2 Competência na Compreensão Oral

Se na auto-avaliação sobre o domínio falar os informantes estavam mais divergentes, na compreensão das línguas os grupos são mais homogêneos (compare as tabelas 17 e 18, no apêndice 2). Todos os informantes do *Plautdietsch* acham que entendem bem tanto o *Plautdietsch* como o português. Porém, em relação ao *Hochdeutsch*, apenas 75% desse grupo acha que compreendem bem o *Hochdeutsch*.

Já dos informantes do *Hochdeutsch*, 83% acham que entendem bem o *Hochdeutsch*; 92% consideram que entendem bem o português e apenas 50% dos informantes do *Hochdeutsch* julgam que entendem bem o *Plautdietsch*.

Verificamos aqui uma atitude positiva de ambos os grupos em relação à compreensão do português em todas as faixas etárias.

Quanto ao sexo, tanto os homens como as mulheres do grupo *Plautdietsch* têm igualmente domínio na compreensão do *Plautdietsch* como do português; já no grupo *Hochdeutsch*, os homens têm maior domínio na compreensão do português e as mulheres, no *Hochdeutsch*.

Concluindo, podemos afirmar que ambos os grupos têm um domínio maior na compreensão do português, em todas as faixas etárias; ambos os sexos do grupo *Plautdietsch* têm melhor compreensão no *Plautdietsch* e no português, sendo que no grupo *Hochdeutsch*, os homens apresentam maior compreensão no português e as mulheres, no *Hochdeutsch*.

5.12.3 Competência na Compreensão Escrita

Ao analisarmos o domínio da leitura nas diferentes línguas, devemos levar em consideração que a leitura no *Plautdietsch* é bastante rara, pois o *Plautdietsch* é uma língua mais oral e pouco lida. A maioria das famílias não tem em seus lares nenhum tipo de literatura em *Plautdietsch*. Existem *sites* em *Plautdietsch* na *Internet*, mas não há dados sobre sua utilização na Colônia.

Em ambos os grupos a grande maioria dos informantes declara que a sua leitura é ruim no *Plautdietsch* (compare as tabelas 19 e 20, no apêndice 2). Enquanto 58,3% dos informantes do *Plautdietsch* consideram a sua leitura no *Hochdeutsch* boa, apenas 67% dos informantes do *Hochdeutsch* avaliam sua leitura como boa nesta língua. Em relação ao português, 92% dos informantes de ambos os grupos acham que lêem bem o português.

Quanto ao sexo, tanto as mulheres como os homens do grupo *Plautdietsch* têm maior domínio ao lerem português; no grupo *Hochdeutsch*, os homens têm maior domínio na leitura em português em relação às mulheres.

Concluindo, ambos os grupos confirmam um melhor domínio na leitura em língua portuguesa, e, em relação ao sexo, as mulheres do grupo *Plautdietsch* e os homens de ambos os grupos avaliam um melhor domínio na leitura em português.

5.12.4 Competência na Escrita

Como já referimos anteriormente, o *Plautdietsch* é uma língua muito pouco lida e escrita pela comunidade. Conseqüentemente a grande maioria de ambos os grupos de informantes consideram a sua escrita no *Plautdietsch* ruim (compare as tabelas 21 e 22, no apêndice 2).

Quanto à escrita em *Hochdeutsch*, apenas 42% dos informantes do *Plautdietsch* acham que escrevem bem o *Hochdeutsch* e 58% dos informantes do *Hochdeutsch* já avaliam a sua escrita em *Hochdeutsch* como boa. Em relação ao português, 83% dos informantes do grupo *Plautdietsch* e 75% dos informantes do grupo *Hochdeutsch* consideram que têm um bom domínio da escrita.

Quanto ao sexo, as mulheres do grupo *Plautdietsch* têm maior domínio na escrita do português; já aquelas do grupo *Hochdeutsch* têm um domínio maior na

escrita do *Hochdeutsch*. Os homens de ambos os grupos têm maior domínio da escrita em português.

Concluindo, ambos os grupos têm maior domínio da escrita em português e, em relação ao sexo, as mulheres do grupo *Plautdietsch* e os homens de ambos os grupos avaliam um melhor domínio da escrita em português. As mulheres do grupo *Hochdeutsch* têm maior domínio da escrita em *Hochdeutsch*.

Ao analisarmos em geral as atitudes em relação às línguas, verificamos que o português é marcado positivamente, principalmente pela primeira e segunda faixa etária, pelos informantes masculinos de ambos os grupos e pelos informantes femininos do grupo *Plautdietsch*. Esta auto-avaliação é um reflexo do uso das línguas na maioria dos âmbitos, nos quais a primeira e a segunda faixa etária empregam mais o português e com bem menos freqüência o *Hochdeutsch* e o *Plautdietsch*.

5.12.5 Amosta de Controle (Quarta Faixa Etária).

Quanto à competência falar e compreender, todos os informantes desta faixa etária falam e compreendem bem o *Plautdietsch*; quanto ao *Hochdeutsch*, 63% falam bem e 88% compreendem bem o *Hochdeutsch*; no entanto, quanto ao português, 63% dos informantes avaliam sua fala como média e 37% como ruim; 38% compreendem bem o português e 50% têm compreensão média.

Quanto à leitura, 88% dos informantes lêem mal o *Plautdietsch* e 12% consideram sua leitura nessa língua de nível médio, 88% lêem bem o *Hochdeutsch* e apenas 38% lêem bem o português.

Quanto à escrita, nenhum dos informantes escreve o *Plautdietsch*, 25% escrevem bem o *Hochdeutsch* e apenas 13% escreve bem o português.

5.12.6 Comparação entre as Duas Amostras

Comparando os informantes falantes do *Plautdietsch* das duas amostras (representativa e de controle) quanto às atitudes dos informantes em relação às línguas, podemos verificar que no grupo *Plautdietsch* somente os informantes a

partir da terceira faixa etária classificam seu falar em *Plautdietsch* como bom; os informantes da primeira e segunda faixa etária (do grupo *Plautdietsch*) avaliam seu falar em *Plautdietsch* como ruim e médio, respectivamente. Em relação ao *Hochdeutsch* poucos da amostra representativa acham que falam bem, enquanto na amostra de controle a maioria classifica seu falar em *Hochdeutsch* como bom. Já no “falar” em português temos exatamente o quadro inverso: a grande maioria dos informantes da quarta faixa etária avalia seu falar em português como médio, e a maioria da segunda, primeira e terceira como bom, respectivamente. Quanto à compreensão, todas as faixas etárias de ambas as amostras do grupo *Plautdietsch* não apresentam nenhuma dificuldade em compreender bem o *Plautdietsch*. Na compreensão do *Hochdeutsch*, a quarta faixa etária tem maior domínio em comparação às outras faixas etárias; já o português é, obviamente, compreendido muito melhor pelas primeiras três faixas etárias.

Em relação à leitura, a grande maioria de ambas as amostras não lê o *Plautdietsch*, pois é uma língua oral entre os menonitas, como já referido anteriormente. Quanto ao *Hochdeutsch*, a maioria dos informantes de todas as faixas etárias e de ambas as amostras classifica sua leitura como de nível bom, sendo que na amostra de controle o percentual de “bom” é maior que nas outras faixas etárias. Quanto à leitura em português, todas as faixas etárias da amostra representativa avaliam sua leitura como de nível bom, no entanto, na amostra de controle menos que a metade classifica sua leitura como de nível bom.

Em relação à escrita, a metade dos informantes da amostra representativa e apenas $\frac{1}{4}$ da amostra de controle avalia sua escrita no *Hochdeutsch* como de nível bom. Percebemos aqui a diferença da escolaridade entre as duas amostras: apenas os informantes até a terceira faixa etária tiveram aulas regulares de língua alemã na escola e, conseqüentemente, escrevem melhor o *Hochdeutsch*. Quanto à escrita no português, temos um resultado semelhante ao da leitura: na amostra de controle pouquíssimos escrevem bem o português, já nas outras faixas etárias a escrita no português é avaliada pela grande maioria como de nível bom.

Podemos afirmar que, de modo geral, a língua portuguesa está bastante presente dentro da comunidade de Witmarsum; é vista como algo positivo e associada ao progresso, principalmente pelos informantes da amostra

representativa. Ela está penetrando cada vez mais forte no dia-a-dia dos moradores da colônia mediante as quatro áreas de competência: na fala, na compreensão, na leitura e na escrita.

CONCLUSÃO

O presente estudo procurou descrever o uso do trilingüismo na Colônia Witmarsum, uma comunidade menonita. O povo menonita pode ser caracterizado como um grupo minoritário étnico-religioso, que mesmo ao passar dos vários séculos ainda mantém fortes laços de língua, igreja, família e herança sociocultural, principalmente em colônias como a de Witmarsum. A Colônia Witmarsum diferencia-se da maioria das outras comunidades do Sul do Brasil por ser um grupo com uma forte coesão social e praticar o uso de três línguas. O *Plautdietsch*, o *Hochdeutsch* e o português fazem parte do dia-a-dia dos membros desta comunidade, o que torna a Colônia uma verdadeira ilha lingüística.

Com base num enfoque sociolingüístico, procuramos verificar a freqüência do uso das três línguas pelos membros da comunidade menonita, a partir das variáveis faixas etárias, sexo e escolaridade, em diversos âmbitos: religioso, familiar, vizinhança, escolar, lazer, trabalho, administrativo, prestação de serviço e o uso geral da língua. Além disso, analisamos a atitude dos informantes em relação às línguas.

A partir das hipóteses iniciais, constatamos diferentes graus de freqüência do uso do *Plautdietsch*, do *Hochdeutsch* e do português na comunidade. Uma vez que em Witmarsum há moradores bilíngües e, ou, trilingües, a comunidade foi dividida em dois grupos: informantes do *Plautdietsch* e informantes do *Hochdeutsch*. Desta forma, os resultados obtidos nos diversos âmbitos nos dois grupos de informantes permitem traçar um quadro sinóptico (tabela 7) sobre o uso das línguas e na seqüência elencar as principais conclusões:

TABELA 7 - TABELA DOS USOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNIDADE

Grupo Hochdeutsch				Grupo Plautdietsch				
	H	P	H/P	H	PL	P	PL/P	H/P
Âmbito religioso								
cultos e pregações	x			x				
oração	x			x				
conversa com pastor		x				x		
estudo bíblico		x				x		
leitura bíblica		x				x		
conversas após o culto			x				x	
Âmbito familiar								
conversas com avós	x				x			
conversas com irmãos	x				x			
conversas com o cônjuge	x				x			
conversas com os filhos	x			x				
Âmbito dos vizinhos								
comunicação com os vizinhos			x		x			
Âmbito da amizade								
comunicação com amigos mais próximos		x				x		
Âmbito do lazer								
esporte		x				x		
ouvir música	x			x				
ler			x					x
Âmbito do trabalho								
falar com colegas/empregados		x				x		
Âmbito administrativo								
falar com o presidente da cooperativa		x				x		
falar com o presidente da associação		x				x		
Âmbito da prestação de serviços								
fazer compras, ir à farmácia, ao correio		x				x		
Âmbito escolar								
recreio		x				x		
Âmbito do uso geral da língua								
preferência de falar			x		x			
importância das línguas			x	x				
gostaria de saber melhor	x			x				

- a) no âmbito religioso verificamos que os menonitas de Witmarsum empregam preferencialmente duas línguas: o *Hochdeutsch* e o português. O *Plautdietsch* não faz parte do formalismo religioso, ou seja, não é usado para a leitura bíblica, na oração e na pregação. O predomínio do emprego do *Hochdeutsch* na esfera religiosa não é mais absoluto, como em décadas anteriores. Percebe-se que neste âmbito a variação no emprego das línguas é influenciada pela formalidade do contexto e pela passividade verbal do falante: quanto maior a formalidade do contexto, maior a preferência do uso do *Hochdeutsch* e quanto maior a participação verbal, maior o uso do português e do *Plautdietsch* (após um culto, por exemplo);
- b) no âmbito familiar mantém-se a língua do berço (*Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*, dependendo do grupo), principalmente nas comunicações com pais e avós. Entre os irmãos o português supera o uso do *Plautdietsch* ou do *Hochdeutsch* principalmente na segunda faixa etária, seguida pela primeira. Na terceira faixa etária o uso do *Plautdietsch* e, ou, *Hochdeutsch* entre os irmãos é maior que o português. Ao falar com os filhos, os pais de ambos os grupos têm maior preferência pelo uso do *Hochdeutsch*. Os cônjuges, na sua grande maioria, falam entre si o *Plautdietsch* (no grupo *Plautdietsch*) e o *Hochdeutsch* (no grupo *Hochdeutsch*);
- c) no âmbito vizinhança o *Plautdietsch* é a língua mais usada, seguida pelo português e por último pelo *Hochdeutsch*;
- d) no âmbito dos amigos há um predomínio pelo emprego do português, seguido do *Plautdietsch* e do *Hochdeutsch*;
- e) no âmbito do esporte o português é a língua preferida em todas as faixas etárias e por ambos os sexos. Com maior distância vem o *Plautdietsch*; o *Hochdeutsch* praticamente não é usado;
- f) no âmbito trabalho há um maior uso do português, sendo este resultado em parte devido à presença de empregados unilíngües português na maioria das chácaras;

- g) no âmbito administrativo, ou melhor, ao tratar um assunto com autoridades da comunidade, o português também tem preferência de todas as faixas etárias e de ambos os sexos;
- h) no âmbito da prestação de serviços o uso do português é bem maior em relação ao *Plautdietsch* e *Hochdeutsch*; há também aqui uma grande influência dos funcionários unilíngües portugueses nos estabelecimentos comerciais;
- i) no âmbito escolar na primeira e segunda faixa etária o emprego do português com os amigos nos recreios é maior, já na terceira faixa etária o uso do *Plautdietsch* e do *Hochdeutsch* era mais freqüente que o português;
- j) no âmbito geral o grupo *Plautdietsch* prefere falar o *Plautdietsch*, porém no grupo *Hochdeutsch* a metade prefere falar o português. Quanto à importância de uma língua, o grupo *Plautdietsch* opta preferencialmente pelo *Hochdeutsch*, enquanto o grupo *Hochdeutsch* está dividido entre o *Hochdeutsch* e o português. Em relação a aperfeiçoar uma das línguas, o grupo *Plautdietsch* opta em primeiro lugar pelo *Hochdeutsch* e em seguida pelo português; o grupo *Hochdeutsch* prefere aperfeiçoar o português, seguido do *Hochdeutsch*. Nos momentos de atrito ou tensão ambos os grupos indicaram usar a sua língua materna (*Plautdietsch* ou *Hochdeutsch*).

Quanto à variável faixa etária, observa-se que os informantes mais jovens empregam em geral mais o português nos diversos âmbitos, em relação às outras línguas; no entanto, identificam-se mais com a língua materna, ou seja, na sua grande maioria o *Hochdeutsch*. O *Plautdietsch*, por não ser considerada uma língua de prestígio, foi substituído pelo *Hochdeutsch*, principalmente no âmbito familiar. Os pais de ambos os grupos, por exemplo, preferem ensinar o *Hochdeutsch* aos filhos e, conseqüentemente, há pouquíssimos jovens da primeira faixa etária que falam o *Plautdietsch*. O português é uma língua que está cada vez mais presente no dia-a-dia desta faixa etária, em função dos estudos e preparativos para o futuro profissional e do convívio com amigos. Estes informantes trocam de código (do *Hochdeutsch* para o português) com a maior naturalidade, ainda que se identificam

mais com a cultura alemã. O *Hochdeutsch* para muitos desta faixa etária ainda é a língua mais afetiva.

Os informantes da segunda faixa empregam mais o português que as outras faixas etárias, mesmo comparando a amostra representativa (nas quais há três informantes casados com unilíngües portugueses) com a amostra de controle (todos casados com menonitas falantes do alemão). Este fenômeno pode ser decorrente de situações funcionais (ambiente social ou profissional), em que o uso do português é dominante. A identificação com a sociedade brasileira nesta faixa etária é mais intensa que nas outras duas.

Informantes da terceira faixa etária empregam em geral mais o *Plautdietsch* ou o *Hochdeutsch* (de acordo o grupo a que pertençam) em relação às outras duas faixas etárias; no entanto, dependendo do âmbito, preferem igualmente o emprego do português, ou seja, no esporte e nas conversas com autoridades da cooperativa a língua mais usada também por esta faixa etária é o português. Ademais, esta faixa etária relaciona fortemente a língua alemã como parte da sua identidade e cultura.

Quanto ao sexo, observamos que o falante masculino supera o feminino no emprego do português e *Plautdietsch*. Em vários âmbitos o *Hochdeutsch* revela ser mais usado pelas mulheres, mas, ao mesmo tempo, o português é marcado positivamente, principalmente pelos informantes femininos do grupo *Plautdietsch*.

Quanto à escolaridade, percebe-se no âmbito religioso que informantes com ensino fundamental completo empregam mais o português em relação aos outros com outra escolaridade; porém, na maioria dos outros âmbitos, quanto menor o grau de escolaridade maior o uso do *Plautdietsch*. Informantes que estão cursando o ensino médio tendem a usar mais o português, porém em certas ocasiões, como, por exemplo, na oração, preferem o *Hochdeutsch*. Informantes com maior escolaridade tendem a usar mais o alemão tanto no âmbito religioso como na família, entre os amigos, no lazer, não se confirmando a hipótese de que quanto maior a escolaridade, maior o emprego do português.

Comparando os grupos *Plautdietsch* e *Hochdeutsch* percebemos que em ambos os grupos e em todas as faixas etárias o emprego do português está a cada dia mais presente; no entanto, constata-se que o grupo *Hochdeutsch* prefere falar o português. Este fenômeno pode ser causado pela própria comunidade em geral, que considera o *Plautdietsch* uma língua inferior e, ao mesmo tempo, por ser uma

língua oral e na qual não são observadas tantas exigências gramaticais, é de expressão mais livre. O grupo *Hochdeutsch* muitas vezes enxerga sua própria língua materna como uma língua que está contaminada com tantos empréstimos do português (comparada com a linguagem falada na Alemanha) e na qual há maior rigor gramatical do que no *Plautdietsch*, preferindo assim muitas vezes falar o português.

Ao analisar as atitudes dos informantes quanto às línguas, percebemos que a auto-avaliação é um reflexo do uso das línguas na maioria dos âmbitos, ou seja, quanto melhor o domínio em uma das línguas, maior é a frequência de uso desta língua. Sendo assim, há um maior emprego do português pela primeira e segunda faixa etária na maioria dos âmbitos, um menor uso do *Hochdeutsch* e uma tendência de extinção do *Plautdietsch*, principalmente na primeira faixa etária.

Analisando o emprego das línguas em questão, verificamos que, apesar do isolamento geográfico da Colônia Witmarsum, mudanças no uso estão ocorrendo de forma crescente, influenciadas pelos seguintes aspectos:

- a) fácil acesso a cidades vizinhas (estradas boas, melhores veículos de transportes);
- b) forte presença da mídia;
- c) crescimento de moradores unilíngües português na comunidade;
- d) aumento de funcionários unilíngües português na Colônia;
- e) aumento dos casamentos entre menonitas-alemães e unilíngües português;
- f) fluxo contínuo de estudantes da comunidade menonita que vão semanalmente a outras cidades para cursar colégios, faculdades e voltam todos os finais de semana para a comunidade.

Com base nos dados obtidos, podemos observar que o uso do português está aumentando, e o do *Hochdeutsch* está diminuindo; já o *Plautdietsch*, a língua materna dos menonitas, está correndo um grande perigo de extinguir-se futuramente dentro da comunidade, pois não é mais ensinado pela maioria dos pais. Em função disto isto poderá ser perdida uma rica tradição de fala entre os menonitas, que vem desde o século XVI, e em decorrência a própria identidade cultural.

Inserindo o *Hochdeutsch* e o *Plautdietsch* da Colônia Witmarsum na escala de Stephen Wurm sobre os vários níveis de perigo para a morte de uma língua (descrita no subitem 3.4), chegamos à conclusão que o *Hochdeutsch* parece ainda não correr perigo de ser extinto, pois é uma língua que persiste tanto na vida pública, por meio da igreja, como em contextos particulares, sendo a língua usada pela maioria das famílias com os filhos nas últimas décadas. O *Plautdietsch*, no entanto, sendo uma língua mais usada entre os moradores a partir de 30 anos e ensinado aos filhos apenas por algumas famílias isoladas, pode ser considerada uma língua “em perigo”.

A título de ilustração, e comparando este estudo com o trabalho sobre as variedades lingüísticas de Siemens entre os menonitas de Curitiba em 1983, verificamos um quadro semelhante ao de vinte anos atrás na comunidade menonita de Curitiba. Como professora de alemão desta comunidade em Curitiba, constatamos que o *Hochdeutsch* está correndo perigo de extinção e apenas persistirá em alguns contextos isolados e que o *Plautdietsch* já está em um nível mais avançado de extinção. Assim, a comunidade menonita de Curitiba já estaria mais próxima do nível três.

Segundo Crystal (2000), as línguas são expressões de identidade, depósitos da nossa história e contribuem para transmitir a totalidade do conhecimento humano. Neste sentido, o *Plautdietsch*, a língua materna do povo menonita, como representa a base das atividades culturais, é também a memória da “nossa” história.

Por isso, esperamos contribuído com informações capazes de subsidiar a comunidade e seus líderes na reavaliação de conceitos e atitudes, para que a herança cultural possa ser preservada.

De resto, parece haver uma luz no fim do túnel: alguns jovens casais estão adotando o *Plautdietsch* com os seus filhos no dia-a-dia. Este “retorno ao *Plautdietsch*” teve um reflexo surpreendente na Colônia e chamou atenção positivamente, a tal ponto que, numa das entrevistas, um informante de mais idade sorridente me perguntou : “você já viu que alguns estão ensinando novamente o *Plautdietsch* para seus filhos?”

Os menonitas da Colônia Witmarsum, estão por certo vivenciando um período de grandes mudanças no uso das três línguas; mudanças que refletem o

dinamismo próprio de uma sociedade multilíngüe, campo fértil para outras pesquisas que venham a desvelar essa parte da realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARANOW, Ulf Gregor. **Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien**. Tese de Doutorado. München: Ludwig-Maximilians-Universität, 1973.
- BESCH, Werner; MATTHEIER, Klaus. **Ortssprachenforschung**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1985.
- BORN, Joachim; DICKGIEßER, S. **Deutschsprachige Minderheiten**. Mannheim: Institut für deutsche Sprache, 1989.
- BRANDT, Carsten. **Sprache und Sprachgebrauch der Mennoniten in Mexiko**. Marburg: N.G.Elwert Verlag, 1992.
- BOSSMANN, Reinhold. **Zur Deutsch-Brasilianischen Mischsprache**. In: Letras. Número 1, Curitiba, 1953, p.96-114.
- BUNSE, Heinrich. **Algumas observações a respeito do bilingüismo**. IVº ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E DE BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL. Porto Alegre: UFRGS, 1986.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolingüística – uma introdução crítica (tradução Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2002.
- CRYSTAL, David. **Language Death**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000. Tradução de Pedro Tena: La muerte de las lenguas. Madrid: 2001.
- CUNHA, Celso F.; CINTRA, Luís F. L. **Gramática da língua portuguesa**. 3.ed.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAMKE, Ciro. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbasilien**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997. 319 S.
- DITTMAR, Norbert; SCHLOBINSKI, Peter. **Implikationsanalyse**. In: SAMBAQUY-WALLNER, Virginia. **A Língua alemã em São José do Hortêncio - RS**. Trabalho de mestrado. München: Ludwig-Maximilians-Universität, 1995.
- EPP, Reuben. **The Story of Low German and Plautdietsch**. Hilsboro, USA: First Editon, 1993.
- FAUSEL, Erich. **Die deutschbrasilianische Sprachmischung**. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1959, 230 S.
- FONSECA, Maria S. V.; NEVES, Moema F. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GAL, Susan. **Language shift**. Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria. London: Academic Press, 1979.

GREVÉ, M. de; PASSEL, F.V. **Lingüística e ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Pioneira, 1975.

GUMPERZ, John. **The ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1972.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HEYE, Jürgen & SAVEDRA, Mônica (orgs). **Palavra Nº11 – Volume Temático – Línguas em contato**. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

KAHMANN, Christa. **Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão**. Santa Cruz do Sul: Signo Vol.12, Nº18, 1987.

KAUFMANN, G. **Aus eins mach zwei! – Unterschiedliche sprachliche Entwicklung der Mennoniten in Brasilien und Paraguay**. Porto Alegre. Artigo de revista do Institut Martius Staden, Nr.50, 2003.

KLASSEN, Peter P. **Die rußlanddeutschen Mennoniten in Brasilien: Band 1 – Rio Alto Krauel und Stolz-Plateau in Santa Catarina**. Bolanden-Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. , 1995.

_____. **Die rußlanddeutschen Mennoniten in Brasilien: Band 2 – Siedlungen, Gruppen und Gemeinden in der Zerstreung**. Bolanden-Weiherhof: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. , 1998.

KOCH, W. **Falares alemães no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

_____. **Perspektiven der Linguistik**. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1973.

KOLB, Herbert. **Sprachliche Interferenz**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1977.

LANCHEC, Jean-Yvon. **Psicolingüística e pedagogia das línguas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MASKE, Wilson. **Bíblia e Arado. Os menonitas e a construção do Seu Reino**. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. 200 p.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Duelling Languages**. Oxford: Clarendon, 1993.

NEUFELD, Eldo. **Plautdietsche Grammar**. Muenchen. Published by LINCOM EUROPA 2000.

NIKKEL, Melita; KLIEWER, Horst Gunther. **Witmarsum em quarto décadas – Witmarsum in vier Jahrzehnten 1951-1991**. Castro: Kugler Artes Gráficas LTDA, 1991, 138 p.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de. **Coleta de dados**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. 200 p.

PAULS Jr., Peter. **Witmarsum in Paraná**. Curitiba: Imprimax LTDA, 1976, 116 S.

_____. **Brasilien – Heimat für Heimatlose**. Palmeira, PR: Cidadeclima, s/ 00data0, 161 S.

REGER, Adina & PLETT, Delbert. **Diese Steine. Die Russlandmennoniten**. Manitoba, Canadá: Friesens Printers, 2001.

SAMBAQUY-WALLNER, Virginia. **A Língua alemã em São José do Hortêncio - RS**. Trabalho de mestrado. München: Ludwig-Maximilians-Universität, 1995.

SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurélio. **Estudo da interferência do português da variedade dialetal Hunsrück falada em Boa Vista do Herval**. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003.

SIEMENS, João Udo. **Variedades lingüísticas entre os menonitas de Curitiba**. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 1983.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tania. **Falares crioulos. Línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997.

THEODOR, Erwin. **A língua alemã**. São Paulo: Editora Herder, 1963. 434 p.

THIESSEN, Jack. **Mennonite Low German Dictionary – Mennonotisch-Plattdeutsches Wörterbuch**. Max Kade Institute for German-American Studies, University of Wisconsin-Madison, 2003.

VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2002. 342 p.

VERBURG, Marringje K. **O Bilingüismo em Castrolanda: aspectos sociais da aquisição da segunda língua**. Trabalho de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1980.

WELKER, Herbert A. **Gramática alemã**. 2ªedição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

WILLEMS, Emílio. **Aculturação dos alemães no Brasil**. 2ªedição. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

WIENS, Peter. **Plautdietsch Frind**. Oerlingshausen: druckerei reike gmbh, 2001.

Witmarsum 50 anos no Paraná – A História da Colônia – A atuação Menonita – Os Pioneiros. Publicação em comemoração aos 50 anos de Witmarsum, setembro 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - CLASSIFICAÇÃO DE INFORMANTES

TABELA 8 - PLANILHA DOS INFORMANTES

INFORMANTES EM PLAUDIETSCH

Informante	Faixa etária (até 18 anos)	Sexo	Escolaridade
E 16	14	M	1ºano EM (curso)
E 21	17	M	3ºano EM (curso)
E 07	17	F	3ºano EM (curso)
E 04	17	F	3ºano EM (curso)

Informante	Faixa etária (19 – 35 anos)	Sexo	Escolaridade
E 03	34	M	8ªsérie E.F.
E 18	24	M	E.M. completo
E 09	21	F	8ªsérie E.F.
E 08	25	F	E.M. completo

Informante	Faixa etária (36 – 53 anos)	Sexo	Escolaridade
E 06	53	M	6ªsérie E.F.
E 12	44	M	E.M. completo
E 02	39	F	8ªsérie E.F.
E 05	42	F	E.M. completo

INFORMANTES EM HOCHDEUTSCH

Informante	Faixa etária (até 18 anos)	Sexo	Escolaridade
E 14	15	M	1ºanoE.M.(curso)
E 10	17	M	2ºanoE.M.(desist)
E 19	14	F	1ºanoE.M (curso)
E 20	17	F	3ºanoE.M.(curso)

Informante	Faixa etária (19 – 35 anos)	Sexo	Escolaridade
E 22	23	M	4ªsérie E.F.
E 01	22	M	E.M. completo
E 17	25	F	7ªsérie E.F.
E 23	30	F	8ªsérie E.F.

Informante	Faixa etária (36 – 53 anos)	Sexo	Escolaridade
E 13	45	M	7ªsérie E.F.
E 15	41	M	E.M. completo
E 24	42	F	7ª série E.F.
E 11	40	F	E.M. completo

APÊNDICE 2 - PESQUISA DE CAMPO

1 QUESTIONÁRIO REDE SOCIAL

Data: _____

A- Dados pessoais

1- Nome completo: _____

2- Sexo: _____

3- Data de nascimento: _____

4- Local de nascimento: _____

5- Escolaridade: _____

6- Profissão: _____

7- Religião: _____

8- Fala que línguas: _____

9- Como você avalia o seu domínio nas línguas:

	falar	entender	ler	escrever
<i>Plautdietsch</i>	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim
<i>Hochdeutsch</i>	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim
Português	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim	bom médio ruim

B- Dados sócio-lingüísticos

B.1 Âmbito religioso

1- Em qual língua são os cultos? **H PI Port.**

2- Em qual língua são as escolas dominicais? **H PI Port.**

3- Em qual língua você prefere (preferiria) os cultos, as pregações? **H PI Port.**

4- Você acha que nas igrejas menonitas alemãs também deveria haver culto em português? **Sim Não**

5- Em que língua você mais fala com os amigos após o culto? **H PI Port.**

6- Em que língua são feitas as reuniões de estudos bíblicos em grupo durante a semana? **H PI Port.**

7- Em que língua você fala com o pastor / líder de sua igreja? **H PI Port.**

8- Em que língua você costuma orar? **H PI Port.**

9- Em que língua você costuma ler a bíblia? **H PI Port.**

B.2 Âmbito familiar

1- Em que língua você fala (falava) com os seus pais? **H PI Port.**

2- De que maneira você fala (falava) com os seus pais: usando **Você** ou **Sr./Sr^a**

3- Em que língua você fala (falava) com os seus avós? **H PI Port.**

4- De que maneira você fala (falava) com os seus avós? Usando **Você** ou **Sr./Sr^a**

5- Você tem irmãos? Em que língua você fala (falava) com eles? **H PI Port.**

6- Em que língua você fala (falava) com os seus sobrinhos e /ou sobrinhas?
H PI Port.

7- Em que língua você fala (falava) com os seus primos e/ou primas? **H PI Port.**

Para casais:

8- Em que língua você conversava com o seu cônjuge antes de casar? **H PI Port.**

9- Em que língua você conversa hoje com o seu cônjuge? **H PI Port.**

10- No caso de filhos, em que língua você conversa com ele(s)? **H PI Port.**

11- Em que língua você se comunica (comunicava) com os seus sogros?
H PI Port.

12- De que maneira você fala (falava) com os seus sogros? Usando **Você** ou **Sr./Sr^a**

B.3 Âmbito da vizinhança

1- Em que língua você mais fala com os seus vizinhos mais próximos? **H PI Port.**

2- Quando um vizinho de mais idade chega à sua casa, de que maneira você fala com ele? **H PI Port.** Usando **Você** ou **Sr./Sr^a**

3- Quando você necessita de um auxílio, quem ajuda? Em que língua você se então comunica? **H PI Port.**

B.4 Âmbito dos amigos

- 1- Em que língua você fala com o(s) seu(s) melhor(es) amigo(s)? **H PI Port.**
- 2- Em que língua você falava com os seus amigos na época da mocidade?
H PI Port.
- 3- Quando um amigo vêm a sua casa para assistir televisão (um filme, um jogo de futebol, por exemplo), em que língua vocês falam? **H PI Port.**
- 4- Você tem mais amigos que falam as duas/três línguas (alemão/plautdietsch e port.) ou apenas o português? **H / PI / Port somente o Port.**
- 5- Você faz excursões com os seus amigos? Em que língua mais falam? **H PI Port.**
- 6- Em que língua você se comunica com os pais dos seus amigos? **H PI Port.**
- 7- Em que língua seus pais falam com os seus amigos? **H PI Port.**

B5. Âmbito do lazer

- 1 -Você joga futebol / voleibol? **Sim Não** Que língua você usa no momento do jogo? **H PI Port.**
- 2- Você canta num coral? **Sim Não** Que língua normalmente é usada? **H PI Port.**
- 3- Você houve música alemã com freqüência? Ou assiste o programa da TV (a cabo)“Deutsche Welle” regularmente? **Sim Não Às vezes**
- 4- Você lê livros, jornais ou revistas em alemão? **Sim Não** Com que freqüência?
Diariamente Semanalmente Mensalmente
- 5- Existe um restaurante / lanchonete em Witmarsum? Em que língua você fala com o garçom? **H PI Port.**

B.6 Âmbito do trabalho

- 1- Você trabalha na sua própria chácara ou em algum outro lugar?
_____ Em que língua você fala com o seu empregado e/ou colegas de trabalho? **H PI Port.**

2- Você tem um emprego no qual você tem bastante contatos com outras pessoas? **Sim Não Pouco** Em que língua você fala com aqueles que você encontra no serviço? **H PI Port.**

B.7 Âmbito administrativo

1- Em que língua você fala quando quer tratar um assunto com o presidente da cooperativa? **H PI Port.**

2- Em que língua você fala quando quer tratar um assunto com o presidente da associação? **H PI Port.**

3- Já foi paciente do hospital em Witmarsum algum dia? Em que língua falou com a enfermeira e o médico? **H PI Port.**

B.8 Âmbito escolar

1- Com que idade você começou a freqüentar a escola? _____ Quais línguas falava? **H PI Port.**

2- Em que língua são (eram) a maioria das aulas? **H PI Port.**

3- Você teve aulas de alemão padrão na escola? **Sim Não**

4- Que língua mais usa (usava) nos recreios e no caminho à escola? **H PI Port.**

5- Em que língua você mais fala (falava) com os seus colegas? **H PI Port.**

6- Em que língua você mais fala (falava) com os seus professores? **H PI Port.**

B.9 Âmbito da prestação de serviço

1- Que língua você mais usa quando está no mercado? **H PI Port.**

2- Que língua você mais usa quando vai à farmácia? **H PI Port.**

3- Que língua você mais usa quando vai ao correio? **H PI Port.**

4- Que língua você mais usa quando vai à uma loja na colônia? **H PI Port.**

B.10 Âmbito do uso geral da língua

1- Que língua você acha mais prática? **H PI Port.**

2- Qual língua você prefere falar? **H PI Port.**

- 3- Que língua soa melhor para você? **H PI Port.**
- 4- Qual a língua mais importante para você? **H PI Port.**
- 5- Qual a língua que você gostaria saber/aprender melhor? **H PI Port.**
- 6- Em que língua as piadas são mais engraçadas? **H PI Port.**
- 7- Em que língua você prefere contar piadas? **H PI Port.**
- 8- Em qual língua você se sente mais a vontade/em casa? **H PI Port.**
- 9- Você acha que o “Plautdietsch/Hochdeutsch” está diminuindo em Witmarsum?

Sim Não

- 10- Isto é bom ou ruim para nós? **Bom ruim Não sei**

Porque?

- 11- Quando você tropeça numa pedra/num toco de madeira e cai, em que língua você xinga? **H PI Port.**
- 12- Quando alguém te irrita, em que língua você reclama? **H PI Port.**
- 13- Quando alguma coisa não deu certo e você está com muita raiva, em que língua você se queixa? **H PI Port.**

2 RESPOSTAS DOS INFORMANTES DO QUESTIONÁRIO DA REDE SOCIAL (SEPARADOS POR ÂMBITOS)

TABELA 9 - ÂMBITO RELIGIOSO: AMOSTRA REPRESENTATIVA

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Igreja								
					Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9
E01	H	M	EM	2 ^a	H	H	P	S	P	P	P	P	P
E02	PI	F	EF	3 ^a	H	H	H	N	PL	H	H	H	H
E03	PL	M	EF	2 ^a	H	H	H	N	PL	P	P	H	P
E04	PL	F	EM (cursando)	1 ^a	H	P	H	N	P	P	H	P	P
E05	PL	F	EM	3 ^a	H	H	H	S	H	H	H	H	H
E06	PL	M	EF	3 ^a	H	H	H	N	PL	não part.	PL	H	H
E07	PL	F	EM (cursando)	1 ^a	H	P	P	S	P	P	P	P	P
E08	PL	F	EM	2 ^a	H	H	P	às vezes	PL	não part.	H	H	P
E09	PL	F	EF	2 ^a	P	P	P	S	P	não part.	P	P	P
E10	H	M	EM (cursando)	1 ^a	H	H	H/P	S	P	P	P	H	P
E11	H	F	EM	3 ^a	H	H	H	N	H	H	H	H	H
E12	PL	M	EM	3 ^a	H	H	H	N	PL	H	H	H	H
E13	H	M	EF	3 ^a	H	H	P	S	P	não part.	P	P	P
E14	H	M	EM (cursando)	1 ^a	H	P	P	N	P	P	P	H	P
E15	H	M	EM	3 ^a	H	H	H	S	PL/P	não part.	P	H	P
E16	PL	M	EM (cursando)	1 ^a	H	P	H	S	P	P	H	H	P
E17	H	F	EF	2 ^a	H	H	P	S	P	P	P	P	P
E18	PL	M	EM	2 ^a	P	P	P	S	P	não part.	P	P	P
E19	H	F	EM (cursando)	1 ^a	H	H	P	N	P	não part.	H/P	P	P
E20	H	F	EM (cursando)	1 ^a	H	P	H	N	H	P	H	H	H
E21	PL	M	EM (cursando)	1 ^a	H	H	H	N	PL	P	H	H	P
E22	H	M	EF	2 ^a	P	P	P	S	P	P	P	P	P
E23	H	F	EF	2 ^a	H	H	H	N	H	não part.	P	P	P
E24	H	F	EF	3 ^a	H	H	H	N	H	P	H	H	H

ÂMBITO RELIGIOSO: AMOSTRA DE CONTROLE

E17 subs	H	F	EM	2 ^a	H	H	P	às vezes	PL/P	não part.	P	P	P
E18 subs	PL	M	EM	2 ^a	H	H	H	N	P	não part.	PL	H	H
E22 subs	H	M	EM	2 ^a	H	H	P	S	P	P	P	H	P

TABELA 10 - ÂMBITO FAMILIAR

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Família													
					Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14
E01	H	M	EM	2ª	H	V	H	V	P	H	P	na	na	Na	na	na	na	
E02	PI	F	EF	3ª	PL	V	PL	V	PL	H	PL	PL	PL	H	PL	V	na	
E03	PL	M	EF	2ª	PL	V	PL/H	Sr	PL	H	PL	PL	PL	PL	PL	V	na	
E04	PL	F	EM (cursando)	1ª	PL	V	PL	V	P	na	P	na	na	na	na	na	na	
E05	PL	F	EM	3ª	PL	V	PL	V	P	H/P	P	na	na	na	na	na	na	
E06	PL	M	EF	3ª	PL	V	PL	V	PL	PL	PL	PL	PL	PL	PL	V	PL	
E07	PL	F	EM (cursando)	1ª	PL	V	PL	V	PL	na	P	na	na	na	na	na	na	
E08	PL	F	EM	2ª	PL	V	PL	V	PL	PL	PL	PL/P	PL	PL	PL	V	na	
E09	PL	F	EF	2ª	PL/P	V	Na	na	PL/P	PL/P	P	na	na	na	na	na	na	
E10	H	M	EM (cursando)	1ª	H	V	H	V	H	na	H/P	na	na	na	na	na	na	
E11	H	F	EM	3ª	H	V	H	V	H	H/P	H/P	H	H	H	H	V	na	
E12	PL	M	EM	3ª	PL	V	PL	V	PL	H	PL	PL	PL	H	PL	V	na	
E13	H	M	EF	3ª	H	V	H	V	H	P	P	H	H	H	PL	V	na	
E14	H	M	EM (cursando)	1ª	H	V	H	V	P	na	P	na	na	na	na	na	na	
E15	H	M	EM	3ª	H	V	H	não sabe	H	P	PL	H	H	H	PL	V	na	
E16	PL	M	EM (cursando)	1ª	PL	V	PL	V	P	na	P	na	na	na	na	na	na	
E17	H	F	EF	2ª	H	V	Na	Sr	P	P	H/P	P	P	H/P	P	Sr	na	
E18	PL	M	EM	2ª	PL/P	V	PL	V	P	H/P	PL/P	P	P	na	P	V	na	
E19	H	F	EM (cursando)	1ª	H	V	H	V	P	na	P	na	na	na	na	na	na	
E20	H	F	EM (cursando)	1ª	H	V	H	V	H	na	H	na	na	na	na	na	na	
E21	PL	M	EM (cursando)	1ª	PL	V	PL	V	PL	na	P	na	na	na	na	na	na	
E22	H	M	EF	2ª	H/P	V	H	V	P	na	P	P	P	na	P	Sr	na	
E23	H	F	EF	2ª	H	V	H	V	H	H	P	P	P	H	H	V	na	
E24	H	F	EF	3ª	H	V	H	V	H	H/P	H/P	H	H	H	H	V	na	

TABELA 11 - ÂMBITO DA VIZINHANÇA E AMIGOS

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Vizinhos			Amigos						
					Q1	Q2	Q3	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7
E01	H	M	EM	2ª	P	H	na	P	P	P	H/PL/P	P	H	H
E02	PI	F	EF	3ª	PL	PL	PL	PL	PL	PL	H/PL/P	PL	PL	PL
E03	PL	M	EF	2ª	PL	PL	PL	PL	PL	PL/P	H/PL/P	PL	PL	PL
E04	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	PL	P	P	P	P	P	P	PL	PL
E05	PL	F	EM	3ª	PL	PL	PL	H/P	H	H/P	H/PL/P	H/PL	na	PL
E06	PL	M	EF	3ª	PL	PL	PL	PL	PL	P	H/PL/P	PL	na	na
E07	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	PL	P	P	P	P	H/PL/P	P	H	P
E08	PL	F	EM	2ª	PL	PL	PL	P	P	P	H/PL/P	P	H/PL	H/PL
E09	PL	F	EF	2ª	H/P	H	P	P	P	P	P	P	H/P	P
E10	H	M	EM (cursando)	1ª	H	H	P	P	P	P	H/PL/P	P	H/P	H
E11	H	F	EM	3ª	H	H	H	H	H/P	H/P	H/PL/P	H/P	H	H
E12	PL	M	EM	3ª	PL/P	PL/P	PL	PL/P	PL	na	H/PL/P	P	PL	PL
E13	H	M	EF	3ª	P	PL	P	P	P	P	H/PL/P	H/P	na	na
E14	H	M	EM (cursando)	1ª	H	H	H	P	P	P	H/PL/P	P	H	H
E15	H	M	EM	3ª	H	P	H	PL	PL/P	PL	H/PL/P	PL/P	PL	PL
E16	PL	M	EM (cursando)	1ª	P	na	P	P	P	P	H/PL/P	P	H/PL	H/P
E17	H	F	EF	2ª	H	H	P	P	P	H/P	H/PL/P	P	H	H
E18	PL	M	EM	2ª	PL	PL	P	P	P	P	H/PL/P	P	PL	P
E19	H	F	EM (cursando)	1ª	P	H	P	H/P	P	P	H/PL/P	P	H	H
E20	H	F	EM (cursando)	1ª	P	na	H	H/P	P	H/P	H/PL/P	P	H	H
E21	PL	M	EM (cursando)	1ª	PL	PL	PL	P	P	P	H/PL/P	P	H	H
E22	H	M	EF	2ª	P	H	P	P	P	P	H/PL/P	P	P	P
E23	H	F	EF	2ª	P	na	H	P	P	P	H/PL/P	P	H	H
E24	H	F	EF	3ª	H	H	H	H	H/P	H	H/PL/P	H	H	H

TABELA 12 - ÂMBITO DO LAZER, TRABALHO E ADMINISTRATIVO

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Lazer					Trabalho		Coop. / Associação / Hospital		
					Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q1	Q2	Q1	Q2	Q3
E01	H	M	EM	2ª	P	H/P	N	S	P	Casa/P	P	P	P	P
E02	PI	F	EF	3ª	PL	Na	S	N	P	Casa/P	P	P	PL	H
E03	PL	M	EF	2ª	PL	H	S	N	P	Casa/P	P	P	PL	P
E04	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	H	N	N	P	1ª faixa	na	H	H	P
E05	PL	F	EM	3ª	na	H	S	S	P	Casa/P	P	P	P	P
E06	PL	M	EF	3ª	na	na	S	N	P	Casa/P	P	PL	PL	P
E07	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	na	S	S	P	1ª faixa	na	P	P	na
E08	PL	F	EM	2ª	na	H	S	S	P	Casa/na	na	P	P	na
E09	PL	F	EF	2ª	na	na	N	N	P	Fora/H	H	P	P	P
E10	H	M	EM (cursando)	1ª	P	H/P	S	S	P	1ª faixa/P	P	P	P	na
E11	H	F	EM	3ª	P	na	S	S	P	Casa/P	P	P	P	H
E12	PL	M	EM	3ª	P	H	S	S	P	Casa/P	P	P	PL	na
E13	H	M	EF	3ª	na	na	S	S	P	Fora/P	P	P	P	H/P
E14	H	M	EM (cursando)	1ª	P	na	S	S	P	1ª faixa/P	P	P	P	P
E15	H	M	EM	3ª	P	H	S	S	P	Fora/P	P	P	P	P
E16	PL	M	EM (cursando)	1ª	P	na	S	N	P	1ª faixa/na	na	P	H	P
E17	H	F	EF	2ª	na	na	S	S	P	Casa/H	H	P	P	P
E18	PL	M	EM	2ª	na	na	N	N	P	Casa/na	P	P	P	P
E19	H	F	EM (cursando)	1ª	P	na	S	S	P	1ª faixa/na	na	P	P	H
E20	H	F	EM (cursando)	1ª	P	H	S	S	P	1ª faixa/P	P	P	H	H
E21	PL	M	EM (cursando)	1ª	P	H	N	S	P	1ª faixa/P	P	H	H	H/P
E22	H	M	EF	2ª	na	na	N	N	P	Fora/P	H/P	P	P	P
E23	H	F	EF	2ª	na	na	S	N	P	Casa/na	na	P	P	P
E24	H	F	EF	3ª	na	P (lut.)	S	S	P	Casa/H	H	P	H	H

TABELA 13 - ÂMBITO ESCOLAR E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Escola						Comércio			
					Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q1	Q2	Q3	Q4
E01	H	M	EM	2ª	H	H	S	P	P	P	P	P	P	P
E02	PI	F	EF	3ª	PL	P	S	PL	PL	P	PL	H	PL	PL
E03	PL	M	EF	2ª	PL	P	S	PL	PL	P	PL/P	P	PL	não vai
E04	PL	F	EM (cursando)	1ª	PL	P	S	P	P	P	P	P	P	PL
E05	PL	F	EM	3ª	H/PL	P	S	H/P	P	P	H/PL	P	P	PL/P
E06	PL	M	EF	3ª	PL	H/P	S	PL	PL	P	PL	P	PL	não vai
E07	PL	F	EM (cursando)	1ª	PL	P	S	P	P	P	P	P/PL	P	P
E08	PL	F	EM	2ª	PL/H	P	S	P	P	P	PL	H/P	P	PL/P
E09	PL	F	EF	2ª	PL/P	P	S	P	P	P	P	P	P	P
E10	H	M	EM (cursando)	1ª	H	P	S	P	P	P	P	P	P	H
E11	H	F	EM	3ª	H	P	S	H/P	H/P	P	H	H	H	H
E12	PL	M	EM	3ª	PL/H	P	S	PL	PL	P	PL	P	P	P
E13	H	M	EF	3ª	H	P	S	H	H	P	P	P	H/P	P
E14	H	M	EM (cursando)	1ª	H	P	S	P	P	P	P	P	P	P
E15	H	M	EM	3ª	H	P	S	P	P	P	PL/P	P	P	P
E16	PL	M	EM (cursando)	1ª	PL	P	S	P	P	P	P	P	P	P
E17	H	F	EF	2ª	H	H	S	P	P	P	P	P	P	P
E18	PL	M	EM	2ª	PL	P	S	P	P	P	PL/P	P	P	P
E19	H	F	EM (cursando)	1ª	H	P	S	P	P	P	P	H	P	P
E20	H	F	EM (cursando)	1ª	H	P	S	H/P	P	P	P	P	P	H/P
E21	PL	M	EM (cursando)	1ª	H/PL	P	S	P	P	P	P	PL	P	H
E22	H	M	EF	2ª	H	P	S	P	P	P	P	P	P	P
E23	H	F	EF	2ª	H	P	S	P	P	P	P	P	P	P
E24	H	F	EF	3ª	H	P	S	H	H	P	H	H	H	H

TABELA 14 - ÂMBITO GERAL

Informante	Grupo	Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Geral												
					Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13
E01	H	M	EM	2ª	P	P	H	H/P	H	H	P	P	S	Normal	H/P	P	H
E02	PI	F	EF	3ª	PL	PL	H	H/P	H	PL	PL	PL	S	R	PL	PL	PL
E03	PL	M	EF	2ª	PL	PL	PL	H/P	H	H	P	PL	S	R	P	PL	PL
E04	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	P	H	H/P	H	PL	P	P	S	R	P	P	P
E05	PL	F	EM	3ª	P	PL	não sabe	H	H	P	P	PL	S	R	P	PL	PL
E06	PL	M	EF	3ª	PL	PL	PL	H	P	P	P	PL	S	R	PL	PL	PL
E07	PL	F	EM (cursando)	1ª	P	PL	PL	H	H	H	P	PL	S	R	PL	P	PL
E08	PL	F	EM	2ª	PL	PL	H	PL	H	PL	PL	PL	S	R	PL	PL	PL/P
E09	PL	F	EF	2ª	P	P	PL/P	PL	P	P	P	P	N	B	P	P	P
E10	H	M	EM (cursando)	1ª	P	H/P	não sabe	P	H	H	H/P	H	S	R	H/P	H	H
E11	H	F	EM	3ª	H	H	H	H/P	P	H	H	H	S	R	H	H	H
E12	PL	M	EM	3ª	PL	PL	PL	P	H	PL/P	P	PL	S	R	PL	PL	PL
E13	H	M	EF	3ª	P	H/P	H	H/P	H	H/P	P	H	S	tanto faz	H	H	H
E14	H	M	EM (cursando)	1ª	P	P	H	H/P	P	P	P	P	S	R	H	P	H
E15	H	M	EM	3ª	P	P	P	H	P	H/P	P	P	mantendo	R	P	P	H/P
E16	PL	M	EM (cursando)	1ª	P	P	P	H	H	P	P	PL	S	R	P	P/PL	PL
E17	H	F	EF	2ª	P	P	P	H	H	H	PL	P	S	R	H	P	P
E18	PL	M	EM	2ª	P	P	PL	H	H	P	P	P	S	R	PL/P	PL/P	H/PL/P
E19	H	F	EM (cursando)	1ª	P	H	H	H	P	P	P	H	S	R	P	P	P
E20	H	F	EM (cursando)	1ª	P	H	P	H	H	P	H/P	H	S	R	H	P	H
E21	PL	M	EM (cursando)	1ª	PL	PL	H	PL	PL	PL	P	PL	S	R	PL	PL	PL
E22	H	M	EF	2ª	P	P	H	P	H	P	P	P	S	R	P	P	H
E23	H	F	EF	2ª	P	P	P	H	H	P	P	P	N	B	P	H	P
E24	H	F	EF	3ª	H	H	H/P	H/P	P	H/P	H	H	S	R	H	H	H

3 RESULTADOS DAS AUTO-AVALIAÇÕES DOS INFORMANTES DOS DOIS GRUPOS SOBRE O DOMÍNIO DAS LÍNGUAS NAS QUATRO COMPETÊNCIAS

TABELA 15 - DOMÍNIO FALAR - INFORMANTES DO *PLAUTDIETSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	01	03	-	Até 18	01	03	-	até 18	03	01	-
19-35	02	02	-	19-35	-	02	02	19-35	04	-	-
36-53	04	-	-	36-53	03	01	-	36-53	03	01	-
Total	07	05	-	Total	04	06	02	Total	10	02	-
%	58	42	-	%	33	50	17	%	83	17	-

TABELA 16 - DOMÍNIO FALAR - INFORMANTES DO *HOCHDEUTSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	-	-	04	Até 18	02	02	-	até 18	03	01	-
19-35	01	-	03	19-35	01	03	-	19-35	04	-	-
36-53	-	02	02	36-53	01	03	-	36-53	02	02	-
Total	01	02	09	Total	04	08	-	Total	09	03	-
%	8	17	75	%	33	67	-	%	75	25	-

TABELA 17 - DOMÍNIO ENTENDER – INFORMANTES DO *PLAUTDIETSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	04	-	-	até 18	03	01	-	até 18	04	-	-
19-35	04	-	-	19-35	02	02	-	19-35	04	-	-
36-53	04	-	-	36-53	04	-	-	36-53	04	-	-
Total	12	-	-	Total	09	03	-	Total	12	-	-
%	100	-	-	%	75	25	-	%	100	-	-

TABELA 18 - DOMÍNIO ENTENDER – INFORMANTES DO *HOCHDEUTSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	02	-	02	até 18	04	-	-	até 18	04	-	-
19-35	01	-	03	19-35	02	02	-	19-35	04	-	-
36-53	03	-	01	36-53	04	-	-	36-53	03	01	-
Total	06	-	06	Total	10	02	-	Total	11	01	-
%	50	-	50	%	83	17	-	%	92	8	-

TABELA 19 - DOMÍNIO LER – INFORMANTES DO *PLAUTDIETSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	-	-	04	até 18	02	02	-	até 18	04	-	-
19-35	-	-	04	19-35	02	02	-	19-35	04	-	-
36-53	01	-	03	36-53	03	01	-	36-53	03	01	-
Total	01	-	11	Total	07	05	-	Total	11	01	-
%	8	-	92	%	58	42	-	%	92	8	-

TABELA 20 - DOMÍNIO LER – INFORMANTES DO *HOCHDEUTSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	-	01	03	até 18	03	01	-	até 18	03	01	-
19-35	01	-	03	19-35	02	01	01	19-35	04	-	-
36-53	-	-	04	36-53	03	01	-	36-53	04	-	-
Total	01	01	10	Total	08	03	01	Total	11	01	-
%	8	8	83	%	67	25	8	%	92	8	-

TABELA 21 - DOMÍNIO ESCREVER – INFORMANTES DO *PLAUTDIETSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	-	-	04	até 18	02	02	-	até 18	03	01	-
19-35	-	01	03	19-35	01	03	-	19-35	04	-	-
36-53	-	01	03	36-53	02	01	01	36-53	03	01	-
Total	-	02	10	Total	05	06	01	Total	10	02	-
%	-	17	83	%	42	50	8	%	83	17	-

TABELA 22 - DOMÍNIO ESCREVER – INFORMANTES DO *HOCHDEUTSCH*

Plautdietsch				Hochdeutsch				Português			
Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim	Faixa etária	bom	médio	ruim
até 18	-	-	04	até 18	03	01	-	até 18	03	01	-
19-35	-	01	03	19-35	01	02	01	19-35	04	-	-
36-53	-	-	04	36-53	03	-	01	36-53	02	02	-
Total	-	01	11	Total	07	03	02	Total	09	03	-
%	-	8	92	%	58	25	17	%	75	25	-

APÊNDICE 3 - PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

1 LISTA DE SÍMBOLOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DO CORPUS

TABELA 23 - SÍMBOLOS USADOS DURANTE O PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO

Símbolo	Significado do símbolo
(.)	pausa curta;
(...)	pausa mais longa;
???	palavra ou pequeno trecho da gravação ininteligível pela qualidade da gravação, ruídos, interferências externas, trechos truncados, etc.;
↔	exclusão de um pequeno trecho de fala ou a exclusão da fala do entrevistador que interrompe a fala do entrevistado;
...	palavra incompleta, correção por parte do entrevistado
negrito	palavras da língua portuguesa ou oriundas dela (interferência lexical);
Ent	entrevistador;
E00	nº do entrevistado;
()	comentário adicional da pesquisadora;

2 NORMA DE TRANSCRIÇÃO GRÁFICA PARA O HOCHDEUTSCH

Para a transcrição do *corpus* em *Hochdeutsch* foram usados os critérios estabelecidos da ortografia alemã, pois a comunidade, mesmo após muitas gerações, ainda conserva o alemão considerado padrão.

3 NORMA DE TRANSCRIÇÃO GRÁFICA PARA O PLAUTDIETSCH

Neste trabalho foram adotados os critérios de transcrição dos fonemas e da ortografia do *Plautdietsch*, tendo como referência o dicionário “Mennonite Low German Dictionary” de Thiessen (2003: p. XV). Abaixo estão alguns exemplos escritos no *Plautdietsch*, no *Hochdeutsch* e no Português.

TABELA 24 - CONSOANTES DO *PLAUTDIETSCH*

Fonema	Ortografia	<i>Plautdietsch</i>	Tradução em <i>Hochdeutsch</i>	Tradução em Português
/p/	p	Punt	Pfund	meio Kilo
/b/	b	Boot	Boot	barco
/t/	t	Tün	Zaun	cerca
/d/	d	Dach	Tag	dia
/k/	ck	Socke	Socken	meias
/k/	k	Kolt	kalt	frio
/k/	g	Jung	jung	jovem
/g/	g	Golt	Gold	ouro
/f/	f	Fensta	Fenster	janela
/v/	w	bliewe	bleiben	ficar
/s/	s	Kuss	Kuß	beijo
/z/	s	Sonn	Sonne	sol
/s/	sch	Schalduak	Schürze	aventail
/z/	zh	Farzh	Verse	verso
/ç/	ch	maunche	manche	alguns
/ç/	jch	sajcht	sagt	diz
/x/	ch	Acht	acht	oito
/tʰ/	Tj	Tjoatj	Kirche	igreja
/dʰ/	dj	Ridje	Rücken	costas
/m/	m	Maun	Mann	homen
/n/	n	Nacht	Nacht	noite
/ñ/	nj	klunje	treten	pisar
/h/	ng	sunge	sangen	cantava
/l/	l	kullre	kullern	rolar
/lʰ/	lj	Eelj	Öl	óleo
/r/	r	Ruak	Rauch	fumaça
/j/	j	jreen	grün	a cor verde
/h/	h	haulf	halb	metade

TABELA 25 - DITONGOS DO *PLAUTDIETSCH*

/oa/	oa	Koa	Karre, Auto	carro
/ia/	la	Fia	Feuer	fogo
/ea/	ea	weare	waren	eram
/ea/	ää	jääjen	gegen	contra
/ei/	ei	Heimat	Heimat	patria
/ua/	ua	fuats	sofort	imediatamente

TABELA 26 - VOGAIS DO *PLAUTDIETSCH*

/a/	a	Sache	Sachen	coisas
/â/	e	emma	immer	sempre
/↔/	e	woare	werden	vão fazer
/⓪/	a	Voda	Vater	pai
/e/	ä	säde	sagten	disseram
/e/	e	Esel	Esel	burro
/i/	ie	wiet	weit	longe
/i/	i	witt	weiss	branco
/i/	ee	deep	tief	fundo
/o/	o	Noba	Nachbar	vizinho
/ /	o	Kopp	Kopf	cabeça
/u/	au	waut	was	o quê
/u/	oo	Boot	Boot	barco
/ü/	ü	Hüs	Haus	casa
/u/	u	huppse	hoppsen	pular

APÊNDICE 4 - LISTA CRONOLÓGICA COMENTADA DOS TRABALHOS MAIS RELEVANTES QUE TRATAM DA LÍNGUA ALEMÃ NO SUL DO BRASIL²⁶

No artigo pioneiro sobre o contato lingüístico alemão-português no Brasil *Die Sprache der Deutschen in Südbrasilien* em 1905, Lacmann aponta aspectos sociolingüísticos, mostrando as principais tendências da transformação da língua alemã no Sul do Brasil, constatando, por exemplo, que em regiões mais isoladas, há uma tendência mais conservadora em relação à cultura e língua alemãs e que há uma tendência forte de aculturação dos falantes nas cidades. Como os imigrantes estavam num ambiente novo, foram confrontados com objetos e instrumentos desconhecidos, para os quais criaram então um novo vocabulário muitas vezes com empréstimos e interferências do português. No Rio Grande do Sul, onde vivem principalmente imigrantes da região do *Hunsrück* (Alemanha), a língua apresentava-se, segundo Lacmann, mais intacta do que em Santa Catarina.

Bem mais tarde, em 1946, o antropólogo Emílio Willems escreveu um trabalho sobre a aculturação dos alemães no Brasil. A sua pesquisa trata dos aspectos que levaram à mudanças lingüísticas na língua alemã falada no Brasil. Por aculturação Willems compreende “às mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos que estabeleceram contatos diretos e contínuos” (1946: p.21). Para o autor, a aculturação e assimilação são conceitos coordenativos, correlativos e completivos. Ambos são aspectos do mesmo processo: a assimilação é o seu aspecto “subjetivo” porque envolve a personalidade; a aculturação representa o aspecto “objetivo” porque afeta os valores culturais.

Segundo Willems, as mudanças lingüísticas derivaram de três fontes principais e onipresentes em comunidades teuto-brasileiras (p.195):

- a) a necessidade de aquisição de uma terminologia inexistente no equipamento lingüístico trazido por países de língua germânica;
- b) a heterogeneidade cultural dos imigrantes;
- c) a convivência de grupos com níveis culturais distintos dentro de uma mesma comunidade.

²⁶ Foi utilizada, entre outros, a lista cronológica comentada em Sambaquy-Wallner (1998: p.17-22) e em Schaumloeffel (2003: p.5-15).

O autor contribuiu para a exploração da pesquisa sobre a interferência lingüística com uma lista de 693 palavras emprestadas do português. Após observações feitas na área do Itajaí (SC) em 1935, ele formula as seguintes conclusões (p.230-231):

- a interferência depende do prestígio da língua nacional;
- as gerações mais jovens mostram uma maior facilidade em aprender a língua nacional do que as gerações mais velhas (principalmente aos adeptos da confissão católica);
- a classe trabalhadora está sujeita a uma influência lingüística maior que qualquer outra classe;
- a interferência nas grandes cidades se mostra maior do que em comunidades isoladas, com pequeno número de habitantes.

Em 1953 Schaden faz um estudo sob o aspecto sociolingüístico numa comunidade rural (São Bonifácio - SC) dedicado exclusivamente ao tema da lexis. Até então, todos os trabalhos tratavam de maneira generalizada a língua alemã no Brasil.

No mesmo ano Reinhold Bossmann redige a obra *Zur Deutsch-Brasilianischen Mischsprache*, na qual frisou a variedade dos dialetos alemães e de seus falantes no Sul do Brasil, observando a grande importância de estudos exemplares sobre a língua alemã falada no Brasil, para que se possa obter resultados válidos. Bossmann generalizou as diversas variantes alemãs sob o título de “língua mista teuto-brasileira”.

Em 1957 Oberacker descreve as transformações da língua alemã no Brasil, distinguindo dois grupos de palavras recebidas no processo de assimilação: palavras de adaptação e palavras de assimilação cultural. Para este autor, a

“assimilação não é apenas um processo lingüístico, mas um processo “total”, que afeta todos os aspectos da personalidade: modifica não somente o seu modo de falar, como a sua maneira de pensar, de agir e de viver. A aculturação consiste na passagem de uma etnia para outra, resistindo a este processo, que se estende por gerações, apenas alguns traços secundários”. (Oberacker 1957: p.33)

Com o seu livro *Die Deutschbrasilianische Sprachmischung* (1959), Fausel contribui com a lista mais completa feita até hoje sobre empréstimos lexicais da língua alemã no Brasil. Segundo o autor, a mistura de língua brasileira alemã consiste em uma parte teórica e uma parte com uma lista de empréstimos de palavras em forma de dicionário. Ele avaliou o contato entre línguas como positivo, contanto que fosse mantido sob controle: *Mischung mit Maßen* 'mistura dentro dos limites'. O conceito "alemão-brasileiro" foi tratado no seu trabalho como uma língua homogênea, negando assim a existência de variedades do dialeto alemão no Rio Grande do Sul. Schaumloeffel (2003: p.6-7) porém, contesta isto, visto que o termo *Mischsprache/ Sprachmischung* (fusão) faz supor a existência de uma nova língua, uniforme, proveniente da mistura de dialetos do alemão com o português falados no Rio Grande do Sul. Segundo ele, não houve esta fusão, com conseqüente simplificação do léxico, da estrutura gramatical ou mesmo do sistema fonético.

Em 1969 Bunse e Klassmann publicaram *Estudos de Dialectologia no Rio Grande do Sul*. Estes estudos contribuiriam para a elaboração de um atlas lingüístico e etnográfico da Região Sul, o ALERS - *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul*. Por meio dos seus estudos propagou-se uma visão diatópica sobre os dialetos alemães falados no Rio Grande do Sul, contrariando assim a tese de Fausel, de que há uma única variedade de dialeto alemão no sul do Brasil.

Mais tarde, Baranow (1973) elabora um estudo sobre a interferência na língua escrita alemã no Brasil a partir de um *corpus* retirado de registros em alemão de jornais impressos. Baranow concentra-se mais na interferência lexical e afirma que um dos aspectos principais da interferência é determinado pela economia de língua e pelo aspecto funcional da comunicação.

Em 1974 Koch escreve a obra *Falares Alemães no Rio Grande do Sul*, afirmando que os dialetos alemães, no Sul do Brasil, não se dissolveram totalmente numa *koinê* teuto-rio-grandense uniforme e homogênea, apesar da forte migração e predominância de dialetos da região (Koch 1974: p.28).

Staub (1983) pesquisou o dialeto *Hunsrück* em São Martinho, Rio Grande do Sul. Seu trabalho sociolingüístico concentra-se numa análise léxica, apesar de a descrição englobar características fonológicas e morfológicas.

Pichl (1983) oferece com o seu trabalho *Morphosyntaktische Besonderheiten der deutschen Schriftsprache in Brasilien als Folge des deutsch-*

*portugiesischen Sprachkontakts*²⁷, uma extensão da obra de Baranow, na qual pesquisa as interferências morfossintáticas a partir de um *corpus* formado por textos selecionados de dois jornais brasileiros em alemão.

Kahmann (1987) fez um trabalho sobre interferência entre o português e o dialeto falado em Dinimbu (RS) e traz uma proposta didático-metodológica de educação bilíngüe, respeitando as características desta comunidade.

Sambaquy-Wallner (1998) estudou aspectos lingüísticos e sociolingüísticos do dialeto falado na comunidade de São José do Hortêncio – RS, dando ênfase às interferências morfossintáticas e à troca de código²⁸.

Altenhofen realiza em 1996 uma descrição do vocalismo e o consonantismo do *Hunsrückisch* do RS. No seu estudo das interferências fonéticas e fonológicas do português nos dialetos alemães falados em dez comunidades diferentes do RS, ele dá grande importância ao tratamento da variação e dos empréstimos do português integrados ao *Hunsrückisch*.

Damke (1997) analisa e descreve as variedades *Hunsrückisch*, chamadas por ele de *Brasildeutsch*, utilizadas na pequena comunidade de agricultores de Linha Ipê, na região das Missões no RS. Segundo o autor, a variedade do *Brasildeutsch* mostra-se “bem mais estável que as outras línguas maternas em idênticas situações de línguas em contato” (1997: p.319). Com base nos dados obtidos o autor prevê “que esta mescla lingüística ainda continuará a ser intensamente aprendida e utilizada ao longo de diversas gerações” (1997: p.319).

Schaumloeffel (2003) na sua pesquisa sobre o dialeto *Hunsrück* falado em Boa Vista do Herval do RS faz uma ampla descrição de interferências: no uso dos artigos, verbos e preposições; junto às terminações de substantivos e a formação de plural; nas esferas lexical, semântica e sintática. Quanto ao gênero, Schaumloeffel conclui “que todos os substantivos emprestados pelo português mantêm o mesmo

²⁷ Particularidades morfossintáticas da língua alemã escrita no Brasil como consequência de um contato lingüístico entre as línguas alemã-portuguesa

²⁸ O estudo de Sambaquy-Wallner é comentado mais amplamente no capítulo da revisão da literatura desse trabalho.

gênero correspondente em DBVH²⁹, com exceção dos diminutivos, que se tornam neutros, seguindo a regra do DBVH” (2003:p.120). Quanto aos verbos emprestados do português, aplica-se o sufixo verbal “ehre” no infinitivo, e no emprego dos tempos verbais usa-se as flexões normais no DBVH. As interferências lexicais e semânticas, segundo o autor, ocorreram com grande freqüência, “principalmente no empréstimo de substantivos, cuja maioria são empréstimos lexicais puros ou sofreram algum tipo de alteração na formação de plural ou na supressão ou substituição da vogal fraca postônica ao serem incorporados ao DBVH” (2003: p.121).

Os trabalhos de Altenhofen (1996), de Sambaquy-Wallner (1998), de Damke (1997) e de Schaumloeffel (2003) por não terem como pretensão principal estudar somente a interferência lexical do português em um dialeto do RS, e dando ênfase nas diversas áreas de interferências (fonéticas e fonológicas, morfológicas, sintáticas etc.) do português no *Hunsrück*, representam umas das obras mais importantes para os estudos da interferência do português nos dialetos do alemão falados no Rio Grande do Sul.

²⁹ Dialeto de Boa Vista do Herval (RS)

ANEXOS

ANEXO 1 - HINO DE WITMARSUM

WITMARSUM'S HYMNE

Text: Gustav Reimer und Benno Asseburg

Melodie: stammt aus Russland

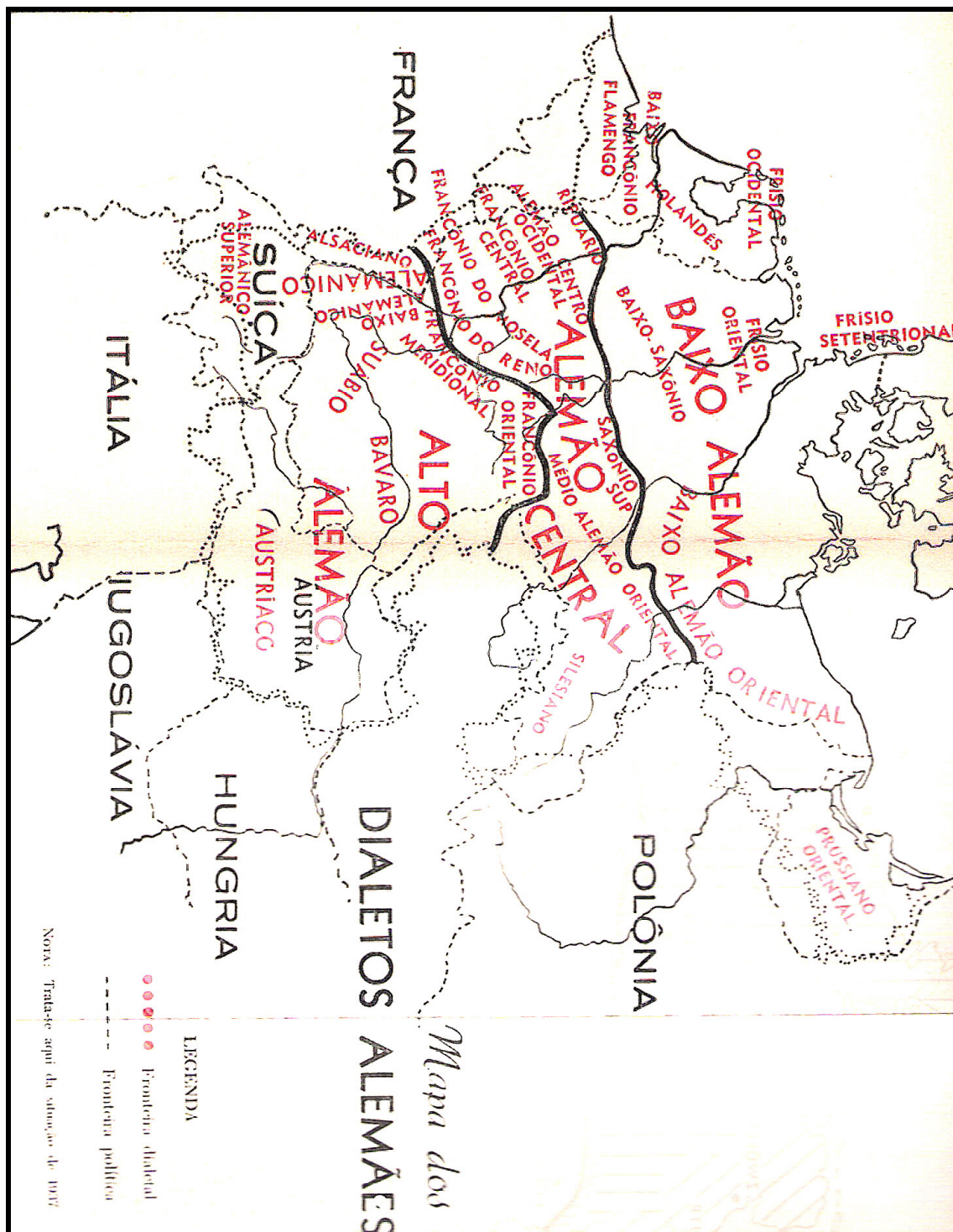
Auf Brasiliens grünen Auen,
nah bei Curitiba rum,
liegt, gar herrlich anzuschauen,
unsere Siedlung Witmarsum.

Die Bewohner sind Mennisten
Uns sie geben viel darum,
Dass auch alle Leute wüssten
Von dem schönen Witmarsum.

Unsere Furchen, die sind grade.
Unsere Wege, die sind krumm.
Doch das ist uns gar nicht schade
In dem schönen Witmarsum.

Kühe sind uns Glück und Ehre,
Und sie machen viel gebrumm,
Doch es brummen auch noch mehre
In dem schönen Witmarsum.

Wir verbrauchen, was wir haben,
Und sind unsere Tage um,
Wird versenkt man und begraben
Im geliebten Witmarsum.

ANEXO 2 - MAPA DOS DIALETOS ALEMÃES³⁰

³⁰ Fonte: A língua alemã de Erwin Theodor, 1963 p.228.